

Alex Sander Alcântara

Sentidos da Metrópole

Série São Paulo de Perfil na mediação do espaço público

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, na área Teoria e Pesquisa em Comunicação, sob a orientação da Professora Dr^a Cremilda Celeste de Araújo Medina.

São Paulo, agosto de 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES

Departamento de Jornalismo e Editoração

Alex Sander Alcântara L. de Santana

Sentidos da Metrópole

Série São Paulo de Perfil na mediação do espaço público

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, na área Teoria e Pesquisa em Comunicação, sob a orientação da Professora Dr^a Cremilda Celeste de Araújo Medina.

São Paulo, agosto de 2009

Folha de aprovação:

Dissertação “*Sentidos da Metrópole - série São Paulo de Perfil na mediação do espaço público*” aprovada pela banca examinadora, constituída pelos seguintes professores:

1 - _____

2 - _____

3 - _____

Dedico este trabalho a todos os estudantes [hoje profissionais experientes] que participaram do *São Paulo de Perfil* e que buscam, na efetiva mediação social, o diálogo possível nesta difícil arte de tecer o presente.

Agradecimentos

À Kelly, companhia inseparável há treze anos, apoio constante, amor incondicional, afeto sincero e profundo.

Aos meus pais, Fausto Lopes e Maria Neide, pelo apoio e confiança.

À minha irmã Adriana e à minha sobrinha Elis que ainda está descobrindo o encanto das palavras.

À Cremilda Medina, cuja confluência [e afeto] me alcançou antes mesmo de conhecê-la. A ela, não só agradeço como dedico este 'inventário de ranhuras'.

A Sinval Medina, que com sua poética me deu alento e força para escolher o rio e fazer a travessagem.

Aos professores Dimas Kunsch e Eugênio Bucci, pelas pertinentes críticas, observações e sugestões preciosas na etapa de qualificação desta pesquisa.

Ao jornalista e amigo Luiz Costa Pereira Júnior, mão amiga e solidária, jornalista de primeira grandeza.

Ao poeta das lentes Márcio Garcez, amigo incondicional.

A Renato Seixas, homem de face rara.

Aos meus amigos Hugo Sidney, Gerry Sherlok, Arivaldo Montalvão, de quem trago fortes lembranças guardadas na retina.

Ao jornalista Fred Linardi, por toda força, pelo jornalismo nas veias e pelo apoio na revisão do abstract.

Agradeço ao CNPq pela bolsa na segunda fase desta pesquisa.

Agradeço também aos funcionários da secretaria do CJE/ECA, em particular, na pessoa generosa de Paulo César Bontempi e aos funcionários da secretaria de pós-graduação.

E a todos os pós-graduandos, orientandos de Cremilda Medina, em especial aos amigos Fábio de Castro, Katiuscia Lopes, Márcia Blasques, Patrícia Patrício, Raul Osório, Ana Olmos e a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente.

Resumo:

Sentidos da Metrópole aborda a relação entre cidade, jornalismo e o espaço público urbano. O trabalho tenta mostrar como o jornalismo, que nasceu com as cidades, contribuiu para ampliação do espaço público. A imprensa foi o primeiro recurso tecnológico moderno para informar-se sobre a cidade, acompanhou as demandas de transformação por que passaram as aglomerações urbanas, mas se vê obrigada a repensar seus métodos de análise sobre as novas e complexas configurações da cidade. A dissertação apresenta como estudo de caso a série *São Paulo de Perfil*, coleção de livros-reportagem, surgida na ECA/USP em 1987, mapeia os temas abordados na série e tenta mostrar como os 27 livros trataram os espaços públicos na metrópole.

Palavras-chave: jornalismo, cidade, espaço público, reportagem, São Paulo de Perfil

Abstract

Senses of Metropolis broaches the relationship between city, journalism and urban public space. This research attempts to show how journalism, that was born in the cities, contributed to the expansion of public spaces. The press was the first modern technology supply for informations about the city. It has followed the demands of changes that have taken place in urban agglomerations, but it also sees itself required to rethink about its methods of analysis on the new and complex urban settings. The dissertation, as a case study, presents the series São Paulo de Perfil, a collection of “books-reports” that has arisen in the ECA/USP in 1987. The following paper maps the topics covered in the series and tries to show how those 27 books dealt with the public spaces in metropolis.

Key words: journalism, city, public space, report, series São Paulo de Perfil

Sumário

Introdução:

Vacas Pictóricas, pianos e jornalismos, 14

1. Metonímias da cidade, 25

1.1 - *Cidade, jornalismo e espaço público*

1.2 - *Dimensões do espaço público*

1.3 - *A cidade como espaço público*

1.4 - *São Paulo: cidade de muros?*

1.5 - *Espaço público como criação de sentidos*

2. Itinerâncias Urbanas, 64

2.1 - *Da gênese à trilogia da crise*

2.2 - *Saga migratória*

2.3 - *Periferias e subcidadania*

2.4 - *Cidadania adiada*

2.5 - *Saga lusitana na Nau dos Desejos*

2.6 - *Pautas esquecidas*

3. Por uma pedagogia dos afetos, 112

3.1 – Ciência, jornalismo e saberes plurais

3.2 - A arte como (*in*)disciplina

3.3 - Narrativa polissêmica e polifônica

(considerações sobre a *reportagem-ensaio*)

3.4- A série no espaço público

4. Cartografia Sentimental, 142

4.1 – Sonata para a cidade

(Arqueologia dos espaços públicos polifônicos)

5. Apenas algumas palavras..., 159

6. Referências Bibliográficas, 160

Anexos:

A - Todas as capas, São Paulo de Perfil, 169

B - Reportagens selecionadas, 173

1 - "Amargo regresso à casa paterna", **Forró na Garoa** (v. 4)

2 - "As Brumas de Marsilac", **À margem do Ipiranga** (v. 8)

3 - "Sopa de São Francisco", **A Casa Imaginária** (v. 6)

4 - "As minhas sobranceiras pretas". **Nau dos Desejos** (v. 14)

5 - "Voltas ao redor do Centro", **Vamos ao Centro** (v. 15)

6 - "De Charles Chaplin a John Travolta", **Viagem ao Sol Poente** (v. 18)

7 - "No Olho da Rua", **Bem Viver, Mal Viver** (v. 19)

8 - "A nação dos Tropeiros", **Mundão Véio sem porteira** (v. 20)

9 - "Por baixo da terra, de olho na paisagem", **Cotidianos do Metrô** (v.22)

10 - "O doce Rezende", **Sagas do Espigão** (v.24)

C - Ensaio fotográfico

"**Silêncios no labirinto**", Denise Camargo, Cotidianos do Metrô.

D - Matérias publicadas sobre o São Paulo de Perfil; Ofício, convênio da Secretaria de Estado da Educação

Nação e Narração*

Octavio Ianni

A nação, em seus diferentes e múltiplos aspectos, pode ser vista como uma longa narrativa. Uma narrativa a muitas vozes, harmônicas e dissonantes, dialogando e polemizando, em diferentes entonações. São narrativas empenhadas em taquigrafar as diferentes e múltiplas características da formação e transformação da sociedade nacional. Uma empenha-se em taquigrafar história, geografia, economia, política, demografia; outras, a dinâmica sociocultural e psicossocial; e há as que se debruçam sobre as criações artísticas, compreendendo a literatura e as artes plásticas; sem esquecer a música, que também participa dessa metanarrativa. Todas, em diferentes gradações e entonações, contribuem para o entendimento de como a nação se pensa e repensa, buscando constituir-se, explicar-se e imaginar-se.

(*) O fragmento de ensaio está publicado no livro *Antonio Candido – Pensamento e Militância*, organizado por Flávio Aguiar, editora Humanitas, 1999.

Vacas pictóricas, pianos e jornalismo

*"A rua mastiga
os homens: mandíbulas
de asfalto, argamassa,
cimento, pedra e aço.*

*A rua degluta
os homens: e nutre
com eles seu sôfrego,
omnívoro esôfago.*

*A rua digere
os homens: mistérios
dos seus subterrâneos
com cabos e canos.*

*A rua dejecta
os homens: o poeta
o agiota, o larápio,
o bêbado e o sábio"*

(Epigrafe in Rua, Guilherme de Almeida)

Cena 1

Em 2005, cerca de 50 vacas em esculturas de fibra de vidro, em tamanho natural, decoradas pelos mais diferentes e renomados artistas de São Paulo, ganharam os espaços públicos da cidade.

Cena 2

Em outubro de 2008, pianos invadiram as ruas da cidade. O projeto da mostra *Play-Me. I'm Yours [toque-me, sou teu]* espalhou oito pianos em vários pontos de São Paulo: Largo de Santa Cecília, Poupatempo Sé, Estação da Luz, entre outros. Qualquer um que passava, poderia tocar algo em público, fosse músico ou não.

As duas cenas captam um momento particular das cidades: a necessidade de se levar arte às ruas de forma inusitada, de forma que se incluam os anônimos das metrópoles ora como espectadores ora como produtores simbólicos. Outra leitura possível revela a necessidade de se ocupar os espaços públicos nas cidades para desenvolver o sentimento de 'pertencimento'. De acordo com Jesús-Martín Barbero, ao relatar as experiências de ocupação dos espaços públicos em Bogotá, na Colômbia, a partir das interferências artísticas, as cidades vivenciam uma nova experiência a partir de alguns dispositivos simbólicos. Trata-se de um

rico e complexo processo de luta contra a explosiva mistura de conformismo, raiva e ressentimento que podem ser substituídos pela “reivindicação de uma cultura política de pertencimento” porque

[...] o que verdadeiramente molda uma cidade não é a arquitetura nem a engenharia, mas os cidadãos comuns; contudo, para que isso seja possível, os cidadãos precisam se reconhecer na cidade¹ [...]

De acordo com o autor, se antes a cidade era tornada invisível por falhas nos serviços públicos [o que afeta diretamente o cotidiano das pessoas], agora se procura uma mudança de foco de modo a perceber essas deficiências não mais como um fato inevitável e isolado, mas como o ‘traço de uma figura deformada’ no seu conjunto. Dito de outra forma, morar não é o mesmo que se sentir parte de onde se vive. E a arte revela sinais dessas fraturas.

Metrópoles são conhecidas pelo tipo de arte de rua que produzem em seus espaços. A arte de rua de São Paulo [como os murais de grafite, por exemplo] existe desde a década de 1970, mas somente nos últimos anos antigos grafiteiros de São Paulo, como os irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo, conhecidos como os gêmeos, ganharam repercussão internacional. O fato é que a cidade é um sistema de interação

¹ MARTIN-BARBERO, Jesús. Novas sensibilidades políticas da cidade e visualidades narrativas da violência. Revista Matrizes, ECA/USP, São Paulo, Ano I, nº 1, jul – dez, 2007, p.33.

comunicativa entre atores sociais, responsáveis pela produção de cultura e simbologias urbanas. Estudá-la sob o ponto de vista comunicativo é “descrever e interpretar a história e os cenários urbano e periférico, é pensar o papel da cidade através da leitura do espaço e de suas representações como parte integrante de um sistema comunicacional”².

Nesse aspecto, a cidade de São Paulo oferece múltiplas chaves interpretativas. De qualquer ângulo que se veja, a Paulicéia tece uma narrativa superlativa e hiperbólica. A maior cidade do país abriga a ‘maior’ economia, o maior PIB. No campo oposto, é uma das cidades mais violentas, onde as diferenças são igualmente assustadoras.

Como bem observou Octavio Ianni, [na epígrafe desse estudo] a nação pode ser vista como uma longa narrativa com vozes harmônicas e dissonantes, sob vários pontos de vista. E, a partir de vários enfoques, a história de São Paulo se apresenta *sui generis*. A cidade nasceu escondida, sob a proteção da Serra do Mar. O jornalista Roberto Pompeu de Toledo denominou de *Capital da Solidão* o livro [uma espécie de biografia de São Paulo] que remonta aos primórdios do Piratininga do século XVI até os anos de 1900, quando São Paulo ainda se transformava em vila. Ao batizar de "capital da solidão", o jornalista lança uma luz fundamental na

² PRYSTHON, Angela (org). *Imagens da Cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas*. Porto Alegre, Sulina, 2006.

compreensão da trajetória da cidade: o isolamento em relação aos centros de poder do Brasil Colônia e do Brasil Império. De acordo com Roberto Pompeu, o destino de São Paulo, ao longo dos três primeiros séculos de existência, foi de isolamento e solidão. Não se compreenderá a história de São Paulo sem antes atentar para a serra do Mar, assinala Pompeu.

Os historiadores reforçam essa ideia da Serra do Mar como caso que merece destaque na historiografia brasileira. Desde os primórdios, no século XVI, a fundação do Piratininga, um povoado de portugueses “apartado 12 léguas do litoral atlântico, em sertão quase ínvio – só acessível através de ásperas veredas, que até ao século passado seriam o tormento ou o espantinho dos viajantes – sugere problemas que transcendem o alcance de uma simples história regional. Em parte alguma das suas conquistas, certamente em lugar algum do Brasil, tinham os lusitanos formado um assento urbano tão longe da costa marítima ou dos rios navegáveis³”.

A fundação de São Paulo não foi marcada por uma apenas, mas por várias fundações. A missa realizada pelos jesuítas, em 25 de janeiro de 1554, no Pátio do Colégio, ficou consagrada pela historiografia clássica como o marco fundacional de São Paulo. Surgiu como cidade satélite da cidade portuária de São Vicente, fundada duas décadas antes, em 1532,

³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Piratininga: 1532 – 1560. Publicado na Folha da Manhã em 24 /01/1954.

por Martim Afonso de Souza. Outros episódios, contudo, antecedem o marco inaugural do Piratininga. O primeiro dos eventos, inteiramente informal, ocorreu com João Ramalho, um aventureiro e povoador português, entre 1510 e 1515, que teria passado provavelmente nos arredores, da futura Santo André Afonso de Souza; o segundo, por volta de 1532, foi obra de Martim Afonso de Souza, em local desconhecido, possivelmente próximo ao atual centro histórico. E o terceiro surgiu por iniciativa do padre Leonardo Nunes, responsável pelo estabelecimento da capela de Santo André da Borda do Campo, em 1554. E, por fim, em 1560, período em que a historiografia também registra o momento em que os moradores de Santo André se transferiram para Piratininga, que até então não era uma vila, muito menos cidade, e onde existia apenas o pequeno colégio e igreja de jesuítas⁴.

Até as primeiras décadas do século XIX a cidade permaneceu como uma acanhada capital de província. Impulsionada pela produção de café, depois pela industrialização, São Paulo reconfigurou seu espaço urbano; abrigou “três cidades em um século”, como bem observou o arquiteto e historiador Benedito Lima de Toledo em sua obra homônima ao falar das mudanças na feição urbana da cidade no século XX. Sob a visão da filósofa Olgária Mattos, a cidade se apresenta

⁴ Os fragmentos históricos foram retirados do livro *Os nascimentos de São Paulo*. A obra é o resultado do workshop promovido pela Nossa Caixa que reuniu sete dos maiores especialistas na história de São Paulo para falar sobre os eventos que marcaram a gênese da cidade. A coletânea, organizada pelo jornalista Eduardo Bueno, foi lançada pela Ediouro em 2004.

[...]arqueológica, construída em camadas de memória. O que é recente se deteriora antes de envelhecer, o novo se ergue sobre o que é devastado sem deixar rastros. São Paulo, heracliteana, einsteiniana, mudança incessante de sua aparência, de sua essência, de referências. Por um secreto mimetismo entre ela e nós há semelhanças, correspondências. Somos imperiais na avenida Paulista; parisienses na São Luís; ubíquos no cruzamento da Ipiranga e avenida São João, a esquina do mundo⁵

O poeta Manuel Bandeira disse certa vez que São Paulo representara para ele uma tragédia. Ele, pernambucano de nascença, tendo morado no Rio de Janeiro e São Paulo, descobriu na Paulicéia ser portador da tuberculose [em 1904], uma doença que marcaria toda a sua vida. Retornou ao Rio em busca de melhores climas para sua saúde. Mas foi São Paulo que revelara para ele a poesia⁶. Em 1908, o jornalista Paulo Barreto, conhecido como João do Rio, registrou seu fascínio por São Paulo em sua coluna na Gazeta de Notícias: *“Eu amo São Paulo. Dizem os meus amigos que eu*

⁵ MATOS, Olgária. *Vestígios: escritos de filosofia e crítica social*. São Paulo, Palas Athena, 1998, p. 34.

⁶ PILAGALLO, Oscar (org). *São Paulo, 450 anos: Histórias e Crônicas da Cidade na Folha*. São Paulo, Publifolha, 2003.

*tenho a doença de São Paulo. Não sou só eu*⁷". Eu, um tipo moderno de *flâneur*, que gosta de perambular por cidades, também fui acometido por esse vírus da observação que só a rua nos dá. Conheci São Paulo perambulando por seus espaços públicos. Mas meu contato simbólico com a Paulicéia se deu antes com a leitura da série *São Paulo de Perfil*, conjunto de 27 livros-reportagem, produzido pelos alunos da Escola de Comunicação e Arte da USP, desde 1987.

Nas artes, na história, na arquitetura, na filosofia, no jornalismo, a cidade de São Paulo é o cenário onde se desdobram as narrativas contemporâneas. Com olho um nos saberes plurais, ouvindo a respiração das ruas, o estudo analisa reportagens produzidas por alunos da graduação e da pós-graduação, no curso de Jornalismo da ECA, focadas no processo da aventura de narrar o cotidiano de seus moradores. Tendo o jornalismo como principal mediador, a partir da leitura da série *São Paulo de Perfil*, pretende lançar vários focos de discussão sobre o espaço público urbano. Procuo mostrar como, no conjunto de 27 livros, a partir de algumas reportagens [também chamadas neste estudo de reportagem-ensaio] os repórteres buscaram significados múltiplos ao explorarem os espaços de São Paulo, também denominados de "espaços públicos polifônicos". Espaços estes que se focam principalmente nos extremos da cidade [cujo modelo urbano converge para as periferias], no centro histórico e também

⁷ SCHAPOCHNIK, Nelson. *João do Rio, um dândi na Cafelândia*. São Paulo, Boitempo, Editorial, 2004, p.22.

nos transportes. Nesse sentido, coerente com o foco dos “espaços urbanos”, os principais livros que serão analisados da série que narra o cotidiano da metrópole desde 1987 são, principalmente, *À Margem do Ipiranga* (nº 8), *Vamos ao Centro* (nº15) e *Cotidianos do Metrô* (22). O recorte se justifica sobretudo por envolver duas perspectivas diferentes: convergência-dispersão e capta flagrantes dos protagonistas anônimos inseridos nesse processo. A centralidade aqui se refere ao lugar para onde se converge e para onde o olhar do público é mais visível; refere-se em particular ao centro de São Paulo, mas também a outros centros [financeiros, de compras etc.] No caso da análise do livro *Cotidianos do Metrô*, a escolha se dá pelo “lugar em trânsito”, onde todos se encontram ou podem se encontrar, habitualmente ou não. A escolha se justifica também, como dito anteriormente, pela noção de “processo”, uma espécie de olhar metalingüístico sobre a atividade jornalística. E os três livros em particular formam um elo metafórico: entre dois pontos fixos (centro-periferia), a noção de processo está presente e pode ser simbolizada pelos meios de transporte (*Cotidianos do Metrô*).

A noção que se parte nessa pesquisa considera a ideia de espaço público gerado pela comunicação social, em particular pela narrativa jornalística [a partir do estudo de caso sobre o projeto *São Paulo de Perfil*], partindo-se de duas ideias-chave sobre o espaço público. A primeira defende a hipótese de que o *São Paulo de Perfil* criou ao longo de 22 anos de

existência um espaço público alternativo dentro da Universidade de São Paulo. Como projeto de extensão, representou uma introdução ao exercício da cidadania a todos que participaram, principalmente estudantes de graduação e pós-graduação da USP. Mas é no plano da reportagem [na forma como o projeto abordou os espaços de São Paulo] que o São Paulo de Perfil imprimiu sua maior grandeza.

A maior dificuldade foi selecionar algumas reportagens entre mais de 500 textos [resultado de 27 livros até agora]. Na seleção em anexo [reportagens, crônicas, memórias], optou-se por textos mais representativos, tanto em relação ao tema, quanto pela inovação na abordagem. Mas uma linha une a todos: a qualidade do produto final na tentativa de se apresentar um microcosmo da produção da série nesses 22 anos. Nos anexos, selecionei também um único ensaio fotográfico entre muitos que acompanham a maioria das publicações da série. Embora o estudo não faça uma análise sobre as imagens, a escolha de "Silêncios no labirinto", de Denise Camargo, que acompanha o livro *Cotidianos do Metrô* (v. 22), justifica-se por sintetizar em imagens o que gostaria de traduzir em palavras a minha impressão sobre a cidade de São Paulo. No primeiro capítulo, tentou-se estabelecer uma relação entre cidade, espaço público e jornalismo, tendo como foco a ideia de espaço público como criação de sentidos. No segundo, apresento a história do São Paulo de Perfil, mapeando os temas abordados na série. No terceiro, abordam-

se as ferramentas metodológicas da oficina de narrativas. E, por fim, no quarto, procuro encontrar os sentidos da metrópole, a partir das narrativas do São Paulo de Perfil. Ao eleger os espaços públicos urbanos, buscou-se na análise das narrativas colocar em primeiro plano os protagonistas anônimos: quem é o habitante [anônimo] de São Paulo? De onde veio? Para onde vai? Como mora nesta cidade? Por que decidiu morar aqui? Pelo olhar desse '*flâneur* metropolitano', este estudo tenta estabelecer os nexos entre espaço público, jornalismo e cidade. As duas cenas descritas no início desse texto alertam para a necessidade de entender a cidade e de repensá-la sobre vários aspectos. E o jornalismo também pode dar sua contribuição nesse processo. Mas as cenas revelam, sobretudo, como a arte sempre se antecipa e dá o primeiro passo.

**Metonímias
da cidade**

1.1 - Cidade, jornalismo e espaço público

Uma das três acepções do dicionário Houaiss [versão multimídia] para a palavra 'jornalismo' diz que a atividade consiste numa "abordagem superficial de um tema, menos interessada em esclarecê-lo do que em agradar o gosto e os interesses populares que estão na moda". E ilustra essa terceira acepção com um exemplo: "o teor das declarações do cientista tende mais para o jornalismo do que para a ciência". É sintomático que, mesmo contemporaneamente, o conhecimento produzido pelo jornalismo ainda provoque uma certa desconfiança entre cientistas, historiadores, literatos e áreas afins que comumente se sentem invadidas e ameaçadas pelos *media*.

Esse sentimento de "ameaça" foi bem ilustrado por Hans Magnus Enzensberger ao refletir sobre a literatura no contexto das novas mídias. Expoente da chamada "geração crítica", engajada contra o autoritarismo na Alemanha desde a 2ª Guerra, o pensador [poeta, escritor e ensaísta alemão] mostra como a literatura passou por um processo de socialização com o advento dos meios eletrônicos de comunicação social. No ensaio "Literatura como instituição ou o efeito aspirina⁸", Enzensberger parte do princípio de que a literatura é uma instituição [assim como a Igreja, a

⁸ ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Mediocridade e Loucura e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1995.

Escola, o Exército], mas suas realizações não são tão óbvias, por serem mais sutis e duradouras. Segundo o ensaísta, a literatura foi responsável por “inventar e fabricar novos sentimentos e percepções históricas⁹”, um diálogo provocador em resposta à visão marxista tradicional que analisava a literatura como instrumento ideológico a serviço da classe dominante, a burguesia, garantindo assim sua hegemonia.

De acordo com Enzensberg com o surgimento dos meios de comunicação ‘massiva’, a literatura “perde peso e seu território diminui cada vez mais¹⁰”. O ensaio de Enzensberg aborda a priori a chamada “crise da literatura” e o ressentimento de boa parte de literatos de que o público estaria fugindo dela. Longe da preocupação com o fenômeno estatístico envolvendo a indústria editorial e o comércio de livros, o que o ensaísta coloca em primeiro plano é a reação negativa de boa parte da crítica à ameaça “invasora” de uma instituição [a literatura] por outras [as novas mídias]. Diante desta constatação, Enzensberg provoca:

Qual é a pior coisa que pode acontecer com uma instituição? A Invasão de suas áreas tradicionais de competência por outra instituição. No dia em que se decide a formação de um novo Ministério da Educação, instala-se o pânico no Ministério da Cultura. Uma atmosfera de catástrofe se espalha da ante-sala do chefe até à mesa do funcionário mais subalterno! Não são apenas seus locais de

⁹ Ibidem, p. 28.

¹⁰ Ibid., p.30

trabalho que estão ameaçados, mas todo o território da gangue, sua legitimidade, responsabilidade, autoridade. A instituição está sendo esfolada viva. Algo bastante similar vem ocorrendo com a literatura¹¹.

E para comprovar sua hipótese de que a literatura passou por um “processo de socialização”, a partir da hegemonia dos novos meios, Enzensberg conclui o raciocínio afirmando que a instituição literária perdeu sua “antiga posição privilegiada e sua competência especial se dissolveu como uma aspirina¹²”. E o autor lança mão de uma metáfora curiosa para mostrar como a instituição literária se tornou uma das vítimas desse processo:

Vejam este copo de água, olhem agora para esta aspirina branca e observem o que acontece. A instituição se dissolve, mas não desaparece. Ela continua existindo, mas deixa de chamar atenção. Finalmente distribuída, ela continua existindo como solução e como dispersão. A concentração diminuiu, mas agora ela está onipresente. Observem outro detalhe que poderá se revelar significativo, apesar de não podermos ter certeza. Estou me referindo ao sedimento. Se observarmos atentamente, perceberemos um depósito esbranquiçado no fundo do copo, o resíduo persistente do concentrado original. Estes resquícios obviamente resistiram à dissolução. Podemos ignorá-los, uma vez que parecem ser insignificantes quando comparados com à

¹¹ Ibid., p.31

¹² Ibid., p.33

grande aspirina original. [...] o que temos diante de nós é um processo de socialização¹³

Voltando ao ponto inicial [do verbete sobre jornalismo], os jornalistas vivem cotidianamente esse sentimento de se sentirem “invasores” de áreas mais tradicionais como, por exemplo, a literatura. Percebe-se no verbete do Houaiss alguns traços que denotam a visão sobre o jornalismo como uma atividade ‘menor’ cujos assuntos são tratados com superficialidade. Um verbete sobre Jornalismo teria obrigatoriamente que abarcar a importância histórica do termo como fazem as enciclopédias italianas Einaudi que convidam pesquisadores das respectivas áreas. Para escrever sobre o que é História, por exemplo, um dos verbetes é assinado pelo historiador francês Jaques Le Goff¹⁴. As definições apontadas pela equipe do Instituto Houaiss são pobres, dispensáveis e só reforçam estereótipos.

Embora o radical da palavra seja o mesmo para o inglês e para o francês [*jour = dia*], datada em 1781, é indiscutível, do ponto de vista semântico, a primazia francesa [*journalisme*] sobre o significado. Do latim *diurnalis* ou *diurnun*, jornalismo refere-se ao tempo de um dia. Numa definição mais ampla, o jornalismo se define, grosso modo, como relato do dia a dia de uma cidade. A atividade nasce com as cidades, acompanha as etapas de desenvolvimento urbano-industrial e a dinâmica sócio-econômica e

¹³ Ibid., p. 32

¹⁴ Traduzida para o português pela Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1984.

cultural de uma região. Eis um ponto importante dessa pesquisa, recuperar a relação entre cidade e jornalismo, a partir do espaço público. Ou seja, o jornalismo como agente formador do espaço público.

Estudos sobre a história da imprensa localizam o seu surgimento no século XV. A criação dos tipos móveis por Johannes Gutenberg, em 1453, marco do surgimento da imprensa moderna¹⁵ no Ocidente, está articulado com as diversas mudanças no campo político-econômico [como o nascimento da burguesia] e social [mudanças de mentalidade] que marcariam essa transição do período medieval para o que se convencionou chamar de modernidade. Portanto, o advento da imprensa possibilitou a difusão das ideias que marcam uma transição, a ruptura com estruturas políticas e sociais mais fechadas. E são as cidades, no século XV, que vivenciam e acompanham o epicentro dessas mudanças. De acordo com Donatella Calabri, professora do Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza, para a “cidade, o século XV é um século de grandes inovações¹⁶”. Segundo ela, o cerco a Constantinopla, em 1453, fez com que um grande número de estudiosos, no Ocidente, se transferisse para Florença, Milão, Mântua, Veneza, com seus tesouros de arte e manuscritos. A invenção da prensa tinha facilitado a difusão da cultura e da civilização do Renascimento. E

¹⁵ A história da imprensa registra datas mais antigas para o uso de tipos móveis. A corte chinesa lia mensalmente, no século IX, o *Kin Pau*, o mais antigo jornal impresso do mundo. Surgido em Pequim em 748, nele já se usavam os tipos móveis para os diagramas. In: ALBERT, Pierre. *Histoire de La Presse*. Paris, Presse Universitaires de France (PUF), 2003.

¹⁶ CALABRI, DONATELLA. *A cidade do primeiro Renascimento*. São Paulo, Perspectiva, 2008, p.21.

cartografia passa a ser utilizada com maior freqüência como “um instrumento de conhecimento, de controle e gestão da cidade e do território por ela dominado¹⁷”.

Para Le Goff, ao entrevistar o historiador Jean Lebrun, as funções essenciais de uma cidade são “a troca, a informação, a vida cultural e o poder¹⁸”.

Segundo Lebrun em resposta ao diálogo com Le Goff, as funções de produção [o setor secundário] constituem apenas um momento da história das cidades, notadamente a partir do século XIV. Ou seja, mesmo que as estruturas de produção se modifiquem essas funções essenciais permanecem até hoje. Ao questionar em que sentido, a cidade é sinônimo de sociabilidade, embora tenha se tornado hoje sinônimo de individualismo e de anonimato, Lebrun define a sociabilidade como “o prazer de estar com o outro”, ou seja, é na cidade que se estabelece em definitivo a diferença urbana, a urbanidade¹⁹. Outro ponto salientado no diálogo entre esses dois historiadores é mostrar que, além de lugar de troca e da sociabilidade, a cidade é palco da festa e dos jogos que participam da identidade urbana. E, apesar do caráter negativo que adquiriu, é na cidade que ocorre a valorização do trabalho:

¹⁷ Ibid., p.20

¹⁸ Le Goff, Jacques. Por amor às cidades, conversações com Jean Lebrun São Paulo, Fundação Editora da Unesp, 1998, p.29.

¹⁹ Ibid., p. 124

Seja qual for o status depreciado de numerosos trabalhadores que evocamos, a grande valorização do trabalho se dá na cidade. Esta é uma das funções históricas fundamentais da cidade: nela são vistos os resultados criadores produtivos do trabalho.²⁰

De acordo com a socióloga Barbara Freitag, a cidade ocidental caracteriza-se pelo acúmulo de diferentes funções, pela mescla de vários tipos urbanos, discriminados em sua tipologia. Nesses termos, a nova cidade ocidental, que supera a cidade medieval, é ao mesmo tempo

[...]a sede econômica do comércio, da manufatura, fortaleza política, sede da jurisprudência, eventualmente cidade-caserna, e resulta, administrativamente, de irmandades, confrarias, grupos associados, que se comprometem a defender os interesses coletivos com base em juramentos. Essa é a essência, o núcleo duro da nova cidade ocidental, que se prepara para oferecer a moldura sistêmica capaz de sediar o dinheiro, o capital, o modo capitalista de produção, o reino da mercadoria²¹

²⁰ Ibid., p.49

²¹ FREITAG, Bárbara. *Teorias da Cidade*. Campinas (SP), Papirus, 2006, p. 27.

Os jornais são a metonímia das cidades. E estas, por sua vez, se refletem nos jornais. O sentido de metonímia posto aqui busca referência no teórico francês Alain Frontier²² que afirma serem a metáfora e a metonímia não só duas figuras de retóricas [como os manuais classificam de forma simplista], mas dois modos diferentes de olhar e de fazer ver as coisas. Ao analisar as razões da metonímia na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o pesquisador Roberto Sarmiento Lima define, citando as noções desenvolvidas por Alain Frontier, que pela metáfora “somos transportados a outro mundo, talvez melhor do que este, enquanto, pela metonímia, ao contrário, não nos afastamos nem nos distanciamos do mundo que se oferece aos nossos olhos, como se nele de fato estivéssemos instalados²³”.

O que seria das cidades sem a crônica, o relato dos cronistas sobre a experiência cidadina? Sempre considerada como um gênero menor da literatura [por estar próxima do jornalismo] a crônica teve um papel decisivo para se entender a experiência metropolitana. Não só porque sua tarefa é o de ‘explicar’ a cidade, como uma “espécie de manual de instruções para multidões”, transformando-se em uma usina de representações urbanas. A crônica, desde o século XIX, “cumpr

²² Expressa, principalmente, na obra *La Poésie*, Paris, Éditions Belin, 1992.

²³ LIMA, Roberto Sarmiento. “As razões da metonímia em *Vidas Secas*”. In: Revista Conhecimento Prático Língua Portuguesa, edição 17, 2009. Versão online.

<http://conhecimentopratico.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/17/artigo134860-1.asp> Acesso em 19 de junho de 2009.

papel estruturador para a cidade, na medida em que trabalha a temporalidade deslocada da vida metropolitana na página já fragmentada do jornal²⁴". A cidade [principalmente a partir do século XV] e o jornal se espelham e se reelaboram lingüística, espacial e temporalmente.

De acordo com Canclini, a imprensa foi o primeiro recurso tecnológico moderno para informar-se sobre a cidade. E "sua aparição foi decisiva para a instauração da noção moderna de esfera pública, e este meio continua oferecendo mais oportunidades que os demais [TV e rádio] para a elaboração do debate sobre os assuntos públicos²⁵".

A afirmação de Canclini abre para uma discussão oportuna ao salientar o papel das mídias impressas na cobertura das cidades, se comparado a outros meios de comunicação, como o rádio e a televisão. Mas um diagnóstico que parece oportuno recai no fato de que o jornalismo, que nasce com as cidades e acompanha as demandas de transformação por que passaram as aglomerações humanas, se vê obrigado a repensar seus métodos de análise sobre as novas [e complexas] configurações urbanas. Em outras palavras, ainda são escassos os estudos que abordem como o jornalismo "cobre" a cidade e seus espaços públicos, bem como os

²⁴ GORELIK, Adrián. Apresentação (orelha) In: CASTRO, Ana Cláudia Veiga de. A São Paulo de Menotti Del Picchia. São Paulo, alameda, 2009.

²⁵Canclini, Néstor García. *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de Comunicação*. In: *OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. VIII, nº1, 2002, p.40-53.*

fenômenos urbanos. Os jornais reservam quando muito uma editoria para o que denomina de “cidades”. Dos extremos ao centro, o que ainda impera nas reportagens é dimensão numérica do problema, reproduzindo em sua dinâmica o senso comum urbano, principalmente destacando acidente, violência, anomalias. Segundo Canclini, mesmo apresentando um registro da pluralidade social, os jornais acabam concebendo a cidade como um espaço

[...] muito mais homogêneo do que realmente é, e a vida pública mais como gestão e administração que como lugar de inovações e mudanças. A ação cidadã, que pode chegar a ser pública desde que difundida pelos meios, fica relegada a um discurso 'periférico ao estatal'²⁶.

Sem falar na seleção de vozes. O poder dos que falam é medido pela importância social que ocupa. Ainda de acordo com o pesquisador, embora se descrevam como informadores de fatos atuais e, portanto, como meios que “privilegiam o presente”, a maioria dos jornais insiste no já habitual, “prolongando estereótipos formados historicamente”. Os relatos diários mudam, afirma, mas não as estruturas argumentativas que os sustentam, que permanecem estáticas. Apesar de estabelecer uma

²⁶ Ibid., p. 45

distinção em relação aos outros meios de comunicação, Canclini prossegue em seu diagnóstico sobre o olhar dos jornais sobre as cidades e sobre os espaços urbanos. De acordo com ele, a imprensa contribui para a imagem de uma “cidade massiva”, cujas particularidades se concentram no centro histórico ou em outras regiões centrais. Às vezes, os jornais publicam informações sobre lugares pouco conhecidos, descreve, mas com maior frequência, principalmente em fotografias, mostram cenários facilmente identificáveis, que tendem a reproduzir saberes convencionais. Estamos, portanto,

[...] diante de um meio que oferece mais elementos discursivos que outros [rádio e TV] para refletir sobre a cidade e elaborar a condição de cidadão, mas que não contribui para expandir a visão sobre a cidade em uma proporção comparável ao crescimento de seu território e sua complexidade. Apesar da ênfase sobre a novidade e, em alguns jornais, sobre o insólito, a maioria termina por concentrar-se no conhecido²⁷

²⁷ Ibid., p.45

1.2 – Dimensões do espaço público

Um dos grandes desafios para um pesquisador que se aventura a definir espaço público é que a palavra exprime um conceito em mutação. Historicamente, a palavra “espaço público” abriga várias definições que vão do campo político, jurídico, filosófico a definições dos arquitetos e urbanistas. O fato é que uma noção está imbricada na outra: haveria menos capital humano e político numa construção de espaços físicos [públicos]? No plano menos filosófico, uma das denominações de espaços públicos [no plural], incorporada neste trabalho, representa os espaços

[...] imprescindíveis ao exercício da cidadania e à manifestação da vida pública, lugares onde deviam estar assegurados os direitos do cidadão ao uso da cidade, à acessibilidade e à memória, segurança, informação, conforto, circulação, além do acesso arquitetura e à estrutura urbana²⁸

Quando se coloca em debate o espaço público, quase sempre a perspectiva de abordagem apresenta um foco nos estudos que ressaltam

²⁸ ABRAHÃO, Sérgio Luís. Espaço Público, do urbano ao político. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2008, p. 16.

a arquitetura, o urbanismo e a geografia. A discussão do espaço público passa sobretudo pelo campo político e, num panorama mais atual, nas proposições que põem em evidência os debates sobre os direitos de cidadania: o direito de ir e vir, de circular livremente pelos espaços e, principalmente, o direito de adquirir novos direitos. Pesquisadores consideram fundamental e urgente que o sistema internacional dos direitos humanos incorpore o direito à cidade, vinculando-o aos demais direitos humanos.

Depois de 11 anos tramitando entre a Câmara e Senado, o Congresso Nacional aprovou, em 2001, o Estatuto da Cidade, lei 10.257 que “estabelece diretrizes gerais da política urbana” insere na Constituição um capítulo sobre a administração urbana, estabelecendo as bases para um modelo democrático de cidade e as normas de uso da propriedade urbana em benefício do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos. O novo Estatuto preocupa-se com o “pleno desenvolvimento das funções sociais das cidades” e “garante o direito a cidades sustentáveis”. De acordo com a socióloga Bárbara Freitag, em artigo intitulado “Utopias Urbanas²⁹”, as críticas de alguns especialistas questionam se não estaríamos diante de mais uma lei progressista [que não sairá do papel] levando-se em conta a realidade urbana brasileira que “em certas megalópoles como São Paulo e Rio de Janeiro já assume

²⁹ Este artigo é o resultado de Conferência apresentada para o encerramento do X Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia, realizado em 2001, em Fortaleza (CE).

aspectos catastróficos”. Por outro lado, a lei abre a perspectiva para que assuntos como o futuro das cidades seja um tema central nas discussões públicas em todas as instâncias. O Brasil se insere na discussão e cria o Ministério das Cidades em 2003 com a finalidade, entre outras, “de combater as desigualdades sociais e transformar as cidades em espaços mais humanizados³⁰”. Mas o problema crucial dos nossos tempos tem sido o de manter aquilo que já foi conquistado. Ou como diria Bobbio “o problema fundamental em relação aos direitos do homem, hoje, não é tanto o de justificá-los, mas de protegê-los. Trata-se de um problema não filosófico, mas político³¹”.

A abordagem que toma as cidades como tema central nas ciências sociais [principalmente na antropologia e na sociologia] quase sempre exige, pela natureza dos temas investigados, “um diálogo com diversas áreas de fronteira, o que só é possível a partir da adoção de um claro eixo disciplinar, capaz de alinhar e dar consistência a tal interlocução³²”. Nesse sentido, nas últimas décadas, estudos que procuram entender a comunicação ligada às tramas urbanas têm crescido em volume e densidade.

³⁰ <http://www.cidades.gov.br/ministerio-das-cidades>

³¹ BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Nova ed., Rio de Janeiro, Elsevier, 2004, p.24.

³² FRUGOLI JR., Heitor. As cidades: história, razão, ruínas e utopias. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 19, n. 55, June 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200011&lng=en&nrm=iso>. access on 30 May 2009. doi: 10.1590/S0102-69092004000200011.

Na sociologia, o filósofo alemão Jürgen Habermas foi um dos autores que lançaram luzes para se compreender o espaço público, mediado pela comunicação social, em particular pelo jornalismo. Ao estabelecer as bases do conceito de público, Habermas [conhecido como filósofo da razão pública] aplica a noção às diversas dimensões da vida social [literária, artística e científica], no período de formação e consolidação da burguesia, compreendido, principalmente, entre os séculos XV e XVII.

De acordo com Liszt Vieira, em *Os Argonautas da Cidadania*, no campo da teoria política ocidental o conceito de espaço público apresenta três modelos: o de tradição republicana representada pela visão agonística, desenvolvida por Hannah Arendt; o de tradição liberal, de matriz kantiana, que se preocupa com a questão de uma ordem justa e estável; e o modelo de espaço público discursivo, desenvolvido por Jürgen Habermas.

O fato é que esse conceito se modificou ao longo da história. Da concepção praticamente física, [representou nas cidades gregas e romanas o lugar onde o cidadão livre e os senhores feudais exercitam o poder] a uma que, de acordo com Habermas, significou na expansão da esfera pública burguesa, uma instância de mediação entre Estado e sociedade. O espaço público descrito por Habermas mostra, grosso modo, que a formação do espaço público [da opinião pública, do público leitor] surge na esfera privada. Ao abordar as modificações nas relações entre

autor, obra e público na literatura Habermas descreve como, nas camadas mais amplas da burguesia, “a esfera do público surge inicialmente como ampliação e, ao mesmo tempo, suplementação da esfera da intimidade familiar³³”.

Usadas comumente como sinônimas, as noções de esfera pública e espaço público apresentam distinção. Segundo o jornalista e pesquisador Luiz Martins da Silva a melhor localização da esfera pública está situada no epicentro de todos os espaços sociais, pois todos convergem para ela quando querem debater-polemizar alguma coisa. E é esse “parlamento *ad-hoc* da sociedade civil” que funciona como uma espécie de auditagem dos temas a serem agendados para o debate, “seja por iniciativa da mídia ou de algum dos vários campos da sociedade”. Ou seja, “os assuntos tanto fluem dos espaços privado, comum, público e político para a esfera pública, como da esfera pública para todos eles, servindo, duplamente, à mediação dos temas (da produção de sentido, portanto)”.³⁴ Nessa linha de raciocínio, a esfera pública, segundo Habermas, apresenta uma realidade comunicacional.

³³ HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984, p.67.

³⁴ SILVA, Luiz Martins da. Jornalismo e interesse público. In: SEABRA, Roberto & SOUZA, Vivaldo de (org). *Jornalismo Político: teoria, história e técnicas*. Rio de Janeiro, Record, 2006, p.52.

Segundo Liszt Vieira, o conceito de esfera pública ocupa posição central na teoria habermasiana como arena de formação da vontade coletiva. A concepção do pensador da razão pública repudia a visão reducionista que restringe o espaço público a uma esfera determinada pelas relações econômicas. Na teoria habermasiana, “o espaço público é visto como uma arena de discurso, autônoma em relação ao sistema político, como um local onde se realiza a interação intersubjetiva de cidadãos conscientes, solidários e participativo³⁵”. Para Habermas, “quanto mais o espaço público estivesse aberto para todos, mais expressaria a democratização política e social de uma cidade³⁶”.

Em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, publicada em 1962, ao definir o papel dos meios de comunicação na esfera pública, o filósofo alemão traz um panorama pessimista sobre a influência que os meios de comunicação social [jornal] exerciam acerca do uso que as pessoas faziam, em público, de suas capacidades críticas e de sua razão. Habermas mostra como a imprensa reestruturou a esfera pública. Por um lado, afirma, supera-se a diferença entre circulação de mercadorias e circulação do público uma vez que “dentro do setor privado, “apaga-se a nítida delimitação entre esfera pública e esfera privada” e, por outro, a esfera pública “à medida que a independência de suas instituições só pode ser ainda assegurada

³⁵ VIEIRA, Liszt. Os argonautas da cidadania. Rio de Janeiro, Record, 2001, p.64.

³⁶ ABRAHÃO, op. cit., p.48.

mediante certas garantias políticas, ela deixa de ser de modo geral exclusivamente uma parte do setor privado³⁷". O autor descreve essa mudança de 'esfera' focando suas análises na imprensa que "ainda não era vista como uma instituição para fiscalizar o poder; era apenas uma extensão das necessidades de comunicação do governo³⁸". O ofício antes se limitava essencialmente à organização da circulação das notícias e evolui para uma espécie de porta-voz e condutor da opinião pública. No caso brasileiro, por exemplo, "a práxis jornalística brasileira só passa a existir quando a opinião se instaurou em nossa sociedade, ou seja, no momento em que o 'espaço público' aqui germina, floresce e frutifica³⁹"

Na análise dessa transição, Habermas aponta o surgimento da redação e da figura do editor na imprensa. Segundo ele, "para o editor do jornal, [a redação] teve o significado de que ele [o editor] passou de vendedor de novas notícias a comerciante com a opinião pública⁴⁰". Em sua obra posterior, *Teoria da Ação Comunicativa*⁴¹, Habermas relativizou esse diagnóstico, "dadas as experiências políticas e sociais que desmentiram uma total despolitização da esfera pública", tendo de "repensar a esfera

³⁷ HABERMAS, op. cit., p.213.

³⁸ BUCCI, Eugenio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p.18.

³⁹ MARQUES DE MELO, José. "Práxis, memória e cognição no jornalismo". Revista Matrizes, ECA/USP, São Paulo, Ano 2, nº 2, primeiro semestre de 2009, p.119.

⁴⁰ HABERMAS, op.cit., 214.

⁴¹ Idem, *Teoría de la acción comunicativa*. Madrid, Taurus, 1987.

pública com novas categorias⁴².” Ou seja, ganha relevo “a ideia de sociedade civil, contraposta ao âmbito do mercado e ao Estado e constituída por movimentos, organizações e associações mais ou menos autônomas⁴³”. Ao desenvolver o modelo de ação comunicativa, Habermas abandona, segundo Sergio Paulo Rouanet, o “paradigma da relação sujeito-objeto, que tem dominado grande parte do pensamento ocidental, substituindo-o por outro paradigma, o da relação comunicativa que parte das interações entre sujeitos, que se dá na comunicação cotidiana⁴⁴”.

Outros autores contemporâneos – com destaque para Hannah Arendt e Bernard Miège – se debruçaram sobre a temática do espaço público. No plano filosófico, uma noção que permeia grande parte das análises sobre o tema pode ser resumida, grosso modo, como o “lugar” onde se negociam os saberes e poderes, bem como o modo como se articulam as forças e interesses, mediados pelos meios de comunicação social, cuja tônica é o conflito. Se tomássemos como exemplo jornalismo, os repórteres lidam e negociam com suas fontes, com a empresa onde trabalham e também com o público. Portanto, representa conflito com todos os atores envolvidos no processo porque “o jornalismo é conflito, e quando não há

⁴² REPA, Luiz. “Sobre o Conceito Habermasiano de esfera pública”. Disponível em <http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.rede/numero/rev-numero6/seisluizrepa>. Acesso em 20/07/09.

⁴³ Id.,Ibid.

⁴⁴ ROUANET, Sergio Paulo. *O Olhar Iluminista*. In: Novaes, Adauto. *O Olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p.141.

conflito no jornalismo um alarme deve soar. Aliás, a ética só existe porque a comunicação social é lugar de conflito⁴⁵". Em outras palavras, o espaço público se torna visível na comunicação e no diálogo, mas se define essencialmente como plano de expressão e de circulação de forças.

⁴⁵ BUCCI, op. cit., p.11.

1.3 – A cidade como espaço público

Abre-se aqui um parêntese para se falar de uma noção de espaço público surgida a partir das redes digitais de informação. O cotidiano no domicílio eletrônico representaria o fim das cidades tradicionais, destituídas de suas funções? São sintomáticas as definições que incorporam principalmente, nas duas últimas décadas, as novas configurações do espaço público e ampliação de espaços comunicacionais, advindos principalmente, em fins do século XX, das tecnologias digitais. Para muitos estudiosos, o diagnóstico é de pulverização dos espaços tradicionais de comunicação, substituídos por “espaço de fluxos⁴⁶”, como definiu Manuel Castells. Com a proliferação de redes digitais, abrem-se infinitas possibilidades democráticas através da internet, que vem produzindo alterações profundas no modo de as pessoas se comunicarem. Castells, que emprega uma análise voltada para o significado social do espaço e do tempo identifica a emergência de relações muito mais cooperativas para a produção de conteúdos, ou seja, a internet constrói, segundo ele, vínculos solidários, não competitivos, havendo, portanto, uma mudança estrutural do espaço público. Essa nova lógica espacial que ele chama de “espaço de fluxos” é, segundo o autor espanhol, a forma predominante de

⁴⁶ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: economia, sociedade e cultura*. São Paulo, Paz e Terra, 2006.

poder e função nas sociedades contemporâneas. Não está nos propósitos desse trabalho abordar essa dimensão do espaço público, não só pela abrangência de um tema ainda em aberto mas também pelo caráter polêmico das discussões. O fato é que, apesar das críticas ao tipo de espaço público que vem sendo construído com a internet, [se é democrático ou concentrador, por exemplo] Castells critica a forma dicotômica de pensar o espaço-território e abre a necessidade de se romper com a visão imperante que opõe dualisticamente a territorialidade à espacialidade, introduzindo o debate sobre novos modos de pensar as relações entre espacialidades e territorialidades.

Para o geógrafo e urbanista catalão Jordi Borja, a cidade é o espaço público por excelência⁴⁷. O espaço público, na visão deste urbanista que é uma referência internacional em temas de gestão e planejamento de cidades, representa uma síntese de lugares e fluxos, lugar de coesão social e intercâmbios. Segundo Sérgio Luís Abrão [ao falar do conceito de espaço público em Borja] a história da cidade sempre se confundiu com a história de seus espaços públicos. Foi Borja, afirma Abrão, que concebeu o espaço público como um instrumento substantivo para revelar os problemas e apontar as soluções no âmbito do urbanismo, da cultura urbana e da cidadania. Ou seja, o espaço público a que se referia Jordi Borja não significava o “espaço público residual, compreendido entre a

⁴⁷ BORJA, Jordi & MUXÍ, Zaida. El espacio público: ciudad y ciudadanía. Barcelona, Electa, 2003.

fachada da rua, nem o vazio considerado público apenas por razões jurídicas, mas sim o 'espaço cidadão': o espaço urbanístico, cultural e político, cuja configuração espacial considerava de fundamental relevância para formar a cidade⁴⁸". O arquiteto catalão, um profundo conhecedor das cidades latino-americanas com destaque para Buenos Aires e Brasil, considera os bairros privados, a privatização dos espaços públicos, "cada vez mais onipresente como uma negação da cidade⁴⁹". Borja se refere aos enclaves fortificados nos moldes do Parque Cidade Jardim, área de 80 mil m² que está sendo construída na marginal Pinheiros, em São Paulo. Intramuros, o projeto prevê shopping Center, oito cinemas, dois heliportos e quatro torres de escritório. A ideia é trabalhar, se divertir e morar no mesmo lugar, sem o inconveniente da vida real: trânsito, fila, assaltos. Jordi Borja vê um certo empobrecimento da vida urbana:

si quieres tu que haya mezcla social, tienes que hacer operaciones de alta densidad. A veces, la baja densidad empobrece la vida urbana⁵⁰

⁴⁸ ABRÃO, op. cit., p. 48.

⁴⁹ Em entrevista ao jornal argentino El clarín, em 09 de maio de 2007. <http://www.clarin.com/diario/2007/05/09/um/m-01415477.htm>

⁵⁰ Em entrevista ao jornal argentino El clarín, em 09 de maio de 2007. <http://www.clarin.com/diario/2007/05/09/um/m-01415477.htm>

1.4 – São Paulo: cidade de muros?

Em 2008, jornal *O Estado de S. Paulo* lançou um especial com grandes reportagens abordando o tema da explosão das megacidades. A narrativa viaja pelas macrometrópoles e deságua em São Paulo que enfrenta, em quinto lugar, as grandezas e problemas das 25 cidades do mapa do século XXI. A cidade já se insere como a primeira macrometrópole do Hemisfério sul. A mancha urbana cresceu a tal ponto de emendar São Paulo a Campinas, unindo 65 municípios e concentrando atualmente 12% da população brasileira. Apesar de muito centrado na grandeza números, o especial traz alguns diagnósticos importantes sobre o fenômeno urbano em São Paulo. Como o da socióloga Saskia Sassen. A criadora do conceito de cidade global mostra como entre as 63 cidades ranqueadas como centro globais, São Paulo aparece em quarto lugar em desenvolvimento imobiliário comercial. Isso se refere, afirma, à facilidade com que se pode fazer empreendimentos, sugerindo que há pouca proteção para atores mais fracos⁵¹.

Um dos diagnósticos mais agudos nas cidades, em particular nas metrópoles, recai sobre a qualidade dos seus espaços públicos. Em

⁵¹ Grandes Reportagens, Megacidades, *O Estado de S. Paulo*, agosto de 2008.

idades como São Paulo, o espaço público expressaria um novo tipo de intolerância? Uma das análises mais sintomáticas diagnostica uma mudança estrutural em seu espaço público urbano. Teria se tornado São Paulo uma cidade de muros? De acordo com a antropóloga Teresa Pires do Rio Caldeira, o espaço público [em São Paulo] expressa um novo tipo de intolerância. Em "*Cidades de Muros, crime, segregação e cidadania em São Paulo*", a autora sinaliza como o desrespeito aos direitos da cidadania tem se combinado a transformações urbanas para produzir um novo padrão de segregação espacial nas últimas décadas. E descreve como o espaço público na metrópole expressa uma nova intolerância. Segundo ela, a privatização da segurança e a reclusão de alguns grupos sociais em enclaves fortificados⁵² estão mudando as noções de público e de espaço público que até recentemente predominavam em sociedades ocidentais. Este novo modelo de segregação, propõe a autora, separa grupos sociais de uma forma tão explícita que transforma a qualidade do espaço público. Os enclaves fortificados representam um terceiro momento de urbanização de São Paulo; são "espaços fechados cujo acesso é controlado privativamente, ainda que tenham um uso coletivo e semipúblico, eles transformam profundamente o caráter do espaço público⁵³". A autora mostra como esse fenômeno urbano atual, que

⁵² Os enclaves fortificados, segundo a autora, são espaços privatizados, fechados e monitorados destinados a residência, trabalho e consumo.

⁵³ CALDEIRA, Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Editora 34 & Edusp, 2003, p.12.

acontece em várias cidades no mundo, leva à implosão da vida pública moderna. Segundo ela, a atual destruição do espaço público moderno está levando não ao fim do espaço público, mas à criação de um outro tipo de esfera pública:

[...] uma esfera que é fragmentada, articulada e garantida com base na separação e toda a parafernália técnica, e na qual a igualdade, a abertura e a acessibilidade não são valores básicos. Os novos espaços estruturam a vida pública em termos de desigualdades reais: as diferenças não devem ser descartadas, tomadas como irrelevantes, deixadas sem atenção ou disfarçadas a fim de sustentar ideologias de igualdade universal ou mitos de pluralismo cultural pacífico. O novo meio urbano impõe desigualdades e separações. É um espaço público não-democrático e não-moderno⁵⁴

A segregação [tanto social quanto espacial] é uma característica importante das cidades. No capítulo “segregação urbana, enclaves fortificados e espaço público”, a antropóloga descreve como, ao longo do século XX, a segregação social teve pelo menos três formas diferentes de expressão no espaço urbano de São Paulo. De acordo com Caldeira, a primeira estendeu-se do final do século XIX até os anos 1940 e produziu uma ‘cidade concentrada’ em que os diferentes grupos sociais se

⁵⁴ CALDEIRA, op. cit., p. 337.

comprimiam numa área urbana pequena e estavam segregados por tipos de moradia. A segunda forma de desenvolvimento urbano seria a centro-periferia, que predominou dos anos 40 até os anos 1980. Nesta forma, segundo a antropóloga, os diferentes grupos sociais estão separados por grandes distâncias: as classes média e alta concentram-se nos bairros centrais com boa infra-estrutura, e os pobres vivem nas precárias e distantes periferias. E uma terceira forma de desenvolvimento urbanístico vem se configurando desde a década de 1980. A terceira forma, segundo a pesquisadora, vem mudando consideravelmente a cidade e sua região metropolitana. Sobrepostas ao padrão centro-periferia,

[...] as transformações recentes estão gerando espaços nos quais os diferentes grupos sociais estão mais próximos, mas estão separados por muros e tecnologias de segurança, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns. O principal instrumento desse novo padrão de segregação espacial é o que chamo de enclaves fortificados⁵⁵

A pesar de o foco se centrar em São Paulo, Caldeira analisa também São Francisco, nos Estados Unidos, e mostra como essas transformações na esfera pública de São Paulo são semelhantes a mudanças que estão ocorrendo em outras cidades no mundo e expressam, portanto, “uma

⁵⁵ Ibid., p. 211

versão particular de um padrão mais difundido de segregação espacial e transformação na esfera pública⁵⁶".

Em São Paulo e em muitas cidades no mundo, o espaço público não mais se relaciona ao ideal moderno de universalidade que compreende a rua como elemento central da vida pública, e a ideia de "cidade aberta tolerante às diferenças sociais e às negociações em encontros anônimos cristaliza o que chamo de espaço público moderno e democrático⁵⁷"

Teresa Caldeira adverte que esse novo padrão de segregação espacial "acentua as diferenças de classe e as estratégias de separação"⁵⁸. A antropóloga descreve como no bairro Morumbi, na região em São Paulo, as ruas são espaços vazios e a qualidade material dos espaços públicos é "simplesmente ruim".

As ruas são para os automóveis e a circulação de pedestres torna-se uma experiência desagradável. Na verdade, os espaços são construídos intencionalmente para produzir esse efeito. Andar no Morumbi é um estigma – o pedestre é pobre e suspeito⁵⁹.

Uma das possíveis explicações para o surgimento dos enclaves fortificados aponta o aumento do crime em metrópoles como São Paulo, mas se

⁵⁶ Ibid., p. 212

⁵⁷ Ibid., p. 307

⁵⁸ Ibid., p. 212

⁵⁹ Ibid., p. 314

deve, principalmente, ao “medo do crime”, ou ao que denomina de “fala do crime”, narrativa que é “contagante”, “fragmentada” e repetitiva”, e se refere a “todos os tipos de conversas, comentários, narrativas, piadas, debates e brincadeiras que têm o crime e o medo como tema⁶⁰”. A pesquisadora recolheu várias depoimentos de moradores de bairros em São Paulo e percebeu, entre outros aspectos, que o medo e a fala do crime não apenas produzem certos tipos de interpretações e explicações, [habitualmente simplistas e estereotipadas], “como também organizam a paisagem urbana e o espaço público, moldando o cenário para as interações sociais que adquirem novo sentido numa cidade que progressivamente vai se cercando de muros”⁶¹.

Também nessa perspectiva, o historiador Nicolau Sevcenko recupera a história cultural dos espaços [públicos] de São Paulo em muitos artigos em que analisa a metrópole. Apesar de o historiador apresentar uma discussão em que resgata o espaço público como espaço de memória da cidade, é recorrente em suas análises o diagnóstico sobre o desenvolvimento urbano de São Paulo como o desenrolar de uma narrativa “trágica”. Os títulos de artigos produzidos pelo historiador dão uma dimensão de como analisa a cidade de São Paulo: “São Paulo, que tragédia”, “A cidade metástasis”,

⁶⁰ Ibid., p. 27

⁶¹ Ibid., p.27

“Uma cidade fora de si”, “São Paulo: não temos a menor idéia”, entre outros.

No artigo “A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista”, Nicolau Sevcenko propõe um olhar diferente sobre os espaços de São Paulo. Inicia o texto perguntando ao leitor qual a rua seria a mais representativa de São Paulo? Ao eleger a rua São Paulo [antiga rua dos Ingleses], localizada no bairro da Liberdade, Sevcenko quebra a expectativa ao escolher uma via desconhecida, mas repleta de significado histórico. Quando se elege alguma via em particular como a mais representativa de uma cidade, o que se leva em consideração, afirma Sevcenko, é o seu

potencial de polarização de recursos, centralidade orgânica, articulação de fluxos, referência espacial, simbolização e visibilidade. Ou seja, o que define o seu papel e identidade é a sua condição ao mesmo tempo de núcleo da cidade-centrífuga, vitrine da cidade-mercadoria, de passarela da cidade-desfile, de palco da cidade-espetáculo e de pódio-poder⁶²

Obviamente, a rua São Paulo não se enquadra em nenhuma dessas categorias. O historiador procura compreender a cidade por aquilo que

⁶² SEVCENKO, N. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. Revista da USP, São Paulo, ECA/USP, v. 63, 2004, p. 19.

“oculta, pelo que relega, pelo que escamoteia”. Segundo ele, “há desvãos, espaços e presenças que são como resíduos varridos para debaixo do tapete da paisagem urbana. São seus pontos-cegos, justamente porque revelam seu avesso ou suas vísceras⁶³”.

O fato é que a rua São Paulo era um espaço maldito da cidade. De acordo com Sevcenko, o local onde hoje se localiza a via era o “Morro da Forca”, estabelecido em 1775, por ordem expressa do vice-rei, o Marquês de Lavradio. E longe de ser invisível, uma vez que o local foi deliberadamente escolhido por ser visível de praticamente todos os quadrantes da cidade, “expondo assim cruamente a todas as gentes a força da justiça implacável de sua Majestade Imperial”⁶⁴. O historiador mostra o contexto espacial do Morro da Forca [compreendido no Distrito da Glória] que catalisava as imaginações e as mais fortes cargas emocionais, como Cemitério dos Aflitos, o primeiro cemitério público da cidade, o Largo do Pelourinho [atual Largo Sete de Setembro], ao lado da cadeia, símbolo do poder municipal. Sevcenko conta ainda que em 1840, a Santa Casa de Misericórdia teve que mudar para um prédio maior na Rua da Glória, esquina com a rua dos Estudantes (paralela a São Paulo] e o casarão se tornou uma turbulenta república de estudantes, onde, entre “muita esbórnica e bandalheira, brilhou a mais fina flor da juventude

⁶³ Ibid., p. 19

⁶⁴ Ibid., p.9

romântica da cidade”, encabeçada por Bernardo Guimarães e Álvares de Azevedo. Alguns de seus textos clássicos, como “Noites na Taverna” foram escritos ali mesmo, segundo o historiador. Nesse poema,

Álvaro de Azevedo revela o endereço do demônio, ele não poderia ser outro senão o insólito solar da Chácara dos Ingleses, nos altos da Glória. Revela Satã, para sobressalto dos seus leitores: - *tenho uma casa aqui na entrada da cidade. Entrando à direita, defronte ao cemitério*⁶⁵

O Distrito da Glória quando não era o inferno era o purgatório, assinala. A cidade empurrava para lá tudo aquilo que percebia como ameaçador, desagradável, tumultuário, desprezível, repugnante ou indigno. Ao se fixar num ponto esquecido da cidade, Sevcenko retoma o processo de urbanização de São Paulo e mostra como a cidade desdobrou-se em “várias São Paulo precárias, distantes, isoladas, paupérrimas e ilegais”, ao se referir ao modelo centro-periferia, e como a falta de conexão entre os bairros [associado a uma rede de transporte pública precária e às sucessivas administrações da prefeitura] induziu a um tipo de planejamento urbano em favor dos carros. Ao abordar o processo de apropriação dos espaços em São Paulo Sevcenko identifica, na “cidade metástasis”, uma espécie de urbanismo inflacionário. O historiador

⁶⁵ Ibid., p.24

descreve como o urbanismo inflacionário da Paulicéia provocado pela ausência [ou insuficiência] de controle do espaço público, pela disputa desigual do espaço destituiu os nexos orgânicos da megalópole. A ocorrência dessa fragmentação do espaço e da dilaceração da memória “se manifesta reiterada na indefinição arquitetônica, urbanística e paisagística da cidade”. Como metástasis, afirma Sevcenko, não há parte de São Paulo que não conviva, admita ou não, queira ou não, com a comunhão errante da Rua São Paulo:

Onde quer que você esteja, olhe para o lado, olhe para a sombra e a rua São Paulo estará lá, com suas crianças e seus cachorros. Olhe bem para ela, talvez você descubra ali algo que você perdeu, algo que todos nós perdemos⁶⁶.

Espaço público na cidade, tal qual ele foi constituído, é o espaço da subcidadania. Segundo o cientista social Lúcio Kowarick, a violência do espaço público constitui uma das principais características do dia a dia de uma cidade como São Paulo. Mas não só a violência que contabiliza o número de homicídios, envolvendo polícia e criminosos, mas que engloba a banalidade cotidiana das horas gastas nos transportes, o ritmo, a jornada de trabalho e a remuneração resultante. Além da violência nestes

⁶⁶ Ibid., p.34

aspectos, afirma Kowarick, “o espaço público é também sinônimo de desrespeito e medo⁶⁷”.

Medo que se reflete nos dados sobre violência. Um estudo realizado pelo NEV [Núcleo de Violência] da USP, e publicado na *Revista Panamericana de Salud Pública*,⁶⁸ mostra como as áreas mais violentas de São Paulo são pouco atrativas para os profissionais ligados à educação, saúde e segurança. Isso se reflete, de acordo com o estudo, não só na quantidade dos serviços oferecidos como na qualidade deles. São áreas pouco atrativas e de alta rotatividade de profissionais, que as transformam em regiões cujas ações e projetos que envolvam a comunidade não vão muito além da data de inauguração. O estudo aponta ainda que não é a pobreza que explica as altas taxas de homicídios, mas a combinação de desvantagens sociais que caracterizam as áreas periféricas, ou seja, “nessa associação entre homicídios e condições de vida, a variável mais importante é a desigualdade e não a pobreza em si”⁶⁹.

⁶⁷ KOWARICK, Lúcio. *Periferias e Subcidadania*. In: MEDINA, Cremilda (org). *À Margem do Ipiranga*. São Paulo, Universidade de São Paulo, CJE/ECA/USP, 1991, p.21.

⁶⁸ PERES, Maria Fernanda Tourinho et al., “Homicídios, desenvolvimento socioeconômico e violência policial no município de São Paulo”. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v.23, nº 4, abril de 2008.

⁶⁹ ALCÂNTARA, Alex Sander. *Correlação Perversa* [online] Disponível em: <http://www.agencia.fapesp.br/materia/9063/especiais/correlacao-perversa.htm> . Acesso em 03 de junho de 2009.

1.5 - Espaço público como criação de sentido

As análises sobre espaço público ganharam atributos e foram modelados no campo da filosofia e das ciências políticas. Por partirem de concepções abstratas, deixaram em plano secundário formulações que levassem em conta a materialidade dos espaços urbanos e o seu caráter polifônico. Mas vale destacar, contudo, que grande parte das contribuições da comunicação social sobre as cidades veio da sociologia, por ser a “cidade” um campo multidisciplinar e um tema de estudos privilegiado da modernidade. Além do já citado Habermas, um autor que não poderíamos deixar de mencionar é Walter Benjamin, um dos grandes pensadores “que atravessou esses novos espaços culturais comunicativos já nas primeiras antecipações das metrópoles do século XIX”⁷⁰ quando analisou Paris. Segundo a socióloga Barbara Freitag, Benjamin não pode ser encarado como um “sociólogo urbano” *strito sensu*, mas foi um perambulador, que circulava pelas ruas de Paris, consagrando o conceito de *flâneur*, termo cunhado por Baudelaire. Como pensador da cidade e flâneur, ganha maior destaque a obra póstuma “As passagens de Paris” que o lançou como um teórico das cidades porque conhecia a fundo as duas em que morou: Berlim e Paris, “nas quais fez observações originais sobre a

⁷⁰ CANEVACCI, Massimo. Metrópole comunicacional. IN: *Revista da USP*, São Paulo, v. 63.

penetração do capitalismo em todas as esferas da vida"⁷¹. Segundo Freitag, as observações de Benjamin em *Passagens de Paris* focalizam as armações de ferro da torre Eiffel, das estações de trem, das passagens de pedestres [galerias que interligavam as ruas], em que destacou o uso do vidro e do metal como materiais novos. Ainda de acordo com a socióloga é nas galerias que Benjamin vê perambularem seus personagens alegóricos, típico-ideais, como a prostituta, o catador de papéis, o jogador, o colecionador, o flâneur, ou seja, "esses personagens são, como as mercadorias expostas nas vitrines, representantes do fetiche da mercadoria de que falava Marx"⁷².

Numa perspectiva da comunicação social, a partir da narrativa jornalística, uma definição que essa pesquisa adota incorpora a noção de espaço público como criador de sentidos. Ou seja, parte do princípio de que "a história do espaço público é a história do espaço da criação dos sentidos"⁷³. Tendo como estudo de caso a série de livros-reportagem *São Paulo de Perfil*, a dimensão metafórica dada aos "sentidos da metrópole" se refere a duas dimensões particulares. A primeira diz respeito à emergência das narrativas na sociedade contemporânea. Esta ideia encontra maior ressonância, principalmente, nas análises de Jesús Martín-

⁷¹ FREITAG, *op. cit.*, p.29.

⁷² *Ibid.*, p. 29

⁷³ RESENDE, Fernando. A Comunicação Social e o espaço Público contemporâneo. Revista ALCEU, v.5, nº 10, jan./jun. 2005, p.129.

Barbero, que aborda os novos sentidos da experiência espacial e mostra, a partir das narrativas, como

Pocas cuestiones hacen estallar en forma más des-ubicadora nuestros acostumbrados casilleros del saber como la que nos plantea hoy la ciudad. El cambio está afectando el lugar mismo desde el que formulamos las preguntas: ¿desde dónde mirar y leer la ciudad para hacer comprensibles sus dinámicas e incidir sobre las lógicas perversas de la funcionalización y la exclusión? Pues de lo que se trata es de leer la ciudad no como un objeto o una forma sino como escritura que se deshace e rehace día a día en muchos planos y con muy diferentes materiales⁷⁴

A segunda dimensão dos “sentidos da metrópole” abriga a força da comunicação como signo da relação. Esta noção [que será discutida com mais propriedade no terceiro capítulo] dialoga com a produção acadêmica de Cremilda Medina, autora “que maior atenção deu à questão da estrutura do texto jornalístico, no Brasil”⁷⁵. Ao que acrescento: não só à estrutura do texto, mas ao aprimoramento das práticas jornalísticas em sua relação e amplitude ética, técnica e estética. O principal diálogo de Medina é a relação do jornalismo com a ciência ocidental, em particular, com as idéias positivistas que moldaram grande

⁷⁴ MARTIN-BARBERO, Jesús. Cartografías Culturales: de la sensibilidad y la tecnicidad. Textos inéditos apresentados durante o curso de pós-graduação ministrado por Barbero, ECA/USP, Set., 2008.

⁷⁵ COIMBRA, Oswaldo. O texto da reportagem imprensa. São Paulo, Ática, 1993, p. 10.

parte dos saberes científicos no século XIX e que perduram até os nossos dias e que ainda encontram abrigo nas práticas jornalísticas. A ideologia do controle positivo dos saberes e do controle da realidade reforça tanto na ciência quanto no jornalismo o conceito de objeto de conhecimento e a relação sujeito-objeto, o que fundamenta a teoria e a metodologia da objetividade. Medina reexamina esses pressupostos metodológicos e inverte a lógica: em vez da relação sujeito-objeto, a pesquisadora propõe a relação sujeito-sujeito nas práticas de mediação jornalística, substituindo na experiência pedagógica "o signo da divulgação científica" pelo signo da relação. A reversão do conceito de divulgação da ciência para práticas de comunicação social encontra fundamento na pesquisa desenvolvida por Medina ao longo de quatro décadas. A noção de signo da relação contribui significativamente para a discussão sobre a dialogia social e para a produção de sentidos na comunicação social, em particular, no jornalismo.

Qual a contribuição do São Paulo de Perfil ao abordar os espaços de São Paulo? Como sentem os repórteres [aprendizes] a respiração que vem das ruas? Nas páginas a seguir, tentarei mostrar como a rua, como metáfora da cidadania, encontra nas páginas da série significados múltiplos. E de que forma os jovens repórteres vão em busca desses espaços polifônicos.

2

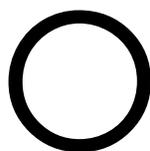
Itinerâncias urbanas

"Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstituir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional, passou a ser um marco de pesquisa cada vez mais consistente no

São Paulo de Perfil"

(Cremilda Medina)

2.1 - Da gênese à trilogia da crise

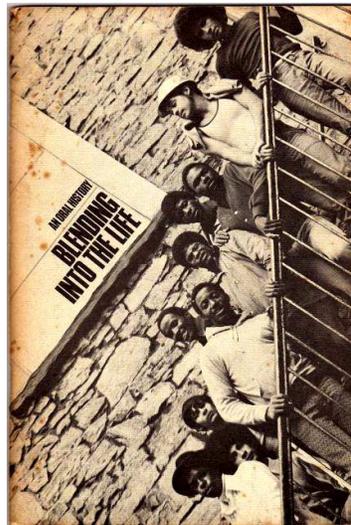
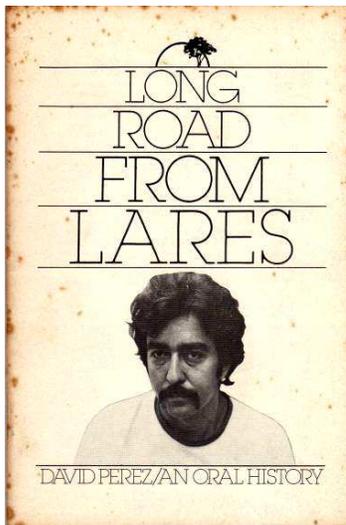


projeto *São Paulo de Perfil* que dá origem à série de livros-reportagem sobre o cotidiano de São Paulo e de seus protagonistas anônimos começa a ganhar contornos a partir da confluência de ideias entre dois jornalistas. O encontro se deu nos idos de 1980, em Nova York, entre Cremilda Medina e Arthur Tobier, um jornalista norte-americano que tinha em mãos um conjunto de pequenas brochuras que contava a história oral de personagens anônimos nova-iorquinos. Cansado da vida na grande imprensa, Tobier se agregou já em plena maturidade profissional a um grupo de artistas do East Side e “começou a escrever uma série de histórias de personagens da cidade que jamais chegariam à consagração nos meios de comunicação ou nos documentos oficiais⁷⁶”. Cada livro, de 40 páginas, subsidiado por uma fundação, era incorporado como leitura na rede de escolas públicas do East Side de Nova York.

Naquele janeiro de 1980 quando passava por Nova York, Cremilda Medina era editora de artes do jornal *O Estado de S. Paulo* e o encontro com Tobier, um “parceiro de desgostos”, a tocou fundo no subconsciente. De volta à Universidade de São Paulo em 1986, de onde se afastara em

⁷⁶ MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo, Summus, 2003, p.31.

1975, devido à repressão militar, Medina põe em prática um projeto envolvendo, numa primeira fase, alunos da graduação no curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Depois se agregam também os da pós-graduação e alunos do Programa da Terceira Idade.



História dos anônimos: adotadas nas escolas públicas do East Side de Nova York, as brochuras editadas pelo jornalista Tobier despertavam o interesse dos alunos que se identificavam com as aventuras narradas. Long Road From Lares (1979) e Blending into the life (1976) narram o drama dos imigrantes portorriquenhos em Nova York. O jornalista dá voz aos esquecidos pelas mídias tradicionais e reconstitui, a partir das narrativas desses protagonistas anônimos, o processo de colonização e independência da América hispânica. A experiência do jornalista norte-americano inspirou o *São Paulo de Perfil*.

Com o objetivo de fazer um mergulho no cotidiano dos habitantes de São Paulo, a partir da experiência jornalística, é que nasce o projeto *São Paulo de Perfil*. Surgiu em 1987 e, ao longo dos seus 22 anos de existência, mais de 500 autores, entre estudantes de graduação e pós-graduação da ECA, participaram da série. E destes a grande maioria participou ativamente das oficinas de narrativas. De 1987 a 1997 [na primeira fase], o projeto se situou no curso de Jornalismo. Os autores da maioria das reportagens cursavam a disciplina Redação Jornalística do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ministrada pela professora Cremilda Medina. Mas de 1997 em diante o projeto migrou para um novo espaço acadêmico, chamado de Fórum Permanente Interdisciplinar, também criado e coordenado por Medina, e passou a agregar, nessa segunda fase, textos de autoria de alunos de várias unidades universitárias e do Programa de Terceira Idade da USP que frequentaram a disciplina optativa, intitulada "Narrativas da Contemporaneidade".

A saga de livros-reportagem se inicia durante a conturbada década de 1980. Quando a multidão volta às praças e os principais temas da sociedade brasileira retornam aos debates públicos e comparecem às pautas jornalísticas, traços de personalidade das personagens políticas poderiam passar despercebidos. É nessa atmosfera que é lançado em

1987 o livro inaugural da série, *Virado à Paulista que reúne 17 perfis dos Constituintes de São Paulo*.

Com uma tiragem de mil exemplares⁷⁷, a obra já abriga uma das marcas da série que é a construção de perfis. Quem são os políticos que representam o povo paulistano? O que pensam e fazem? Que sinais captam dos seus entrevistados e oferecem aos leitores os alunos de Jornalismo da ECA? Na apresentação, Cremilda Medina, idealizadora e coordenadora do projeto, destaca o poder e a força que carregam os perfis [culturais, políticos ou sociais] como uma das oportunas contribuições que o jornalista pode dar a seu tempo, revelando “segredos, valores da natureza humana que, se não explicam, pelo menos enriquecem a compreensão dinâmica dos protagonistas do presente⁷⁸.” Mas como não titubear ou não ser ludibriado por políticos do peso de Adhemar de Barros Filho, Afif Domingos, Caio Pompeu de Toledo, Cunha Bueno, Antonio Salim, Mário Covas? Em quase todas as matérias, os estudantes mantêm uma postura crítica, mas não distante do entrevistado; exercitam a dúvida em vez das certezas, optam pela observação no lugar do clichê presente no imaginário coletivo de que “todo político é ladrão”.

⁷⁷ Todos os 26 volumes da série *São Paulo de Perfil* [até esta data o 27º ainda não foi publicado] saíram com uma tiragem média de mil exemplares. Como se verá mais detalhadamente no próximo capítulo, até 1997 eram publicados dois livros por semestre e, na segunda fase, um por ano.

⁷⁸ MEDINA, Cremilda (org). *Virado à Paulista* (Constituinte – 1987). Série São Paulo de Perfil, CJE/ECA/USP, 1998, 1987.

A esfericidade na construção dos protagonistas é o primeiro ponto a ser sublinhado. Isso graças ao trabalho de construção dos narradores. É quase imperceptível, nem sempre o leitor percebe, mas para a oficina de pesquisa jornalística, desenvolvida no projeto *São Paulo de Perfil*, a construção de um narrador ou narradores que conduza(m) a história é uma busca a cada livro temático.

Em seu segundo volume, *Vozes da Crise* (1988), o *São Paulo de Perfil* começa a ganhar força e a série se constitui como um núcleo da história imediata da cidade de São Paulo. O pano de fundo histórico do final da década de 1980 [crise e os sucessivos planos econômicos no governo Sarney, no final da década] coloca a população em estado de alerta. Inflação galopante, carestia, desemprego são alguns dos temas em pauta. No segundo volume, que se inicia com um aluno bolsista do CNPq, a megalópolis desafia os jovens jornalistas. Para além de provocar a curiosidade, exige o entendimento, “única resposta à perplexidade que a todos assalta”, afirma Medina ao apresentar a segunda edição. Os estudantes sentem a pulsação das ruas, ouvem o povo, recolhem vivências e reflexões, junta dados e opiniões, em busca da compreensão do momento presente.

Histórias incríveis como a de Dona Iracema Aldrighi, na época com 62 anos, merece uma menção especial. Com câncer, apenas um pulmão, um seio, sem parentes, morando sozinha, nos idos de 1987, pressionada

pela aposentadoria miserável, Dona Iracema refez as contas e concluiu que a luz era supérflua. No dia 30 de setembro de 1987, ela virou notícia no Estadão. Um mês depois as duas estudantes que fizeram a reportagem⁷⁹ para o *São Paulo de Perfil* foram em busca dessa personagem enigmática, falante e de uma felicidade desconcertante.

Dividido em três partes que compõem as vozes [populares, analíticas e opinativas], *Vozes da Crise* introduz o ensaio como recurso textual, produzido principalmente com a colaboração de pesquisadores e escritores, e a reportagem-ensaio, um gênero que se desenvolveu, ganhou maturidade e encontrou abrigo nos volumes posteriores. Em termos de evolução narrativa, a reportagem-ensaio representa um salto qualitativo na construção da reportagem nas duas décadas do projeto.

Ainda sob a temática da crise, lançado em 1988, o terceiro volume traz a juventude à cena jornalística. *Nos Passos da Rebelião (1968 – 1988)* lembra os vinte anos de inquietudes e utopias por que passavam os estudantes. Naquele ano, virou moda falar do Maio de 1968 de Paris. A obra foca os movimentos estudantis brasileiros e levanta a gênese dos movimentos estudantis no Brasil, mostrando que “os revolucionários de 68 não eram tão genericamente radicais, que os perseguidos da repressão nos anos 70 não se entregaram ao medo e que os jovens do final dos anos 80 estão

⁷⁹ Sob o título “Uma pessoa comum/um filho de Deus/Nessa canoa furada remando contra a maré”, de autoria de Mônica Sanches e Sibelle Pedral.

desenvolvendo uma nova forma de responsabilidade social”, salienta Medina. Afinal, os protestos dos jovens brasileiros começaram bem antes do Maio em Paris e a guerra da Maria Antônia [como ficou conhecido o confronto envolvendo alunos da USP e do Mackenzie em São Paulo] também não aconteceu em maio. Um ensaio fotográfico [composto por fotos da Agência Estado] é a marca inovadora dessa edição. O texto visual, a partir dos ensaios fotográficos [produzido pelos próprios alunos] será parte integrante em muitos volumes posteriores. Merece destaque nesta edição o trabalho coletivo de reportagem dos alunos que fizeram um perfil histórico sobre a União Nacional dos Estudantes (UNE). *Nos passos da Rebelião* encerra a trilogia da crise e a marca a geração da chamada “década perdida” no Brasil. Os três primeiros volumes reúnem um panorama abrangente dos temas que inquietaram a sociedade brasileira daqueles anos.

2.2- Saga migratória

Forró na Garoa (1989), quarto volume da série, abre para a saga das migrações que compõe a face mestiça de São Paulo. Além da temática migratória que destaca os vários povos que habitam a maior cidade brasileira [hispano-americanos, judeus de várias nacionalidades, italianos, portugueses, espanhóis, japoneses] os embates da população com os desafios da megalópolis e os espaços que remetem à experiência comunitária são os três principais eixos temáticos do projeto. Espaços estes localizados, principalmente, nos extremos da cidade cuja população se encontra à margem da cidadania. Este terceiro enfoque temático interessa particularmente aos propósitos desse estudo.

O livro que abre a série sobre migrações merece um destaque sobretudo por se tratar, entre os seis volumes temáticos, o que aborda a migração interna, ou seja, a forma como nos vemos e a imagem que o brasileiro tem de si mesmo. A obra está dividida em três partes. Na primeira, reportagens (*Histórias Arretadas*) resgatam histórias de sobrevivência dos retirantes na metrópole. As sutilezas dos vários tipos de retirantes expostos no livro [como as dos pernambucanos Célio José da Silva, um luthier, Amaro Marques de

Carvalho, um retirante político⁸⁰ e da migrante que virou empresária] dão ao tema um tratamento que combate a visão estereotipada sobre os nordestinos, cuja associação estabelece relação direta entre nordestino e pobreza.

Novamente o perfil reaparece, na segunda parte, “Sob a regência de uma paraibana”, de forma a ligar oportunamente tempo histórico e protagonismo. No ano de 1989, a vitória de Luiza Erundina à prefeitura de São Paulo envolve a quebra de vários tabus e de inúmeros desafios. A paraibana Luiza Erundina tinha de vencer a um só tempo o fato de ser mulher, nordestina e representante do Partido dos Trabalhadores, numa época paradoxalmente considerada como “década perdida” sob o ponto de vista econômico, a da geração de 1980, mas que abriria novas perspectivas com fim da Ditadura e, conseqüentemente, com a esperança no processo de Redemocratização. O perfil de Erundina é um mergulho no mundo interior da paraibana porque era “preciso descobrir por trás da figura pública o ser humano”, e os diversos papéis sociais “mulher, nordestina, assistente social, militante sindical e política” para reconstruir cada passo de sua trajetória⁸¹”.

⁸⁰ Com os títulos, respectivamente, Luthier a bordo. Destino: Tatuí (p.27), Retirante graças à militância (P. 31), A força da teimosia (p. 43).

⁸¹ ORTIZ, Pedro. Sob a regência de uma paraibana. In: MEDINA, Cremilda (org). Forró na Garoa. São Paulo de Perfil nº 05, São Paulo, CJE/ECA/USP, 1989, P. 131-144.

O ensaio fotográfico que acompanha o livro [composto de 19 fotos] ilustra bem o quanto ainda se enxerga os nordestinos por lentes estereotipadas. As imagens captadas pelos alunos denunciam a leitura imediata e simplista que liga retirantes a um grupo de cordelistas. No aspecto socioeconômico, as imagens mostram que é fácil identificar uma grande parcela dos migrantes nordestinos em São Paulo: em sua maioria estão nas ruas, ocupam os piores postos de trabalhos ou estão no mercado informal e moram nas periferias.

Nas avaliações dos especialistas que participam do debate, organizado pelos alunos do sexto semestre de Jornalismo da ECA, os diagnósticos reafirmam o que sinalizavam as reportagens. De acordo com Neide Patarra, pesquisadora da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), que participou do debate organizado por ocasião do lançamento do *Forró na Garoa*, a ideia da grande São Paulo como pólo preferencial de migração já estava abalada. Os estudiosos apontavam que o ritmo de crescimento de São Paulo vinha diminuindo na década de 1980 [o que se confirma em décadas posteriores], e que a metrópole já não exercia mais a função de pólo atrativo que exercia a partir da segunda metade do século XX. A força atrativa se deslocara para as cidades de médio porte, presentes em grande parte nos municípios do

Estado de São Paulo, cujos indicadores sócio-econômicos⁸² são os mais elevados do país.

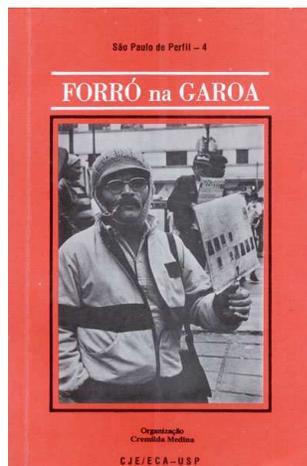
Para a pesquisadora da fundação Seade há outros conceitos que precisam ser imediatamente rejeitados. Um deles

[...] é a associação obrigatória entre migração e pobreza. Se formos olhar estaticamente o problema, realmente o pobre migra mais (mas também a pobreza atinge a maioria da população). Por outro lado, há a heterogeneidade da população que migra para São Paulo; (...) especialistas e estudantes também migram, transitoriamente ou não. Outra idéia a ser atacada é o corte migrante/nordestino. Este corte é perigoso porque é ideológico. Os indicadores indiretos mostram que a maioria dos que migram para São Paulo são do interior do próprio estado.⁸³

No plano narrativo, *Forró na Garoa* mostrou também nas reportagens que existem outros níveis [que não apenas o econômico] interagindo na temática da imigração. E, numa estrutura profunda, o livro aborda de forma mais ampla que, em contextos diversos, somos todos migrantes.

⁸² Dados da Secretaria do Estado do Meio Ambiente, com base na Fundação Seade, referentes ao período de 1980-1998, o Estado de São Paulo além de mais populoso é o mais próspero do País. O PIB paulista, em 2000, representava cerca de 35,5% do brasileiro, 27% do PIB do Mercosul e 11% do sul-americano. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/agenda21SP.php> Acesso em 10/04/09.

⁸³ PATARRA, Neide. "Migrantes somos todos nós" (debate). *Forró na Garoa*, coleção São Paulo de Perfil, nº 4, CJE/ECA/USP, 1989, p. 149.



Forró na Garoa é um canto de resistência de seres anônimos que sustentam São Paulo. Aos braços bem valorizados do Exterior, se somam os dos migrantes internos e, entre eles, essa força nordestina. Como os que vêm de longe – Japão ou Itália, Portugal ou Alemanha -, também os nordestinos trazem consigo sons, gestos, palavras ancestrais.

Na cartografia das migrações, o *São Paulo de Perfil* nº 5 segue no mapeamento temático elegendo a presença hispano-americana, sobretudo do Cone Sul, em São Paulo. Em seu quinto volume, *Hermanos Aqui* capta um pouco da alma migratória da América hispânica e percorre também histórias dos atuais viajantes americanos. A obra narra não só a saga dos exilados econômicos mas relembra também as histórias dos que tiveram que sair de seus países perseguidos politicamente pelas ferozes ditaduras latino-americanas.

Um ponto interessante, no *São Paulo de Perfil*, é perceber a recorrência à narrativa mítica, presente e viva na narrativa jornalística. Na introdução, Medina recorre ao mito do Eldorado, que remonta ao século XVI, para explicar o sonho de conquista e riqueza no continente americano. E esse sonho de boa parte de bolivianos, chilenos, peruanos, mexicanos “elegeu o asfalto paulistano para se concretizar”.

Para Mircea Eliade, os símbolos e os mitos não são criações “irresponsáveis da psique”, uma vez que revelam certos aspectos da realidade (os mais profundos) que qualquer outro meio de expressão. Por isso, assinala o escritor e historiador romeno, “seu estudo nos permite melhor conhecer o homem, o homem simplesmente, aquele que ainda não se compôs com as condições históricas⁸⁴”. Os mitólogos encontram na Arte o terreno perfeito para a atualização mítica na medida em que compreender o domínio sagrado de uma cultura é mergulhar na arte de um povo.

Linguagem mítica presente também no sétimo volume. O *São Paulo de Perfil* abre parênteses, interrompendo a temática migratória, [que será retomada no livro posterior com a saga judaica em São Paulo] e mergulha no problema da moradia. Lançado no primeiro semestre de 1990, *A Casa Imaginária* trata o drama da habitação para além de sua expressão numérica e deficitária ao se defrontar com o “espaço mítico de humano viver”. Os repórteres mostram que a casa imaginária [ou representações

⁸⁴ ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo, Martins Fontes, 1991, p. 9.

simbólicas do lar] é mais do que uma construção física e que nem as mais precárias condições de vida impedem a fantasia, independente de o espaço físico habitado ser a rua, embaixo de um viaduto.

Nesse aspecto, não pode passar despercebida a reportagem *Sopa de São Francisco* que narra a história de um núcleo de moradores de rua de São Paulo. Em particular, a narrativa gira em torno do andarilho Pelé, um peregrino que anda o dia inteiro pelas ruas e depois volta para a “casa” para a companhia de amigos onde “mora” nas ruas do centro de São Paulo. O repórter que acompanhou Pelé em suas andanças noturnas deseja saber “o que faz em suas caminhadas, quem são as pessoas que o cercam, a sensação de voltar para casa quando não se tem casa, um pouco da história dos sem-teto, o que é uma casa na vida de um sem-casa⁸⁵”. Interessante observar que o repórter Armando Rodrigues narra na perspectiva do protagonista Pelé. Como que mergulhado num delírio alcoólico, o autor vê o espaço à sua volta de forma cambaleante, numa profusão de imagens confusas e dispersas, procurando sentido, na São Paulo noturna, onde o submundo imprime outros códigos de sobrevivência. A *Casa Imaginária* foi pioneira em abordar em profundidade jornalística a situação de moradores de rua em São Paulo. Coincidência ou não, meses depois da publicação, a revista VEJA

⁸⁵ NETO, Armando Rodrigues Coelho. Sopa de São Francisco. In: MEDINA, Cremilda (org). *A Casa Imaginária*. São Paulo de Perfil nº 06, São Paulo, CJE/ECA/USP, 1990, p. 95-110.

estampou na capa uma grande reportagem [inédita até então na revista] abordando a situação dos moradores de rua⁸⁶ em São Paulo.

Com *Paulicéia Prometida*, lançado no segundo semestre de 1990, o projeto retoma a temática migratória. O sétimo volume narra a presença judaica, tendo como ponto de partida o bairro do Bom Retiro, espaço considerado por seus moradores como uma “cidade judaica” dentro da Paulicéia, com língua própria [ídiche] e uma infra-estrutura social organizada. Os judeus do Bom Retiro [que se espalharam também pelo Brás, Mooca e depois Higienópolis] acompanharam muito de perto as mutações da cidade.

Esse terceiro livro sobre migrações assinala como a saga coletiva destes povos em São Paulo (portugueses, italianos, japoneses, espanhóis) apresentou a mesma dinâmica sociocultural. As primeiras gerações que aqui aportaram, no final do século XIX, eram pobres e se submetiam a condições de trabalho muito precárias⁸⁷. Já os filhos dos migrantes (segunda geração) viveram o processo de urbanização da cidade, freqüentavam a escola e gozavam de uma condição melhor que a situação paterna. A terceira geração frequenta a universidade e disputa em melhores condições que seus descendentes as vagas do mercado de trabalho em São Paulo.

⁸⁶ Os Miseráveis (Nunca houve tanta gente morando na rua). *VEJA*, edição 1161, 19/12/1990.

⁸⁷ Durante a última década do século XIX, o afluxo de imigrantes representou o equivalente a 53% da população economicamente ativa existente no estado em 1890, um crescimento de 4,3% ao ano. In: BARBOSA, Alexandre de Freitas. *A Formação do mercado de trabalho no Brasil*. São Paulo, Alameda, 2008.

O sétimo livro fornece algumas chaves fundamentais para se compreender a história dos judeus no Brasil, sem cair nas “ingenuidades” que resultam em estereótipos no tratamento dado aos judeus em grande parte da imprensa brasileira e mundial: confundir “judeu” com a ideia de raça, por exemplo. Outro equívoco é achar que Judaísmo é o mesmo que Sionismo.

Essas questões estão lançadas nas páginas de *Paulicéia Prometida*. De um equilíbrio estético extraordinário, a obra apresenta unidade temática, edição bem trabalhada, entrelaçada por histórias de um povo historicamente disperso, mas que resiste na unidade. O conjunto das 27 reportagens refaz a saga judaica em São Paulo e mostra, num sentido mais profundo, lembrando Cremilda Medina, que a “diáspora dos judeus se funde nas inúmeras diásporas de habitantes regionais e estrangeiros”.

2.3 – Periferias e subcidadanias

Quantas 'diásporas' não coexistem entre os que vivem à margem, nos extremos de São Paulo? O oitavo volume da série, *À Margem do Ipiranga*, traz histórias dos que vivem o cotidiano nos extremos da metrópole. Lançado em 1991, ano em que a ECA completou 25 anos, as matérias reafirmam o significado da reportagem na iniciação à cidadania. O livro consolida na prática o tripé acadêmico de ensino-pesquisa-extensão ao firmar uma parceria com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Dos mil exemplares, 500 seriam lidos por cerca de 12.300 alunos do ensino médio de escolas selecionadas pela 16ª Delegacia de Ensino. Nos escritórios da Secretaria de Estado da Educação, o parecerista atesta a proposta pedagógica do São Paulo de Perfil ao salientar que a equipe achou a iniciativa de distribuição dos livros interessante uma vez que “oferece informações pertinentes ao estudante de 2º grau [atual ensino médio], que se inicia no exercício de cidadania, estando [o aluno] em via de opções profissionais⁸⁸”. Além disso, o texto destaca que as obras foram submetidas à apreciação da equipe técnica de comunicação e expressão de língua portuguesa e os membros consideraram o “conhecimento desses livros será enriquecedor e válido para os alunos do

⁸⁸ Ofício de 11 de outubro de 1989. Ver anexo.

2º grau, não só no que diz ao estudo de língua portuguesa, mas também no que diz respeito sobre a história de São Paulo”.

Por abordar, entre outros aspectos, a discussão dos espaços públicos na metrópole, *À Margem do Ipiranga* ocupa um lugar de destaque nesta pesquisa. O livro [que será analisado no quarto capítulo] amplia as fronteiras do perfil de São Paulo e aguça a percepção dos jornalistas. Como é (sobre)viver nos extremos da cidade? Extremos que não são geográficos apenas. Os repórteres [que em geral não saem dos seus espaços centrais de atuação, geográficos e políticos] se viram na difícil tarefa de ir ao encontro de histórias nem sempre alegres, duríssimas até, mas plenas de vida. Histórias de vida cuja cronologia se dá pelo número de mortos no bairro. Como mostra a reportagem sobre a Vila Clara, no extremo Sul da cidade, que “continua muito pobre e cada vez mais violenta”. Um dos entrevistados, um morador conhecido por Dantas, registra no caderno o número de crianças que “virou marginal” e “caiu morto na Vila Clara”. Como relata o repórter Marcelo Damato,

Dantas ou Jacaré, como é conhecido, não guardou o nome de nenhum dos mortos, com medo que o tomasse por alcaguete. Foi fazendo os riscos num caderno. Cada risco, um morto⁸⁹

⁸⁹ MARCELO, Damato. *Vila Clara, não. Vila Clara, sim*. In: MEDINA, Cremilda (org.) *À Margem do Ipiranga*. Coleção São Paulo de Perfil, nº 8, CJE/ECA/USP, 1991, p.51-56.

Narrativas que se repetem nos extremos de Leste a Oeste, de Norte a Sul da cidade. Mas que não trata apenas de um tipo de violência. O livro é composto de 22 reportagens, dois artigos e um ensaio fotográfico. Fato único na história do São Paulo de Perfil, o renomado cientista social Lúcio Kowarick, professor do Departamento de Ciências Políticas da Universidade de São Paulo, escreveu especialmente um texto sobre os impasses urbanos em São Paulo, utilizando-se das vozes populares colhidas pelos repórteres. No artigo intitulado "Periferias e subcidadanias", Kowarick diz que há um tipo de violência do espaço público em São Paulo que se constitui no dia a dia da cidade e que não se trata apenas da polícia e dos bandidos. "É também a banalidade cotidiana das horas gastas nos transportes, o ritmo, a jornada de trabalho e a remuneração resultante⁹⁰". Para inferir que "o espaço público é o espaço da subcidadania. E enquanto assim for, muitos não terão direito à Cidade⁹¹". As críticas do cientista social revestem-se de maior importância para os propósitos desse trabalho por analisar a qualidade do espaço público em São Paulo.

⁹⁰ KOWARICK, Lúcio. *Periferias e Subcidadanias*. In: MEDINA, Cremilda (org.) *À Margem do Ipiranga*. Coleção São Paulo de Perfil, nº 8, CJE/ECA/USP, 1991, p.13-23.

⁹¹ *Ibid.*, p.22



A reportagem-documento que se concretiza em *À Margem do Ipiranga* devolve agora aos confins de São Paulo flagrantes da atualidade, nem sempre alegres, mas plenos de vida. O que nós, jornalistas, aprendemos com nossos personagens foi, acima de tudo, uma lição de humanidade.

2.4 - Cidadania adiada

Os três volumes seguintes da coleção captam a atmosfera que permeia a sociedade brasileira nos dois primeiros anos da década 1990. Da engavetada Lei de Diretrizes de Base da Educação (LDB), passando pelo incipiente discussão do desenvolvimento sustentável no Brasil [que culminou com a ECO-92 no Rio de Janeiro] à condição de subcidadania dos índios brasileiros, os livros mostram a sintonia com os temas de maior relevância para a sociedade bem como atestam o caráter vanguardista da série.

É assim com *A Escola no Outono*, nono livro do *São Paulo de Perfil*, lançado em 1991, cuja temática analisa os destinos da educação brasileira. À época, a nova LDB estava emperrada há mais de um ano na Câmara dos Deputados. E professores universitários e representantes sindicais em greve se mostravam apreensivos com o avanço da bancada parlamentar que defendia a ameaçadora ideia de se cobrar mensalidades nas universidades públicas. O contexto de São Paulo ocupa o primeiro plano, contudo, a realidade nacional [no quadro internacional] está igualmente presente na edição. Vale ressaltar a participação dos alunos do ensino médio, que criaram desenhos que tentam responder ao exercício

proposto: “o que espero da universidade?” Outro destaque é o ensaio da socióloga Barbara Freitag que analisa a educação brasileira no contexto mundial, em particular, na América Latina sob duas perspectivas: a do observador externo e a do observador participante. Ao empregar a análise, a socióloga se apóia na noção de sociedade desenvolvida por Habermas, segundo a qual para de chegar a um conceito “aceitável de sociedade” era preciso compreender a sociedade por dentro, a partir de suas vivências, de seu cotidiano, do mundo vivido; e simultaneamente, por fora, a partir do seu funcionamento no plano econômico e político, o mundo sistêmico⁹². Barbara Freitag recorre a Habermas para apontar limitações em ambas as perspectivas se analisadas isoladamente. Segundo a socióloga,

a visão do conjunto, que procura integrar a perspectiva sistêmica, do observador externo, à perspectiva do mundo vivido, do sujeito que convive com a realidade, sugerida por Habermas, justamente permite ponderar, selecionar, aprofundar e rejeitar os fatos apresentados e discutidos de forma unilateral no interior de uma das perspectivas, isoladamente⁹³.

⁹² FREITAG, Barbara. Ótica Externa & olhar interno. In: MEDINA, Cremilda. A escola no outono. Coleção São Paulo de Perfil, nº9, CJE/ECA/USP, 1991, p. 291.

⁹³ Ibid., p.302

É por essa busca, o de integrar a visão sistêmica à perspectiva do mundo vivido, que o *São Paulo de Perfil* se firma como laboratório de iniciação à cidadania. Com *O Primeiro Habitante* (nº10), publicado em 1992, a série evoca uma das faces esquecidas da história brasileira ao tratar a questão do índio, um povo cuja cidadania continua adiada no Brasil há mais de cinco séculos. O décimo volume lembra, a partir do artigo do professor Dalmo de Abreu Dallari, da Faculdade de Direito da USP, que as peculiaridades culturais [costumes e língua] não retiram do índio a condição de brasileiro nem servem de justificativa para a restrição de seus direitos. O *São Paulo de Perfil* aborda a situação de grupos indígenas que vivem em regiões cujo subsolo contém reservas minerais valiosas, o que vem despertando o interesse de grupos econômicos. A questão indígena brasileira voltou ocupar o noticiário em 2008 quando o Supremo Tribunal Federal (STF) discutiu a permanência de mais de 15 mil indígenas na reserva Raposa Serra do Sol, em Roraima, que disputam com os rizicultores o direito de permanência nas terras, garantido pela Constituição. Os índios que vivem na reserva Raposa/Serra do Sol (RR) comemoraram o resultado do STF favorável à demarcação contínua⁹⁴. Um ponto que tem suscitado polêmica é que os índios brasileiros não são proprietários das terras que ocupam, que pertencem à União, mas a Constituição lhes garante o

⁹⁴ Após todos os votos, apenas um dos ministros foi contra a retirada dos produtores rurais da área. O placar ficou em 10 a 1 em favor da demarcação contínua. Folha de S. Paulo online, 19/03/2009. <http://www1.folha.uol.com.br/fohla/brasil/ult96u537385.shtml>

direito de permanência. Chama a atenção também no décimo volume o belíssimo ensaio fotográfico realizado por dois estudantes da ECA na aldeia de Itariri, na serra dos Itatins, em São Paulo.

Nossos atos emancipatórios se realizam nos atos lúdicos. É com essa essência, que a série lança o número 11, *Farra Alforria (1992)*, um mergulho nas formas de brincar em São Paulo. Ou no *homo ludens*, na denominação de Johan Huizinga, que recolocou a discussão do jogo como fundamental para a civilização. Em *Homo Ludens (1938)*, Huizinga coloca o jogo [como sinônimo de brincadeira] como elemento constitutivo da fantasia e da imaginação, presente na gênese do pensamento e da descoberta de si mesmo. Para ele, o jogo representa uma categoria absolutamente primária da vida, tão essencial quanto o raciocínio [*homo sapien*] e quanto a fabricação de objetos [*homo faber*].

Farra Alforria trata o tema da brincadeira como um dos aspectos mais profundos de todas as atividades humanas, ou seja, é na aventura humana do cotidiano que cada pequena ou grande farra, nas palavras de Medina, “assina uma carta de alforria”. Farra que é essencial para criança e adultos. Que “jogos” afloram nas calçadas da paulista na hora do almoço, quando o piso do mais importante centro financeiro do país se transforma em espaço para descontração e diversão? Ou que significados revelam a “arte do inconsicente” para um grupo de pacientes

psiquiátricos cujas “horas mortas” foram preechidas com pintura e outras formas de expressão artística?

O décimo primeiro volume da série traz a oportuna contribuição do cartunista Laerte. Do recreio infantil ao samba, do futebol de rua ao jogo de botões, do hospital das bonecas às formas de brincar [mesmo quando a infância já parecia ter sido roubada] *Farra Alforria, imersa na crise de 1992*⁹⁵, é um convite a outra catarse, a da gargalhada.

O décimo segundo volume, intitulado *Tchau Itália, Ciao Brasil (1993)*, lembra a história dos imigrantes italianos em São Paulo, identificada por muitos como uma “cidade italiana”, por ter recebido o maior contingente do país. Os italianos foram responsáveis em grande parte por impulsionar a formação do mercado de trabalho no Brasil. Das lavouras de café, no século XIX, à indústria nascente, os italianos foram responsáveis por ocupar também, no início do século XX, atividades de serviços urbanos. Chegaram a representar 90% dos 50 mil trabalhadores ocupados nas fábricas paulistas⁹⁶, em 1901. A condição de imigrante no Brasil abriu aos estrangeiros [em particular aos italianos] possibilidades concretas de ascensão social, “em virtude de sua significativa presença em atividades

⁹⁵ Cujos fatos mais marcantes são, no campo político, o impeachment de Fernando Collor. Na esfera econômica, o cenário sinalizava um país sem rumo. Segundo o historiador Boris Fausto, nesse período, a inflação cresceu a níveis assustadores, fazendo do Brasil o campeão latino-americano da inflação e um dos primeiros colocados no plano mundial. In: FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13ª Ed., São Paulo, Edusp, 2008.

⁹⁶ Fonte: Brasil 500 anos de povoamento. IBGE. Rio de Janeiro. 2000.

que requeriam maior especialização"⁹⁷ e, portanto, de mais difícil substituição.

Do conjunto de reportagens presente em *Tchau Itália, Ciao Brasil*, uma matéria merece um destaque especial em função da inventividade na construção da linguagem. "Objetos memória" reconstrói o diálogo entre a repórter Patrícia Jota Teixeira e Angelo Luisi, dono de uma cantina italiana, na Bela Vista, antigo Bixiga, no centro de São Paulo. O texto [fiel à oralidade do personagem] é ao mesmo tempo um diálogo com as imagens, que figura como uma grande fotolegenda. Ou seja, a narração explica cada foto contida na matéria, de forma a lembrar o português "macarrônico", muito arraigada à gramática italiana, com influência no vocabulário e nas construções do português. Os críticos literários atribuem o resgate dessa variante lingüística a Alexandre Marcondes Machado, conhecido como Juó Bananère, [poeta paulista que reproduzia esse 'dialeto' falado pela colônia italiana no Brás, Bela Vista, Bom Retiro em São Paulo na década de 1920], e também ao escritor e jornalista paulistano Alcântara Machado, autor da *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927). Ambos são responsáveis por introduzir um novo tipo de personagem na literatura brasileira: o ítalo-brasileiro.

⁹⁷ BARBOSA, Alexandre de Freitas. *A formação do mercado de trabalho no Brasil*. São Paulo, Alameda, 2008, p. 225.

A publicação seguinte, o volume 13, é um mergulho no “*Sagrado e no Profano*”, nas palavras de Mircea Eliade. *Guia das Almas*, obra mais volumosa da série, aborda a experiência religiosa, presente não só na religião mas também nas diversas formas de manifestação da religiosidade. Ao mergulharem no mundo das subjetividades religiosas em São Paulo, os alunos travaram um diálogo intenso e um esforço antropológico para mapear a abrangência de práticas, cultos, ritos e crenças na metrópole brasileira. Dos elementos da natureza, presente na simbologia dos indígenas brasileiros, às práticas católicas, judaicas, evangélicas, espíritas, das rezadeiras à presença africana com o candomblé e a umbanda, *Guia das Almas* expõe, como numa liturgia religiosa, uma das dimensões mais íntimas do ser humano. E apresenta um tema em que não se busca o conceito ou a explicação. Tanto é que há um ritmo narrativo em todo o livro que oscila entre a música de louvor a Deus [a oração] e o silêncio. Esse movimento se vê nas reportagens “*Oremos num só altar*” e “*A Música dos Mosteiros*”, quanto em outras matérias como “*Quem canta os males espanta*” e “*A paz que consola*”, citando alguns exemplos apenas, porque o “canto é a ponte de ligação com o sagrado”⁹⁸.

⁹⁸ MARTINS, Alessandra. *Quem canta os males espanta*. In: MEDINA, Cremilda. *Guia das Almas*, São Paulo de Perfil nº13, São Paulo, USP, CJE/ECA, 1993, p. 64.

Das manifestações de fé à discussão sobre a existência de Deus [como no capítulo “Entre Deus e a Ciência”], o décimo terceiro volume da série de livros-reportagem traz a marca dos sentimentos religiosos que povoam a alma da grande cidade e expressa, segundo Cremilda Medina,

[...] um itinerário muito privado e respeitoso que ultrapassa os limites do mapeamento sociológico das religiões para lançar sondas no presente imponderável. Os repórteres se despojaram dos preconceitos: eis o aprendizado que se deve ao tema de 1993. Rigorosa e solidariamente a reportagem foi convidada a participar do banquete dos sonhos, convite que agora se estende ao imaginário criativo de todos os leitores⁹⁹.

⁹⁹ MEDINA, Cremilda (org). *Guia das Almas*, São Paulo de Perfil nº13, São Paulo, USP, CJE/ECA, 1993.

2.5 – Saga lusitana na Nau dos Desejos

Dividido em 10 cantos, uma homenagem à poesia de Camões, *Nau dos Desejos* (vol. 14) recolhe flagrantes dos imigrantes portugueses em São Paulo. O livro foi produzido em 1993 pelos estudantes do 6º período de Jornalismo, mas foi publicado no ano seguinte. Muitos que aqui aportaram, nos idos de 1950, fugiam do terror salazarista, da ditadura que condenou milhares de pessoas em Portugal. Portugueses como Joaquim de Gouveia, dono de uma pequena fábrica de sapatos, na Ilha da Madeira, e que morava com a família em Funchal, principal cidade da Ilha da Madeira, em Portugal, quando nos idos de 1950 foi obrigado a vir para o Brasil. A família só sairia da ilha nove meses depois. Na carta que envia para a esposa Isabela, após nove meses no Brasil, pede que “traga os três filhos e deixe aí este regime maldito, vamos fazer nossa vida aqui”; o Brasil “não é tão bonito como nossa ilha, mas aqui pode-se viver em paz e trabalhar¹⁰⁰”. *Nau dos Desejos* faz um passeio pelas marcas portuguesas no cotidiano de São Paulo, a partir do ensaio fotográfico, intitulado *Alicerces da Memória*, da estudante Val Inamini. Começando pelo coração da metrópole, o colégio e o mosteiro de São Bento, passando pelo Pátio do Colégio [onde a Paulicéia nasceu], as raízes portuguesas estão presentes inclusive [como

¹⁰⁰ RODRIGUES, Renato. *Vozes da Madeira*. In: MEDINA, Cremilda (org). *Nau dos Desejos*, São Paulo de Perfil nº14, São Paulo, USP, CJE/ECA, 1994, p.66.

registra o ensaio] na casa, localizada no Museu do Ipiranga, que guarda o grito que rompeu os laços políticos entre Brasil e Portugal, representada artisticamente no quadro *A Casa do Grito*, de autoria de Pedro Américo.

Em relação aos outros livros da série [que abordam a imigração estrangeira], o sobre os portugueses traz à tona um traço cultural particular, a visão dos brasileiros sobre os colonizadores. Apesar das diferenças, o que mais incomodou grande parte dos imigrantes portugueses foi a “diversão com o sotaque” e “poucas coisas podem irritar mais um português do que as piadas desenvolvidas durante séculos de dominação¹⁰¹”. O saudosismo, presente na maioria das narrativas, se materializa como tema de reportagem em “*Saudade minha, quando te veria?*”, entre outras, mas também como experiência catártica que busca as “raízes portuguesas”. Os ritos de passagem, de quem sai e quem chega a outras terras, encontram nas memórias “As minhas sobrancelhas pretas” [Marco Polo R. Henriques] e “A Caminho do Hemisfério Sol”, [Cremilda Medina] significados que podem ser sintetizados poeticamente nas palavras do escritor Sinval Medina:

¹⁰¹ Ibid., p.67

*Através do rio, não à margem,
É que se fere a luta da travessagem.
Através do rio, líquido leito,
Arranquei meus olhos para ver direito.
Pelo rio em chamas, ácido braço,
Vou sem vela ou leme, por um rumo que não traço.
Não escolho o rio que atravesso
Nem sei direito, no meio da corrente
Se estou de partida ou de regresso.
(Memorial de Santa Cruz)*

Seguindo o curso da viagem, a bússola intuitiva sinaliza para os espaços centrais da metrópole. *Vamos ao Centro*, o 15º volume, coloca na pauta um fato que se torna mais visível a partir da década de 1980 nas grandes cidades: o processo de degradação das áreas centrais e esvaziamento do centro histórico.

Divididos em quatro movimentos que se sucedem [*Entradas e Bandeiras, na Ciranda do Café, À Margem do Progresso, Ninguém é de Ferro*], a obra capta os ritmos do centro da metrópole. No ensaio fotográfico, fotos de São Paulo [do final do século XIX e início do XX] sob as lentes de Guilherme

Gaensly, com pesquisa iconográfica e iconológica feita por Boris Kossoy¹⁰² mapeiam uma cidade que vai aos poucos “se civilizando”. As lentes de Gaensly focam as mais antigas vias públicas do centro histórico de São Paulo como a rua XV de Novembro, Rua Direita, Rua São Bento que formavam o “triângulo paulista”, a figura geométrica mais nobre da cidade, no século XIX, onde se concentravam bancos, sociedades anônimas, confeitarias, cafés, restaurantes e hotéis e a tradição paulistana. Juntas essas vias representaram em todos os séculos de vida de São Paulo [e representam até hoje] um trajeto ainda muito utilizado por seus moradores. A rua São Bento, no centro da capital, presenciou múltiplas transformações, serviu como trilha dos índios, teve uso residencial no começo do século 19, seu calçamento já foi de solo batido e de paralelepípedos e recebeu trilhos dos bondes e calçadão. Ela manteve ao longo de cinco séculos seu traçado linear. É um fragmento da cidade que “representou em todos os séculos de vida da cidade¹⁰³”.

As reportagens, por sua vez, captam os protagonistas anônimos que circulam diariamente por esses espaços da memória. A prostituta na Estação da Luz, o mendigo-profeta no Viaduto do Chá, o equilibrista de rua que mostra sua destreza na Avenida São João. Praça da Sé, Largo São

¹⁰² Retiradas do livro *São Paulo, 1900*. Companhia Brasileira de Projetos e Obras (CBPO), São Paulo, Livraria Kosmos Editora, 1988.

¹⁰³ ALCÂNTARA, Alex Sander. “Cinco Séculos de Memória”. Agência Fapesp, 05 de fevereiro de 2009. <http://www.agencia.fapesp.br/materia/10065/especiais/cinco-seculos-de-memoria.htm>

Bento, Largo São Francisco. *Vamos ao Centro* traz, de forma mais marcante, diagnósticos de especialistas sobre o centro de São Paulo, como se vê nos artigos “Resgate da função perdida” e “coração doente¹⁰⁴”.



Vamos ao Centro mergulha na alma de concreto, seus movimentos descompassados, suas contradições, se deixa embalar por descobertas, reencantamentos, ultrapassa as aparências da ordem e da desordem e resgata o elos entre a memória e o vir-a-ser

A imprensa brasileira avançou muito na cobertura das questões étnicas, principalmente em relação à discussão sobre preconceito. Termos como “racismo” “movimentos e passeatas de negros”, “discriminação” e a própria palavra “preconceito” começaram a aparecer de forma mais contundente nas páginas dos jornais no final da década de 1980. Os especialistas sobre a questão do negro na sociedade brasileira afirmam

¹⁰⁴ Assinados, respectivamente, pelas professoras e pesquisadoras da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP Eliana Comin Vargas e Gilda Collet Bruna.

que o ano de 1988 é paradigmático, marcado por fatos importantes, como o centenário da abolição da escravatura no Brasil; a ONU criou o Comitê Especial contra o Apartheid na África do Sul e exigiu a libertação do líder negro sulafricano Nelson Mandela; no Brasil o movimento negro comemorava a aprovação do anteprojeto do deputado Carlos Alberto Caó (PDT-RJ), [que viraria lei na Nova Constituição] que tornava imprescritíveis e inafiançáveis os crimes de racismo. É nessa atmosfera reflexiva que o *São Paulo de Perfil* lança, em 1995, *Axé*. O conjunto de narrativas do 16º volume “fermentou em ritmo mais lento” que o de todos os outros da série. É também o mais reflexivo entre todos do inventário por reunir além de repórteres, muitos especialistas¹⁰⁵. Além disso, neste volume os repórteres contaram com um arsenal a mais: Cremilda Medina lançara *Sonha Mamana África*, em 1987, resultado de trabalho de campo em que reúne vozes literárias em português de Moçambique, São Tomé e Príncipe, Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Um belíssimo ensaio fotográfico abre a cartografia étnica sobre a contribuição dos negros na formação do país. Assinado por Ricardo Teles, a documentação fotográfica retrata o cotidiano de comunidades quilombolas no rio Trombetas, no Pará, do Rio das Rãs na Bahia e do Frechal, no Maranhão. A tônica das análises encontram ressonância na

¹⁰⁵ É o caso do jornalista Ricardo Alexino Ferreira, que à época cursava o doutorado em Ciências da Comunicação, e que defendeu a dissertação de mestrado “A representação do negro em jornais no centenário da abolição da escravatura no Brasil”, ECA/USP, 2003.

ideia da situação dos negros no país como um “prejuízo histórico secular” cuja lei aurea construiu uma democracia que trocou a “senzala pelo cortiço”, e a “condição servil pela subcidadania”. Já os estudantes, com as reportagens, foram em busca de outras rotas, amadureceram uma abordagem despojada de certezas ideológicas e buscaram as marcas culturais africanas no país presentes na culinária [*Tá na mesa*], na religião [*O candomblé segundo Verger*] e nas histórias de resistência [*Militando a resistência*].

No décimo sétimo volume, os estudantes mergulharam nas águas do Tietê e receberam o batismo dos significados profundos. *Tietê, mãe das águas* discute a condição do rio paulista nos idos de 1995, extraindo da observação, das histórias de vida, dos diagnósticos técnicos, “uma energia de futuro, fazendo possível, no jornalismo, o reencantamento¹⁰⁶”. O livro traz a contribuição do jornalista Denis Russo Burgierman que fez o trabalho de conclusão do curso sobre o rio Tietê. O jornalista percorreu, durante vinte dias, mais de 2.700 km, começando pela nascente. O repórter reuniu em seu *Diário de Viagem* vozes das comunidades ribeirinhas, conhecendo “mais de perto as pessoas que convivem com o Tietê”. Grande parte dos textos [artigos e reportagens] concebe o rio como “sujeito histórico”, dotado de uma lógica própria, detentor de segredos e mistérios. E neste percurso a obra fundamenta uma proposta de percepção do Tietê não

¹⁰⁶ MEDINA, Cremilda. No Leito do rio e seus afluentes. In: *Tietê, mãe das águas*, São Paulo de Perfil, n° 17, ECA/USP, 1995.

como simples objeto, mas como personagem que tanto quanto os homens toma “parte ativa na construção do sentido e dos tipos sociais que marcam o cotidiano paulista¹⁰⁷”.

O volume 18 ía a meio caminho quando os estudantes de jornalismo deixaram o projeto inacabado no ano de 1995. Fato inédito na história da série, outro grupo que atingiria o 24º livro optou pela realização do abandonado 18º, já titulado em 1995 de *Viagem ao Sol Poente*, um mergulho na imigração japonesa em São Paulo, publicado em 2001. É bom que se lembre que em sua primeira fase (1987-1997) a série estava ligada a uma disciplina obrigatória [Redação Jornalística] dentro da grade curricular do alunos de jornalismo na ECA. A partir de 1998, a produção da série migra para outro espaço [Fórum Permanente Interdisciplinar] e os livros passam a ser editados ao final da disciplina Narrativas da Contemporaneidade. Em virtude dessa mudança, os livros passam a ter publicação anual, [e não mais um por semestre] com mesma tiragem de mil exemplares por volume, mas que agora abriga a riqueza e troca de experiências de várias gerações. Além dos estudantes [que agora passam a se inscrever numa disciplina optativa] participam também alunos de qualquer curso de USP e também a oficina é aberta ao programa da terceira idade. Apesar da diminuição do número de alunos da graduação nas oficinas [e em alguns volumes do número de reportagens], a série

¹⁰⁷ FILHO, Cláudio Bertolli. Cenas de embarque. In: MEDINA, Cremilda. Tietê, mãe das águas. Coleção São Paulo de Perfil, nº17, CJE/ECA/USP, 1995, p. 45.

segue seu fluxo, em ritmo mais lento, mas sem interrupções e, principalmente, sem mudanças descaracterizadoras. Os três eixos temáticos da série são mantidos: perfil das migrações, mapeamento dos bairros, espaços comunitários, tendo como protagonistas os anônimos que vivem os desafios do presente em São Paulo. *Viagem ao Sol Poente* retoma, portanto, o eixo temático da imigração. Entre os muitos testemunhos humanos, alguns são narrados na "tentativa ensaística de tocar o essencial": da força da família à visão do mundo oriental; das digitais da arte aos segredos da iconografia de um alfabeto tão distinto; as marcas do cooperativismo, dos significados coletivos da competição, da transcendência da morte. Merece destaque a reportagem *De Charles Chaplin a John Travolta*, do jornalista Angelo Ishi, um dekassegui, ex-estudante de graduação na ECA que reside no Japão e atualmente é professor de Mídia e Sociologia na Musashi University. A matéria [em forma de roteiro de filme] mostra o quão é distorcida a imagem dos brasileiros no Japão e, ao fazer um movimento inverso, conta a saga na perspectiva dos descendentes japoneses que retornam ao Japão e por lá tentam se firmar.

2.6 – Pautas esquecidas

Com um grupo mais heterogêneo, a série põe na pauta três assuntos esquecidos e ignorados principalmente pelas mídias impressas. *Bem viver, Mal viver* (nº 19) aborda um assunto muito pouco explorado no jornalismo: a qualidade de vida em grandes cidades como São Paulo. É fato que a problemática é reduzida a meia dúzia de matérias cuja cobertura não vai muito além das listas de telefones úteis. O fato é que fora as reivindicações de melhores condições para morar na cidade, a ideia que cada um tem da qualidade de vida apresenta variações que não se esbarram apenas nas diferenças sociais. Nas vivências do cotidiano, o repórter de *Bem viver, Mal viver* escuta um coral de lamentos: “a viagem inacabável de casa para o trabalho, as doenças da poluição, a solidão dos apartamentos, a ameaça do asfalto a mão armada, a fome e a guerra das periferias da megalópoles¹⁰⁸”. A rua é o ponto central para onde converge grande parte das vozes recolhidas. Ora a rua aparece como espaço do encontro, da manifestação [a exemplo da reportagem *No Olho da Rua*¹⁰⁹] ora como espaço de separação, de distância e de isolamento, presentes principalmente na segunda parte [*Exercício de paciência*] cujos textos abordam a condição de subcidadania. Mas, apesar das dimensões

¹⁰⁸ MEDINA, Cremilda (org.) *Bem Viver, Mal Viver*. Col. São Paulo de Perfil nº 19, CJE/ECA/USP, 1996, p. 07.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 33

antagônicas, o livro inclui também o tema da felicidade [muito pouco explorado nas mídias impressas¹¹⁰] e recolhe, na “conflitiva saga da inconformidade”, pequenas conquistas de felicidade, pequenos fragmentos do *Bem viver* que encontram nas aspirações das crianças e de adolescentes, “os legítimos artesãos do próximo século¹¹¹”, materializadas pelos desenhos dos alunos da 5ª série da Escola de Aplicação da USP. No traço espontâneo das crianças e adolescentes, o futuro chegará a cavalo, de trem-bala, foguete espacial, e a esperança nos traços desses jovens autores desenha uma cidade melhor, mesmo sabendo que a felicidade é algo que escapa das mãos; é ‘clandestina’ como bem definiu Clarice Lispector.

O 20º volume vai ao interior do país “buscar sentidos que povoam o imaginário nacional¹¹²”. O jornalismo feito nas grandes cidades não volta os olhos para dentro do país, para além das cidades à beira do Atlântico. O jornalismo vê de forma estigmatizada os traços caipiras do Brasil profundo, do ambiente rural¹¹³. Em *Mundão véio sem porteira*, grande parte dos repórteres do *São Paulo de Perfil* “resgatou o seu lado caipira e

¹¹⁰ A Revista Trip iniciou, na edição 151, em dezembro de 2006, uma série de reportagens sobre a felicidade. Feita mês a mês, as matérias giravam em torno da categórica pergunta “Você é feliz?” e “O que é preciso para ser feliz?”. A Trip apontou temas de assuntos relevantes para toda a sociedade, como alimentação, segurança, educação, entre outros.

¹¹¹ Ibid., p.8

¹¹² MEDINA, Cremilda (org). *Mundão véio sem porteira*. Coleção São Paulo de Perfil, nº 20, CJE/ECA/USP, 1997, p. 11.

¹¹³ Aqui vale uma menção importante ao programa de televisão “Globo Rural” que se destaca ao longo dos anos por apresentar grandes reportagens cujas abordagens são abrangentes e complexas.

passou a lidar com ele não pela via crítica da rejeição, mas pelo gesto generoso da compreensão¹¹⁴". Publicada em 1997, a obra imortaliza um dos últimos encontros e compartilha com o leitor trechos da obra autobiográfica [inacabada] de Darcy Ribeiro, morto antes da publicação de *Mundão veio sem porteira*. No final do ano 1996, Cremilda Medina procurara o autor de *Povo Brasileiro* para falar do livro sobre os caipiras. Darcy doou um capítulo inédito que escrevera sobre São Paulo. Diante da impossibilidade de autorização, uma vez que o antropólogo morreu em fevereiro de 1997, Cremilda Medina utiliza apenas fragmentos do texto original e presta uma homenagem póstuma ao antropólogo.

O livro começa com um ensaio pictórico [Flores e frutos da terra] da pintora Florinda A. T. Chiandotti, e as narrativas incorporam o universo caipira em múltiplos aspectos, desde o caminhoneiro [*Aventura da vida estradeira*] que corta o país de norte a sul, leste a oeste, passando pelo país agrícola, dos canaviais [*À Sombra dos canaviais*], aos mitos e lendas da roça. Cheiros [Puro creme de milho], lembranças da infância [*Gostinho de Infância*] e a saga dos tropeiros [*A nação dos tropeiros*] que no lombo de mula e de cavalo, aboaindo e vendendo charque, se espalhou ao longo de 1600 quilômetros um pedaço de nação que se reconhece brasileira.

¹¹⁴MEDINA, op. cit., p.12.

Em *Chá de Bambu* (21º), a série retoma e compartilha as angústias e esperanças que também permearam *Bem viver, mal viver* (19ª), as expectativas em torno do fim e início de outro século, histórias humanas que representam tanto a carência quanto a alegria de viver. *Chá de Bambu* põe em primeiro plano a infância do século XXI, as vozes esquecidas em grande parte das mídias impressas. Mais presentes na TV, é raro encontrar as vozes infantis em jornais e revistas: “futuro é o que vai acontecer quando a gente crescer?” pergunta uma das crianças da creche central da USP que com lápis de cera às mãos, desenha “na arte e nos momentos lúdicos” novos mundos. O livro traz à cena viva os protagonistas da infância discriminada, revela os pequenos segredos da imaginação infantil e toca em temas delicados como a adoção de crianças por pais homossexuais. Na matéria *Filhos do arco-íris*¹¹⁵, a repórter entrevista casais homossexuais, mas vai às ruas saber de uma criança “adotada pelas ruas” se ela se “incomodaria de viver com dois homens ou duas mulheres?”. Para o garoto Flávio, de 13 anos [desde 6 nas ruas de São Paulo], não importava, o que “queria era ver mais comida, poder ir para a escola e não ter que ter medo de apanhar”¹¹⁶.

Apesar de abarcar, nessa segunda fase, um público mais heterogêneo, como já foi dito, o 22º é feito basicamente por alunos da pós-graduação

¹¹⁵ CARVALHO, Mariana Góes. “Filhos do arco-íris”. In: *Chá de Bambu*. Coleção São Paulo de Perfil, nº 21, CJE/ECA/USP, 1997, p.235.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 240

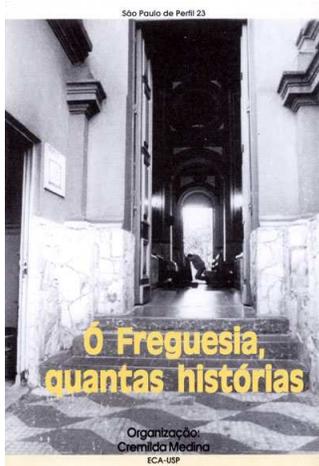
da ECA. *Cotidianos do Metrô* vai literalmente aos subterrâneos da cidade e retira das entranhas da metrópole significados profundos. E mostra que mesmo por baixo da terra, as cidades são capazes de revelar segredos e surpreendentes traços da personalidade de seus habitantes. Os repórteres vão às principais estações de metrô, captam o ambiente dos que estão em trânsito, mas com um olho no entorno. Como as matérias que compõem a primeira parte "*Estação Sé, caleidoscópio da história*", que aborda a vida em torno de um dos marcos mais importantes de São Paulo, palco de comícios, manifestações, quebra-quebra, implosões, assassinatos. É assim também com "*Estação Luz, lanternas, holofotes, spots*", "*Estação Brás, tradições e contradições*", "*Estação Trianon-Masp, desembarque no planalto*". O livro traz ainda uma entrevista com a arquiteta e urbanista Raquel Rolnik que discute as políticas urbanísticas e de transportes tomadas em determinados momentos da história da cidade. À época, a urbanista considerava que era necessário reduzir a concentração e a própria polarização da cidade, "onde alguns vivem bem e outros encontram-se em áreas de exclusão e de ausência de urbanidade"¹¹⁷. Há, portanto, um fio condutor que liga as reportagens, mas o ponto alto do livro está na abertura com ensaio fotográfico "*Silêncios no Labirinto*"¹¹⁸, de Denise Camargo, e no original ensaio do escritor Sinval Medina "*Por baixo*

¹¹⁷ ROLNIK, Raquel. "A cidade tem saída". Entrevista à Marta Maia. In: MEDINA, Cremilda. *Cotidianos do Metrô*, São Paulo de Perfil nº 22, CJE/ECA/USP, 1999, p. 137.

¹¹⁸ Ver ensaio fotográfico em anexo.

da Terra, de olho na paisagem” em que apresenta uma profunda análise [que será melhor analisada no quarto capítulo] sobre este meio de transporte e encontra singularidades do metrô em São Paulo, que o diferencia da grande maioria dos metrôs no mundo.

A série visita, no 23º volume, um dos bairros mais antigos, tradicionais, sedutores e pouco conhecidos de São Paulo. Em *Ó Freguesia, quantas histórias*, publicado em 2000, a coleção cruza experiências ao descobrir uma comunidade muito especial, Freguesia de Nossa Senhora do Ó, mais conhecida como Freguesia do Ó, localizado na zona Norte de São Paulo. Antes de se tornar bairro [e de se tornar freguesia em 1796] a atual Freguesia começou a existir já no final do século XVI, em 1580, apenas 26 anos depois da fundação de São Paulo de Piratininga. Na primeira parte do livro [*parto no tempo*], predomina o resgate da vocação religiosa no bairro. Das “Invocações a Maria” a “festas e romarias”, *Ó Freguesia, quantas histórias* condensa matérias que passam pela implantação dos povoados no Planalto na busca pelo ouro, a formação do núcleo cultural e religioso até os problemas contemporâneos.



O itinerário sempre incompleto das narrativas aqui reunidas traz à tona o corpo inteiro de São Paulo, embora surpreendido na velha Freguesia. Fundado no século XVI, o núcleo era distante toda vida do Pátio do Colégio. Por incrível que pareça, no século das velozes comunicações, a Freguesia do Ó ainda fica um pouco escondida na grande cidade.

A partir do 24º volume, intitulado *Sagas do Espigão*, [uma edição para comemorar os 90 anos da Faculdade de Medicina da USP], a série começa a ter problemas mais agudos em relação à publicação que começam a afetar de forma mais contundente os volumes posteriores. *Sagas do Espigão*, publicado em 2002, não se centra no monumento representativo da mais tradicional faculdade de medicina da América Latina. Traz um itinerário de temas que tratam da vida e da morte, da dor e da superação, do medo e da esperança, sentimentos que acompanham tanto profissionais de saúde quanto pacientes. É assim com “Doce

Rezende¹¹⁹”, que narra a história de um portador de HIV sob o ponto de vista de uma médica infectologista.

No volume 25º, a série redescobre a São Paulo do café e das ferrovias. Em *Caminho do Café, Paranapiacaba: museu esquecido*, o livro aprofunda um tema que permeou outros volumes da série. Do tupi, Paranapiacaba significa “lugar de onde se avista o mar” ou “passagem estreita que leva ao mar”. Situada no cume da Serra do Mar, no município de Santo André [no ponto mais alto do caminho de ferro], a ferrovia do café, construída pelos ingleses no século XIX, viabilizou o desenvolvimento econômico e social da província de São Paulo. Tombada pelo patrimônio histórico, “quem chega ouve os sons subterrâneos das locomotivas do sonho de riqueza do século XIX¹²⁰”. Para o visitante, “a visão externa de patrimônio histórico predomina: cultivam-se as marcas inglesas da vila¹²¹”. O volume mantém a mesma estrutura de edições anteriores [ensaio fotográfico, artigos de especialistas e reportagens], edição bem trabalhada e excelente qualidade gráfica, mas no plano da reportagem [com predomínio do foco histórico] apresenta poucas ousadias.

O *São Paulo de Perfil* chega ao 26º volume com *USP Leste e seus vizinhos*, o último da série publicado em 2004. A ideia de se construir uma unidade da

¹¹⁹ GERALDES, Sonia. O doce Rezende. In: MEDINA, Cremilda. Sagas do Espigão, coleção São Paulo de Perfil nº 24, CJE/ECA, 2002.

¹²⁰MEDINA, Cremilda (org). Caminho do Café, Paranapiacaba: museu esquecido. Coleção São Paulo de Perfil, v. 25, CJE/ECA/USP, 2003, p.11.

¹²¹ Ibid., p.11

USP, na zona Leste da cidade, virou realidade em 2003. O volume capta essa aura cujos sentimentos alicerçavam projetos de cidadania na esperança de um futuro melhor para os jovens. Os repórteres buscam ao redor da universidade a força das histórias de vida, sonhos e lutas de personagens acostumados a trabalhar por seus direitos. Vários aspectos foram abordados, a cultura de resistência, saúde, metamorfoses do bairro. Mas esta edição merece um parêntese que está em outra esfera. O capítulo mais doloroso do *São Paulo de Perfil* não se esbarra em problemas pedagógicos ou culturais, mas em questões burocráticas e financeiras. A saga brasileira conhece profundamente estes obstáculos. Impressos na gráfica da Escola de Comunicações e Artes ou na gráfica da coordenadoria social, em edição limitada, os livros nunca entraram numa escala de mercado. A busca de patrocínio para a edição tem sido um processo contínuo de luta. De qualquer forma, os livros vendidos na ECA e de mão em mão [em geral pelos autores] não estão respaldados até hoje por um suporte de distribuição e comercialização. Assim mesmo, o projeto se auto-sustenta, mobilizando recursos mínimos das verbas da universidade pública¹²².

Devido à falta de patrocínio, a série não conseguiu manter o fluxo de pelo menos um livro por ano. Desde 2005, não houve lançamento. O 27º livro-reportagem, intitulado de *Andanças*, andou em ritmo mais lento. Está

¹²² *Caminho do Café* (v. 25º) teve o apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária.

pronto há cerca de dois anos, mas teve de ser atualizado e acrescido de novos textos na última oficina de narrativas, realizada em 2008¹²³, devido ao intervalo de tempo, de dois anos, para a publicação. A série, contudo, se mostra capaz de se sustentar, motivada pela mobilização da rede solidária dos próprios autores. Existe a previsão de lançamento para este livro até o final de 2009.

Outro ponto importante, que reafirma o valor pedagógico da série, é que o projeto não ficou intramuros, rompeu barreiras e foi gestado em outras universidades como a Universidade de Brasília (UnB), cujos alunos de pós-graduação lançaram "*Narrativas a céu aberto: Modos de ver e viver em Brasília*" (1998), já em 2ª edição. E o livro-reportagem "*Bahia de Perfil: Narrativas de todos os santos*" (2008), resultado da disciplina Oficina de Textos, de pós-graduação, no Centro Universitário Jorge Amado, em Salvador (BA), ministrada por Cremilda Medina. Além disso, o laboratório de oficinas foi levado a Mococa, localizado no Nordeste do Estado de São Paulo durante o festival de inverno da cidade. Intitulado *Mococa, doces história*, lançado em 2007, a obra reafirma a maturidade da série, presentes na liberdade autoral, característica da oficina de narrativas da contemporaneidade.

Da escolha dos temas à linguagem, da diversidade do tom literário aos recursos da arte de narrar, o São Paulo de Perfil compõe uma equipe de

¹²³ Participei como monitor desta Oficina de Narrativas da Contemporaneidade no primeiro semestre de 2008.

autores que assina a polifonia da coleção e os avanços da pesquisa de comunicação social. Mas o que aprendem esses aprendizes de feiticeiros? O próximo capítulo tenta responder a essa pergunta e, portanto, se centra nas ferramentas metodológicas da série que dá à coleção um lugar merecido na história do jornalismo brasileiro.

Por uma pedagogia
dos afetos

3.1 – Ciência, jornalismo e saberes plurais

No capítulo anterior, tentei fazer um sumário da trajetória de 22 anos do *São Paulo de Perfil*, livro a livro, um tanto linear, destacando em algumas obras mais aspectos que em outras.

Diante da diversidade de temas abordados, a síntese dos livros constitui apenas uma introdução, por vezes, incompleta. O objetivo foi pontuar e mapear alguns dos temas sobre a cidade de São Paulo que foram abordados na série.

Na fase final dessa pesquisa, um fato histórico marcou não só a profissão, mas principalmente os cursos de jornalismo no Brasil: além da extinção da Lei de Imprensa, o Supremo Tribunal Federal derrubou, no dia 17 de junho de 2009, a obrigatoriedade do diploma de jornalista para o exercício da profissão. Na prática, as empresas de comunicação no país já contratam profissionais de outras áreas para o exercício da atividade. Mas o que esse fato em particular tem a ver com esta pesquisa? Diria que tudo. Segundo José Marques de Melo, o desenvolvimento do 'pensamento no jornalismo' passou por várias etapas [fundador, sistematizador, polemizador, consolidador, problematizador] chegando à fase atual [institucionalizador], corrente que emerge com a intenção de "conquistar o lugar historicamente

cabe ao Jornalismo nos sistema nacional de ciência e tecnologia”¹²⁴. Tendo surgido como área específica do conhecimento há 60 anos, o jornalismo, segundo Marques de Melo, enfrentou o reducionismo que, nos anos de chumbo, o

condenou a figurar como sub-área do novo campo de Comunicação Social, ameaçada de desfigurar-se tanto na arena profissional (pela iminência da abolição do diploma) quanto na acadêmica (pela tentativa de rebaixamento à vala comum das ‘especialidades’ na ‘árvore’ disciplinar irrigada pelo CNPq), a atividade jornalística vem sendo arregimentada pela sua vanguarda, no sentido de demonstrar publicamente legitimidade ocupacional e científica¹²⁵

Este capítulo tenta mostrar as bases metodológicas e teóricas que sustentam o *São Paulo de Perfil*. Ou seja, a oficina da qual os alunos participam é antes de tudo pedagógica. Mas, no projeto, o ato de narrar parte da defesa da linguagem jornalística que se apresenta não só com características utilitárias ou estéticas, mas que aborda antes de tudo implicações éticas. Implicações estas que envolvem estudos de “mentalidades”, no sentido definido por Vovelle, cujo conceito se

¹²⁴ MARQUES DE MELO, José. *Pensamento Jornalístico, a moderna tradição brasileira*. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2007, p.34.

¹²⁵ *Ibid.*, p.35

“constitui mais amplo que o de ideologia” e “integra o que não está formulado, o que permanece aparentemente como não significante¹²⁶”. Em outras palavras, este estudo compartilha da ideia segundo a qual o jornalismo não se define por uma “técnica, mas por uma ética¹²⁷”. A orientação pedagógica da série *São Paulo de Perfil* propõe vias de expansão da sensibilidade, do rigor racional e da estratégia do repórter como mediador social, regido pela ética. Mas, para além da técnica, o *São Paulo de Perfil* envolve uma complexa comunhão entre “ética, técnica e estética¹²⁸”.

A série de livros-reportagem compõe uma terceira estratégia comunicativa desenvolvida no projeto inicialmente intitulado “*Projeto Plural e a crise de Paradigmas*”. Esse projeto apresenta uma síntese das ideias desenvolvidas por Cremilda Medina desde a década de 1960, mas ganhou contornos mais definidos em 1990 quando a pesquisadora organizou na Escola de Comunicações e Artes da USP o 1º Seminário Transdisciplinar sobre a chamada crise de paradigmas contemporânea. O debate final envolvendo dez cientistas das mais variadas áreas deu origem a um projeto de pesquisa integrado [inter e transdisciplinar] no CNPq, chamado inicialmente de “*O Discurso Fragmentalista da ciência e a Crise de Paradigmas*”, que depois passou a ser denominado de “*Saber Plural e a Crise de Paradigmas*”. Dos anais do primeiro encontro

¹²⁶ VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo, Brasiliense, 1987, p.19.

¹²⁷ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo Econômico*. São Paulo, Edusp, 2000, 174.

¹²⁸ MEDINA, Cremilda. *Arte de Tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo, 2003, p.35.

aos mais recentes seminários, dez livros sintetizam parte dessa discussão editados na série *Novo Pacto da Ciência*¹²⁹.

O *Novo Pacto da Ciência* abrigou o ensaio como forma de expressão, mas também agregou [e ajudou a consolidar] o que nas oficinas se denominou de reportagem-ensaio, um híbrido entre ensaio e jornalismo cujo maior objetivo é o esforço de tentar compreender. Numa época em que as fronteiras são tênues e “num mundo que parece mais complexo e incompreensível que os anteriores, compreender é um bem escasso¹³⁰”. O desafio que se impõe na contemporaneidade para qualquer jornalista ou pesquisador que investigue os fenômenos de mídia consiste em não limitar a discussão do jornalismo a esquemas reducionistas. E o que se coloca como grande virtude para a prática jornalística contemporânea é elevar o nível de investigação e de reflexão sobre os fatos. Melhor dizendo, nas palavras de Cremilda Medina, “a aspiração do momento é a interrogação, e não o ponto final ou afirmação¹³¹”.

É justamente essa tentativa de compreensão que se sustenta o “*Saber Plural e a Crise de Paradigmas*”. O Projeto Plural, como é conhecido, se fundamenta, portanto, em três estratégias comunicativas: seminários,

¹²⁹ Por ordem de edição do Novo Pacto da Ciência: *Crise de Paradigmas* (v.1), 1992; *Do Hemisfério Sol* (v.2), 1993; *Saber Plural* (v.3), 1994; *Sobre Vivências* (v.4), 1995; *Agonia do Leviatã* (v.5), 1996; *Planeta Inquieto – Direito ao século XXI* (v.6), 1997; *Saber Plural – dez anos de trajetória* (v.7), 1999; *Ciência e Sociedade, mediações jornalísticas* (v.8) 2005; *Diálogos Brasil-Portugal* (v.9), 2008; *Energia, Meio Ambiente e Comunicação Social* (v.10), no prelo.

¹³⁰ INNERARITY, Daniel. *A transformação da política*. Lisboa, editora Teorema, 2005, p.16.

¹³¹ MEDINA, Cremilda & KÜNSCH, A. Dimas. *Andança Mágica em outra história*. Texto inédito, resultado no debate “Mito e Razão”, na TV USP, 2001, a ser publicado na 27ª volume do São Paulo de Perfil, intitulado “Andanças”.

ensaios e reportagem-ensaio. É nessa terceira estratégia, a da reportagem-ensaio, que se centra parte deste trabalho. Neste capítulo, analisarei o *São Paulo de Perfil* em duas vertentes: a da oficina, que põe em primeiro plano as ferramentas metodológicas empregadas na série; e a da narrativa jornalística.

Desde a realização do primeiro seminário, na década de 1990, foi possível elencar, a partir das discussões dos participantes, uma súpula de noções em crise que permanecem atuais, quando se analisam as práticas comunicacionais, em particular o jornalismo. De acordo com Cremilda Medina, que também coordena a publicação dos livros da coleção “Novo Pacto da Ciência”, a síntese sinaliza mudanças da visão de mundo e dos modos de operar na produção simbólica que foram debatidas em vários ambientes acadêmicos nacionais e internacionais nos últimos 20 anos. Essas noções provêm da crise de paradigmas na física quântica, mas seu exame é válido em qualquer área de conhecimento. Essas mudanças de paradigmas podem ser resumidas, grosso modo, em sete noções:

[...] da noção de sujeito e objeto, passamos à 1) noção de sujeitos intercondicionantes, num processo de reversibilidade; 2) Da noção de causa e efeito, passamos à noção de intercausalidade, numa rede de forças que se interagem; 3) da noção de massa destrutível ou massa indestrutível, passamos à noção de que a massa está em transformação; 4) da noção de universo sólido, passamos à noção de universo poroso, como um exame, um redemoinho; 5) da noção de substância e acidente, passamos à noção de relação complexa; 6) da noção de que existe o ser da matéria e existe sua atividade, passamos à noção de que o ser da matéria e sua atividade não podem ser separados; constituem aspectos diferentes da mesma realidade; 7) da noção de certo e errado, passamos à noção de que os dados da realidade não estão hierarquizados e sim, vinculados à noção de coerência, de encaixe e sustentação no todo¹³².

Não seria exagero afirmar que algumas dessas noções da física [como as de sujeito e objeto, de causa e efeito, certo e errado] ainda estão fortemente presentes na cobertura jornalística. Como bem identifica a pesquisadora,

¹³²MEDINA, Cremilda. *Deficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade*. In: Revista Matrizes Ano 2 – nº 1, segundo semestre de 2008

sempre que o jornalista está diante de produzir notícia, reportagem, largas coberturas dos acontecimentos sociais, os princípios ou comandos mentais que conduzem a operação simbólica espelham a força da concepção de mundo positivista¹³³

Os reducionismos e fragmentação metodológicos presentes na cobertura jornalística contemporânea são uma herança do Positivismo de Auguste Comte, conforme assinala Cremilda, que influenciou não só as práticas científicas que se disciplinaram metodologicamente no século XIX, mas que encontra ainda no jornalismo do século XXI terreno bem sedimentado. Em *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*, Cremilda Medina mergulha na obra-chave de Comte, *Discurso sobre o Espírito Positivo*, e estabelece o diálogo entre as ideias positivistas e a atividade jornalística. Segundo a autora, o jornalismo que se estruturava como discurso da atualidade, no século XIX, não ficou imune aos princípios doutrinários do Positivismo. Na expansão urbana e industrial que atravessa o século XX, as sociedades que se modernizam legitimam a informação cada vez mais rápida, distribuída pelos meios de comunicação social. As formas de captação do acontecimento noticioso, bem como as formas de edição da narrativa da contemporaneidade vão sendo disciplinadas e “o Jornalismo ambiciona, já no século XIX, um lugar no conjunto de áreas

¹³³ Idem., *Ciência e Jornalismo, da herança positivista ao diálogos dos afetos*. São Paulo, Summus, 2008, p.15.

do conhecimento¹³⁴". Não se trata de negar as ideias positivistas, mas de superá-las. Apesar das críticas a essa herança, a autora salienta, contudo, que a contribuição pragmática do Positivismo é incontestável. Que seria das narrativas da contemporaneidade, questiona a pesquisadora, se encontrássemos na mídia apenas discursos abstratos, opiniões difusas, argumentos imprecisos?

O fato é que ao contrário dos cientistas, o jornalismo se tornou uma das poucas áreas do conhecimento em que a afirmação é tônica, e ocupa lugar da dúvida, mesmo quando nem as pesquisas científicas nada afirmam, como bem diagnosticou o químico Ilya Prigogine em sua obra *O fim das certezas*¹³⁵ ao analisar o desenvolvimento e as mudanças de paradigma científicos. O prêmio Nobel de Química, também filósofo, descreve as transformações das chamadas "ciências duras" que passaram de um mundo de certezas a outro, o das probabilidades, descambando para a percepção de um "mundo em construção"¹³⁶ que rompe com a hierarquia tradicional das ciências.

A título de exemplo, entre centenas de casos, tomemos uma matéria publicada no caderno de Ciências da *Folha de S. Paulo* em dezembro de 2008 para exemplificar o que se disse anteriormente. Com o título "*Tupis-guaranis já estavam*¹³⁷ no Sudeste há 3.000 anos", a reportagem

¹³⁴ Ibid., p. 14

¹³⁵ PRIGOGINE, Ilya. *O Fim das Certezas*. São Paulo, Editora Unesp, 1996.

¹³⁶ PRIGOGINE, Ilya. "Pluralidade dos futuros e do fim das certezas". Texto apresentado em 1998, em evento promovido pela UNESCO, intitulado "Diálogos do século XXI", realizado na sede da entidade, em Paris, em 1998.

¹³⁷ Grifo nosso.

segue um caminho inverso ao estudo publicado na revista *Anais da Academia Brasileira de Ciências* em que no próprio título há uma interrogação suscitando incertezas [apesar de fortes evidências] em vez de afirmação: *A new age to an old site: the earliest tupiguarani settlement in Rio de Janeiro State?*¹³⁸. No mesmo mês da publicação, Rita Scheel-Ybert, uma das pesquisadoras ouvidas na *Folha*, deu depoimento na Agência Fapesp, em que destacava na reportagem¹³⁹ a preocupação em problematizar as “evidências” e não em apresentar dados conclusivos sobre a pesquisa.

Embora o cenário atual aponte alguns exemplos animadores, o fato é que ainda são poucas as experiências no jornalismo em que se exercite uma visão sistêmica nas interpretações dos fatos. No lugar da visão abrangente, imperam-se as atrofias da visão fragmentária, da relação de causa-efeito dos acontecimentos, e a relação simplista entre sujeito e objeto, preconizado pela ciência do século XIX, mas que ainda balizam o fazer jornalístico.

Do lado da ciência e dos cientistas, por sua vez, vem crescendo um movimento para que os próprios especialistas publiquem as informações especializadas [em muitos casos impenetráveis e indecifráveis] em blogs ou veículos especializados no lugar dos jornalistas. Em junho de 2009, a

¹³⁸ SCHEEL-YBERT, Rita et al. . A new age to an old site: the earliest Tupiguarani settlement in Rio de Janeiro State? *An. Acad. Bras. Ciênc.*, Rio de Janeiro, v. 80, n. 4, dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0001-37652008000400015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 abr. 2009. doi: 10.1590/S0001-37652008000400015.

¹³⁹ ALCÂNTARA, Alex Sander. “Migração (bem) anterior”. [online] Disponível em <http://www.agencia.fapesp.br/materia/9905/especiais/migracao-bem-anterior.htm>. Acesso em 30 de dezembro de 2007.

revista *Nature* publicou uma edição especial sobre jornalismo de ciência [*Science Journalism Special*] em que se discutiu o futuro da ciência no jornalismo e a polêmica relação envolvendo cientistas e profissionais da imprensa. No texto “*End of the line for science journalism?*”, a jornalista Maxine Clarke, editora da *Nature*, diz que muitos pesquisadores veem os jornalistas de ciência como relações públicas a serviço ou como seus “aliados na divulgação de notícias sobre o seu trabalho¹⁴⁰” [tradução nossa]. Ao comentar o editorial da revista, Maxine destaca um ponto crucial no trabalho dos jornalistas que cobrem a área científica. Segundo ela, “há um valor mais profundo do jornalismo: lançar um olhar justo e cético sobre tudo na esfera pública, inclusive a ciência¹⁴¹”.

Ao reexaminar essas noções, Cremilda Medina destaca como prioridade, no exercício do jornalismo, a “prática do repórter como um mediador social dos discursos da atualidade¹⁴²”. Ao papel de mero divulgador das informações científicas, ou das informações especializadas, a autora coloca o jornalista como um produtor cultural simbólico nas narrativas da contemporaneidade. A pesquisadora inverte a lógica do jornalista como divulgador dos assuntos especializados [na ciência, na economia, na política etc] e substitui na experiência pedagógica a prática autoritária e monológica do signo

¹⁴⁰ CLARKE, Maxine. “*End of the line for science journalism?*” *Nature*, 25 de julho de 2009. Acesso em 03 de julho de 2009.

<http://network.nature.com/groups/naturenewsandopinion/forum/topics/4856>

¹⁴¹ Idem, ibidem.

¹⁴² MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo, Summus, 2003, p.34.

da divulgação científica pelo que denomina de *signo da relação*¹⁴³ que envolve práticas da dialogia social. Uma noção fundamental para o signo da relação, segundo Cremilda Medina, diz respeito às mediações sociais, tendo com ator principal, neste caso, o jornalista. O profissional tem diante de si a responsabilidade autoral de criar e renovar. Ou mesmo simplesmente o de administrar os significados dos acontecimentos da realidade que nos cerca. Uma questão, entre muitas, põe em destaque a discussão do talento. Ao colher fragmentos no trânsito dessa primeira realidade e ao transformá-la em outra, a realidade simbólica, o jornalista faz de forma consciente? Um repórter que simplesmente recebe ordens do “chefe de plantão” tem condições de criar? Mesmo este administrador do efêmero não estaria construindo significados?

Ao debruçar suas análises sobre a fotografia, o pesquisador Boris Kossoy chama de “segunda realidade” a realidade representada pela fotografia. A primeira realidade seria realidade “do assunto em si e a do próprio passado, diz respeito à história particular do assunto independente da representação posto que anterior e posterior a ela¹⁴⁴”. Todos os elementos do processo de criação [técnica, suporte físico, filtro cultural], produzidos num determinado espaço e tempo, fazem parte daquilo que o autor chama de primeira realidade da fotografia.

¹⁴³ Apesar de essa noção está presente em toda a trajetória da pesquisadora, obra que melhor sintetiza a noção abordada é “O signo da Relação: comunicação e pedagogia dos afetos, publicada pela Summus, em 2006.

¹⁴⁴ KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na trama fotográfica*. São Paulo, Ateliê Editorial, 3ª ed., 2002, p.36.

A segunda realidade, segundo Kossoy, é a “realidade fotográfica do documento”, ou seja, é a realidade representada:

Toda e qualquer fotografia que vemos, seja o artefato fotográfico original obtido na época em que foi produzido, seja a imagem dele reproduzida sobre outro suporte ou meio (fotográfico, impressos sob diferentes formas, eletrônico etc.), será sempre uma segunda realidade¹⁴⁵.

A fotografia se constitui como uma importante fonte histórica. Ao construir a idéia de segunda realidade, Kossoy ressalta que o assunto registrado é apenas “um fragmento de realidade, um e só um enfoque da realidade passada: um aspecto determinado”, “é o resultado final de uma seleção de possibilidades de ver, optar e fixar um certo aspecto da primeira realidade¹⁴⁶”, cujo recorte passa pelo fotógrafo a partir dos seus filtros culturais. E, como diria Le Goff ao falar do trabalho do historiador, “nenhum documento é puro¹⁴⁷.”

¹⁴⁵ KOSSOY, op.cit., p.37.

¹⁴⁶ KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. Cotia (SP), Ateliê Editorial (2ª ed.), 2002, p.107.

¹⁴⁷ LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas, SP, Unicamp, 1990.

Guardadas as devidas proporções, as ideias desenvolvidas por Kossoy em relação ao ato fotográfico podem ser tomadas de empréstimo para o jornalismo. O primeiro ponto a se destacar é ressaltar que a atitude criadora no jornalismo não tem relação direta com o talento mas com uma atitude [ética] nas formas de se enxergar, usando não apenas a visão, mas o exercício pleno dos cinco sentidos. Amparada em noções de neurocientistas, que há muito abandonaram a dicotomia razão x sensibilidade, Cremilda Medina propõe a “primazia do contato sensível e sensorial com o mundo para estimular a racionalidade articuladora dos sentidos das coisas e a ação solidária transformadora¹⁴⁸”. O jornalista Eugenio Bucci desmonta uma ideia muito recorrente na produção jornalística, em particular na produção de reportagens. Pensa-se e declara-se que

as emoções atrapalham a precisão. É um erro. O bom jornalismo nada tem a ver com indiferença, com neutralização do sujeito. Como toda atividade própria da cidadania, ele se alimenta também de indignação¹⁴⁹

¹⁴⁸ MEDINA, Cremilda. “Deficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade”. In: Revista MATRIZES, PPGCOM/ECA/USP, Ano 2 – nº 1, segundo semestre de 2008, p. 77-96.

¹⁴⁹ BUCCI, op. cit., p. 94.

Em outras palavras, perante o caos da realidade, a possibilidade de sentir-pensar-agir se consuma na criação de um “cosmos simbólico”, a narrativa, necessária à cidadania e à vida. Ao enfrentar um contexto caótico,

a narrativa, além do prazer da expressão autoral, representa a possibilidade de organizar o caos da realidade em cosmo simbólico. O que traduz uma inclusão à cidadania e uma atitude vital perante os impasses do presente¹⁵⁰

O pesquisador Francisco Claro questiona, em suas reflexões sobre a criatividade científica, em que medida o gênio do observador intervém num descobrimento e o quanto há de sorte nessa empreitada; observa que na descoberta não é suficiente apenas ter o novo diante de si, mas é preciso estar preparado para reconhecer de modo prático o seu

¹⁵⁰ MEDINA, Cremilda. “Narrativa, necessária à cidadania e à vida”. In: Mococa, doces histórias. Estação USP/CCS/USP, 2007.

valor. Pasteur disse certa vez, com alguma ironia: - a sorte favorece as mentes preparadas¹⁵¹.

Em relação aos repórteres [*do São Paulo de Perfil*], o que significou estar preparado? Significa ter conhecimento e sensibilidade para perceber a condição humana atrás dos dramas sociais?

¹⁵¹ CLARO, Francisco (A ciência é inventada ou descoberta?) apud MOURA, Sandra. "Pressupostos metodológicos para uma leitura de abusado". In: NADJA Carvalho & MOURA, Sandra (orgs). *Leituras de Abusado*. João Pessoa (PB), Editora da UFPB, 2003, p. 101.

3.2 – A arte como (*in*)disciplina

As oficinas do *São Paulo de Perfil*, em forma de laboratório, duram em torno de quatro meses. Durante esse período, os alunos de jornalismo da ECA [após 1997, os de outras unidades e do programa da terceira idade participam das oficinas] começam a discutir alguns temas que ao final do semestre giraram em torno de um assunto temático. Ao final do semestre cada participante [às vezes em dupla], entrega um texto [reportagem, memória, crônica].

O ponto que se quer salientar aqui, na dinâmica das oficinas, é o que Cremilda Medina intitula, em sua linha pedagógica, de “gesto da arte”. A arte, em particular a literatura, tem a virtude de estimular a sintonia sensível e perspicaz na leitura do mundo e

[...] resulta em motivação para melhor compreender traços de identidades culturais. O artista, por princípio, é solidário ao rosto do povo que o abriga. A teia complexa de uma sociedade se espelha, com sutileza, nas particularidades artísticas¹⁵².

¹⁵² MEDINA, Cremilda. “Deficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade”. In: Revista Matrizes, PPGCOM/ECA/USP, ano 2, nº 1, segundo semestre de 2008, p. 93.

Não se trata da inserção da arte como “instrumentalização”, mas em lugar da instrumentalização da obra de arte, “prefiro comungar a experiência intuitivo-sintética¹⁵³”. Falando de uma [entre muitas] experiência concreta. Em 1990, durante as oficinas que deram origem ao livro *A Casa Imaginária* (nº 6) que aborda a questão da habitação e a situação particular dos moradores de rua em São Paulo, os alunos mergulharam na “Ópera do Malandro”, de Chico Buarque e, entre outros diálogos, na “Dialética da Malandragem¹⁵⁴”, ensaio de Antonio Candido, “uma explicação surpreendente e bem argumentada da importância das *Memórias de um Sargento de Milícias*¹⁵⁵”, romance de Manuel Antonio de Almeida, publicado em 1852. O diálogo entre o ensaio e romance seria o pretexto para abordar a ‘representação do malandro’, em muitas situações, visto de forma pejorativa, estereotipada¹⁵⁶.

O gesto da arte está presente em todo o processo da produção jornalística e se reflete tanto no ‘olhar’ sobre os fatos quanto na narrativa jornalística porque “acima de tudo, a literatura ajuda o jornalismo a que este se torne mais humano¹⁵⁷”.

¹⁵³ Ibid., p.93

¹⁵⁴ Antonio Candido, “Dialética da Malandragem”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, S. Paulo, 1970, nº 8.

¹⁵⁵ SCHWARZ, Roberto. *Esboço de Figura: Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1979, p. 133-154. Disponível em: <http://antivalor2.vilabol.uol.com.br/textos/schwarz/schwarz80.html>

¹⁵⁶ Informação fornecida por Cremilda Medina em depoimento em junho de 2008.

¹⁵⁷ MEDINA, Cremilda. *Povo e Personagem*. Canoas (RS), Ed. ULBRA, 1996, p. 215.

O segundo aspecto a ser salientado é a presença do repórter nas ruas, ou como diria o médico e escritor Pedro Nava, o repórter auscultando a *respiração das ruas*, uma dimensão abandonada por grande parte dos jornalistas. Em tempos de mídias digitais e numa época em que se propõe à profissão o resgate “aos princípios jornalísticos” [como ouvir as partes, assegurar o direito de defesa pública e não misturar opinião com notícia] e num momento em que “o método jornalístico de verificação se torna uma necessidade social¹⁵⁸”, parece anacrônico propor a presença do repórter nas ruas em busca do protagonismo anônimo?

Um problema crucial [que o jornalismo abriga] é quanto a seleção de vozes que devem constar numa reportagem. Basta ouvir a posição contrária? No caso dos grotões, nas periferias, o mimetismo do poder também se reproduz: quem é ouvido? Os cabos eleitorais, disfarçados de lideranças comunitárias? Ou seja, não basta estabelecer a diferença entre os poderosos oficiais e as outras formas de poder que se manifestam em qualquer instância. Melhor dizendo,

A pauta e a seleção de vozes para serem amplificadas pela comunicação coletiva denotam, portanto, este dirigismo autoritário (e/ou cômodo da rotina) de entrevistas-padrão com figuras sociais também padrão¹⁵⁹

¹⁵⁸ BUCCI, Eugênio & BASILE, Sidnei. “Jornalismo Sitiado: como a imprensa perde seu espaço na função de mediar o debate público na democracia”. São Paulo, Log On Editora Multimídia, 2006.

¹⁵⁹ MEDINA, Cremilda. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo, Ática, 2001, p. 26.

É da perspectiva das ruas que se formam as narrativas do *São Paulo de Perfil*. O repórter “pega a rua, se enfrenta com o flagrante das falas, com a vida das Marias¹⁶⁰”, mas

[...] as pessoas sobre quem quero descobrir alguma coisa não são famosas. [...] muita gente que entrevistei estava falando com um repórter pela primeira vez. Eu sou o historiador de pessoas que não têm história registrada em público¹⁶¹

O que se examina aqui é “a construção social dos sentidos que acontece na rua, no cotidiano e na oratura cujas marcas de estilo revelam a poesia dos cantadores anônimos¹⁶²”; a defesa da rua como o exercício permanente de cidadania, de busca pelo protagonismo anônimo, para que não se perca a dimensão [e produção] simbólica [o fundamento do jornalismo] que aflora na comunicação anônima, “da sintonia dos silêncios, dos gestos, do despertar do interesse pelo outro pelos sinais sutis do corpo, o brilho na pupila, o olfato¹⁶³”. Cremilda Medina identifica deficit de abrangência na prática jornalística contemporânea que “provém da ausência do laboratório epistemológico que trabalhe com a visão de mundo e as atrofias da sensibilidade, da razão e da ação criativas¹⁶⁴”.

¹⁶⁰ VARGAS, Raul Osorio. *A Reportagem Literária no Limiar do Século 21: O ato de reportar, os jovens narradores e o projeto São Paulo de Perfil*. São Paulo, Dissertação de mestrado, ECA/USP, 1998, p. 85.

¹⁶¹ Gay Talese, em entrevista ao *Jornal O Estado de S. Paulo*, em 03 de maio de 2009.

¹⁶² MEDINA, op. cit., 2003, p. 74.

¹⁶³ MEDINA, op. cit., 2008, p.82.

¹⁶⁴ Cf. nota 144 deste capítulo.

Segundo Cremilda Medina, o empobrecimento técnico-ético-estético dos ambientes empresariais não proporciona condições de aperfeiçoamento ao estudante ou ao estudioso da linguagem dialógica. Daí a oportunidade da pesquisa no ambiente universitário. A autora enxerga dificuldades de mudanças, mas existem “pequenas estratégias da ruptura possível”, ou como diria Pedro Nava, a possibilidade de “guerrilha homeopática”. Neste aspecto, uma importante avaliação feita por José Marques de Melo sobre o pensamento jornalístico brasileiro inclui Cremilda Medina [ao falar de *Notícia, um produto à venda*] na tradição do “pensamento polemizador”, contribuindo para reverter o quadro empobrecedor, “a autora busca construir ‘um modelo de análise da mensagem’ a partir da consciência do fazer jornalístico”, sem “ilusões de alterar o sistema, ela trabalha com a “possibilidade de sistematizar os caminhos de aperfeiçoamento¹⁶⁵”.

¹⁶⁵ MARQUES DE MELO, José. “Pensamento Jornalístico, a moderna tradição brasileira” In *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2007, p.27.

3.3 – Narrativa polissêmica e polifônica:

(considerações sobre a *reportagem-ensaio*)

No plano da narrativa, a primeira consideração a se fazer quando falamos da série *São Paulo de Perfil* é a procura pelo caráter polifônico e polissêmico da narrativa jornalística. As noções de polifonia e polissemia encontram no russo Mikhail Bakhtin¹⁶⁶ maior diálogo. Poucos analisaram a grandeza do processo narrativo para compreender o mundo em sociedade e os conflitos internos dos protagonistas [personagens]. Bakhtin reconhece a dialogia social na ficção romanesca¹⁶⁷, quando a maioria dos teóricos de sua época e contexto (revolução soviética) situa o gênero como expressão literária típica da ascensão da burguesia; os críticos consideravam o romance como manifestação das ideias burguesas. Ao analisar o romance russo [principalmente os de Dostoievski], Bakhtin lança uma chave fundamental para o entendimento da ficção [que pegamos de empréstimo para a narrativa jornalística], a ideia de que é possível identificar [no romance] tipos humanos, situações humanas, fragmentos que servem para a análise da sociedade como um todo. Para Bakhtin,

¹⁶⁶ Cf. MARCONDES, Ciro Filho. "[Bakhtin e o grupo BMV: incongruências de uma linguística ortodoxa](http://www.usp.br/matrizes/img/04/EmPauta1_CiroMarcondes.pdf)". In *Revista Matrizes*, PPGCOM/ECA/USP, ano 2, nº 2, primeiro semestre de 2009, p.199-219. Disponível em: http://www.usp.br/matrizes/img/04/EmPauta1_CiroMarcondes.pdf

¹⁶⁷ Principalmente na obra "Questões de literatura e estética, a teoria do romance", São Paulo, Hucitec, 1988.

[...] o sujeito que fala no romance é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião) e não um dialeto individual¹⁶⁸.

O que faz da narrativa jornalística polifônica e polissêmica? Uma das possibilidades de construção de uma “narrativa densa e tensa” no jornalismo remete às quatro vertentes da reportagem postas em prática por Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro, em *A arte de Tecer o Presente*, publicado em 1973. Ambos os autores sinalizaram [à época mergulhados no Jornalismo Interpretativo] quatro instrumentos de aferição e aprofundamento compreensivo do real concreto: 1) a *humanização dos protagonistas da ação social [histórias de vida]*; 2) o *contexto abrangente do acontecimento pontual [espaço coletivo]*; 3) *as raízes histórico-culturais da situação em foco* e 4) *os diagnósticos e prognósticos dos especialistas que pesquisam um determinado tema*. Naquele ano, os autores aferiram essas tendências nos grandes jornais da época e quase quatro décadas depois, “ainda é preciso procurar na mídia e na bibliografia científica essas virtuais possibilidades para armar uma interpretação senão definitiva, pelo menos razoavelmente complexa¹⁶⁹”.

¹⁶⁸ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1993, p. 134-135.

¹⁶⁹ MEDINA, “Deficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade”. In: *Revista Matrizes*, PPGCOM/ECA/USP, ano 2, nº 1, segundo semestre de 2008, p. 79.

As quatro vertentes ampliam o 'esforço metodológico de compreensão' dos fatos cotidianos na comunicação social, em particular no jornalismo. E pode ser materializada na narrativa jornalística com o amadurecimento da reportagem-ensaio, uma "espécie de arte combinatória de linguagens e saberes múltiplos¹⁷⁰", um híbrido entre ensaio e reportagem e um dos traços fundantes do *São Paulo de Perfil*.

A reportagem-ensaio, essa "bigamia da reportagem com o ensaio"¹⁷¹, tenta compreender a partir da noção e não do conceito. O ensaio é

uma narrativa com um forte tom pessoal e de oralidade que, por sua mesma essência, foi além das estruturas clássicas, legando essa liberdade para a reportagem [...] espelhos de diálogos, arte de narrar, de contextualizar, libertários em suas formas, profuso em seus métodos, profundo e amplo nos pontos de vista¹⁷².

Para efeito de análise, tomemos um texto de Cremilda Medina, intitulado *A Dama das Miudezas*, que considero uma reportagem-

¹⁷⁰ VARGAS, Raul Osorio. *O Lugar da Fala na Pesquisa da Reportagem-ensaio: "O Homem das Areias", um flagrante do Diálogo oratura-escritura*. São Paulo, Tese de doutorado, ECA/USP, 2003.

¹⁷¹ Idem, *A Reportagem Literária no Limiar do Século 21: O ato de reportar, os jovens narradores e o projeto São Paulo de Perfil*. São Paulo, Dissertação de mestrado, ECA/USP, 1998.

¹⁷² *Ibid.*, p. 40

ensaio. O texto está inserido na obra “A arte de tecer o presente¹⁷³”. As narrativas da contemporaneidade presentes entrelaçam ensaio e reportagem-ensaio, mesclam crônica jornalística e poesia, passeia pelo rigor científico recuperando a oratura dos saberes plurais.

A Dama das Miudezas é Dona Arminda, protagonista-anônima que possui um armário na praça Buenos Aires, em Higienópolis, tradicional bairro de São Paulo localizado na região central. A ‘mundivivência’ de dona Arminda é o ponto de partida para traçar o perfil de Higienópolis, do antigo bairro de imigrantes europeus [em sua maioria judeus] que se formou no final do século XIX. O texto começa com o diálogo inicial do encontro no bazar [*conhece dona Arminda?*] e narra a dificuldade de entrevistá-la [*não quer dar entrevista*]. Entre a descrição de uma cena e outra, Cremilda vai rompendo o bloqueio inicial com a entrevistada. A conversa curta e tensa se reflete no ritmo do texto. Aos poucos, enquanto vai rompendo o bloqueio e a protagonista se deixa conduzir pelo diálogo possível, Cremilda vai quebrando as fronteiras entre os discursos.

À frente de seu armário, a dama das miudezas testemunhou ao longo de décadas as transformações do bairro onde vive há décadas. O objetivo de Cremilda [como pesquisadora e jornalista] foi entender o bairro onde também reside há décadas. Quem são os moradores que frequentam a praça Buenos Aires? Qual a dinâmica dos protagonistas

¹⁷³ Diferente do primeiro livro homônimo de 1973, publicado em co-autoria com Paulo Leandro, esse livro, de mesmo título, apresenta conteúdo e estrutura muito diferente do primeiro. Cf. nota 134.

anônimos em torno dela? Tendo como fio condutor a personagem Arminda [primeira vertente da reportagem], a autora vai em busca do contexto abrangente [2ª vertente] e das raízes histórico-culturais [*das memórias de dona Arminda, tão difíceis de arrancar na labuta do bazar, vou buscar a arqueologia da praça Buenos Aires*] e recorre ao poema Higienópolis, de Mário de Andrade, que fala de Higeiras décadas do século XX: [*Higienópolis!...as Babilônias dos meus instintos baixos.../casas nobres de estilo... Enriqueceres em tragédias...*]. A narrativa prossegue e se “autoconduz livre, solta, apenas aparafusada por vírgulas e alguns pontos, (...) o ritmo de leitura se funde com o ritmo da representação simbólica de um diálogo profundo¹⁷⁴”. A quebra de barreiras estilísticas tradicionais na relação dialógica dá à narrativa, amparada por uma arguta observação da realidade externa e do universo subjetivo da *Dama das Miudezas*, “uma fluência-eficiência” na comunicação. No esforço para entender Higienópolis, Cremilda recorre à historiadora Maria Cecília Naclério Homem [4ª vertente] para formar os nexos de Higienópolis dentro do contexto da metrópole.

A reportagem-ensaio apresentada é um dos muitos exemplos que buscam caminhos que ampliam as formas de compreensão e atuação no jornalismo. As quatro vertentes da reportagem podem ser incorporadas como as sugeridas pelo pesquisador catalão Miquel Moragas Spà. Em 1988, por ocasião do 16º Congresso Internacional da

¹⁷⁴ A citação é de uma análise que autora faz em “*Entrevista: Um diálogo possível*” [Ática, 200, p.62] sobre um fragmento de diálogo entre Ricardo Reis e Fernando Pessoa, retirado do livro “*O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago.

IAMCR [*International Association for Media and Communication Research*], realizado em Barcelona e que teve como tema “Comunicação Social e identidade cultural¹⁷⁵”, Moragas Spà apresentou um diagnóstico abrangente sobre as práticas culturais e comunicativas. Segundo ele, numa comunicação democrática, torna-se necessário ampliar o conceito de identidade para incluir toda uma série de novos contextos. Para Moragas Spà, as identidades mobilizam o leitor cultural [artista, pesquisador ou comunicador] para o uso pluralista de quatro ferramentas mentais¹⁷⁶: 1) geopolítica: os vários contextos em que as decisões políticas são tomadas: local, nacional, regional, estatal e transnacional; 2) Lingüístico: segundo o pesquisador, as fronteiras da língua dão uma melhor definição da maioria das identidades culturais do que as políticas de fronteira, tornando a língua um modo privilegiado de acesso às identidades culturais no mundo contemporâneo; 3) Histórico: são critérios que unem diferentes povos através de concepções de vida e sociedade que partilham tradições filosóficas, literárias, artísticas ou teológicas e 4) Social: variações entre os conceitos mais conhecidos [rural e urbano, população jovem/velho, contexto políticos, etc] para novos conceitos emergentes na sociedade pós-industrial, mulheres, cidades, homossexuais, imigrantes, prisioneiros etc. De acordo com ele, uma *New Internation Order of Communication* só

¹⁷⁵ SPÀ, Miquel de Moragas. *Cultural Identity, Communication Spaces and Democratic Participation. A View from Catalonia*. Barcelona, IAMCR, 1988.

¹⁷⁶ Tradução nossa.

seria possível se houver um equilíbrio entre a comunicação que flui entre esses diferentes contextos.

Um outro aspecto interessante [e que será abordado no próximo capítulo] é perceber que o jornalista nos centros urbanos perdeu a dimensão de um aspecto das cidades que poderíamos chamar de “auto-organização social”, na leitura do ensaísta Daniel Innerarity. Ao fazer uma leitura sobre a política contemporânea, o autor catalão aponta algumas características da sociedade [e da política contemporânea] em que denomina de “novas formas de governar sem governo¹⁷⁷”, ou seja, mecanismos reguladores numa esfera de atividade que funcionam efetivamente, mesmo quando não lhes foi conferida uma autoridade formal. Ao analisar o que denomina de nova cultura política, o autor procura discutir a transformação da maneira de entender o estado e o governo numa época em que a “separação do estado e da nação é o aspecto mais importante do trânsito da modernidade para a era global”¹⁷⁸.

¹⁷⁷INNERARITY, Daniel. A transformação da política. Portugal, Editorial Teorema, 2002, p. 175.

¹⁷⁸ Ibid., p.175.

3.4 – A série nos espaços públicos

Grande parte dos lançamentos do *São Paulo de Perfil* ocorreu em espaços públicos da cidade. Bairros, Câmara de vereadores de São Paulo, metrô, Pátio do Colégio etc. Sempre tentando reunir a comunidade inserida no assunto, como o lançamento de *O Primeiro Habitante* (vol. 10), ocorrido no metrô Consolação com a participação dos [índios] protagonistas do livro¹⁷⁹.

Outro ponto a ser destacado é que parte dos mil exemplares é destinada a bibliotecas públicas, centros comunitários, presídios. Além do trabalho do colombiano Raul Osorio¹⁸⁰, da massa crítica de jornalistas-autores que passaram pelo *São Paulo de Perfil*, é importante registrar a tese de doutorado de Katiúscia Cunha Lopes¹⁸¹. A pesquisadora problematiza o hábito de leitura e aplicou livros da série *São Paulo de Perfil* em algumas escolas públicas de São Paulo [e em alguns espaços públicos] para compor sua pesquisa. Entre outros aspectos, é possível inferir, a partir de suas análises, que os jovens leitores salientam em suas avaliações, o grau de legibilidade dos livros. Por contraste com os livros didáticos, os adolescentes de 16, 17 anos consideram “bem mais atraente a cena e a saga contemporâneas narradas com vitalidade e o protagonismo de personagens e suas

¹⁷⁹ Informação fornecida por Cremilda Medina em outubro de 2008.

¹⁸⁰ Cf. nota 167.

¹⁸¹ LOPES, Katiúscia Cunha. O hábito de leitura sob o signo da relação (a leitura como ato da comunicação social). Tese de doutoramento, ECA/USP, em andamento.

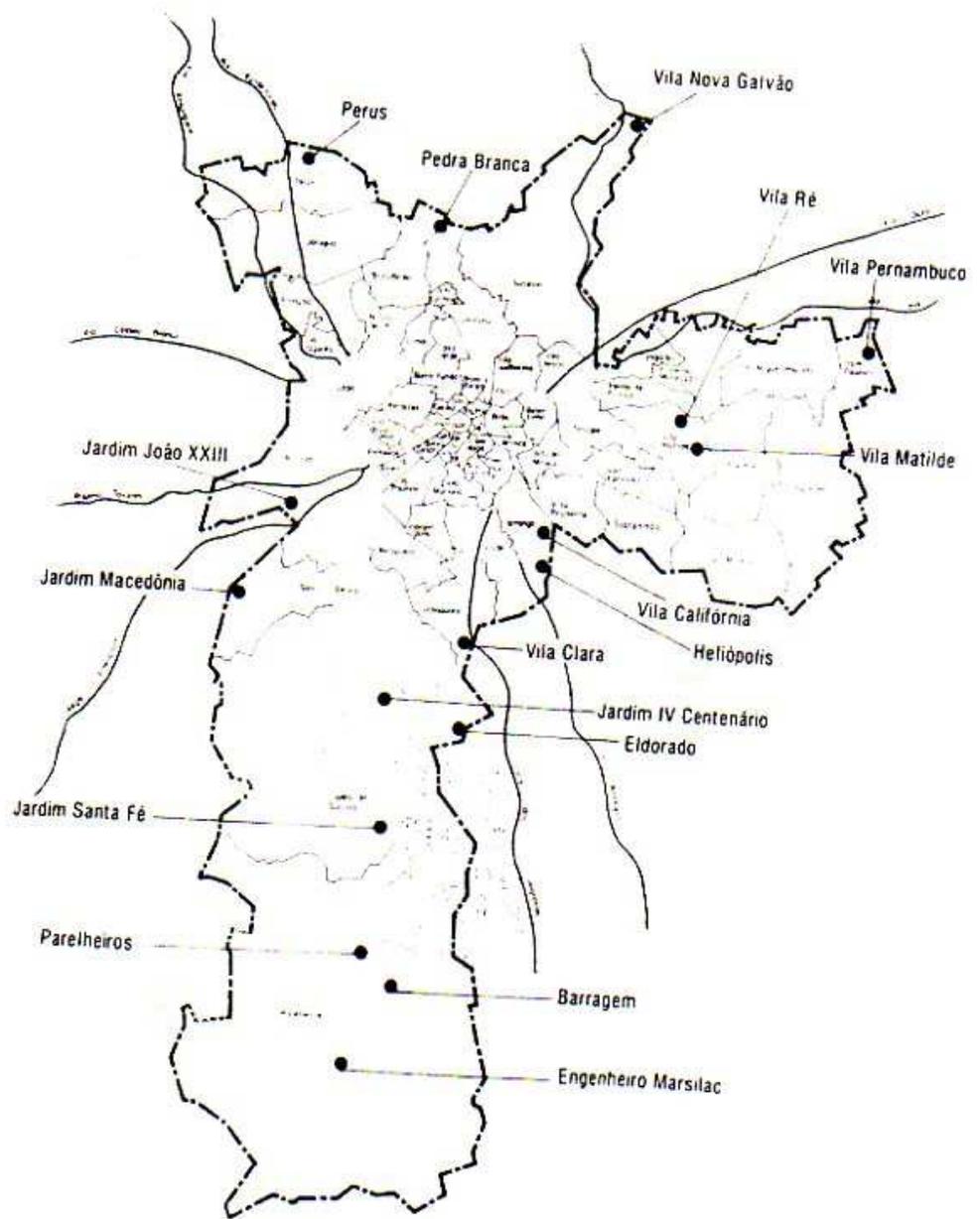
histórias de vida¹⁸²". Em segundo lugar, pesa para o leitor de uma narrativa "o grau de identificação com os anônimos e suas histórias de vida¹⁸³".

¹⁸² MEDINA, op. cit., 2006, p. 74.

¹⁸³ Idem, op. cit., 2003, p.52

Cartografia Sentimental*

(*) Esta noção tem um sentido particular em termos de método, expressado pela psicanalista Suely Rolnik, para significar de forma mais ampla o quanto as fontes de informação são heterogêneas e podem ser constituídas em diversas instâncias. Essa noção é desenvolvida em sua tese de doutorado "*Cartografia Sentimental da América - A produção do desejo na era da cultura industrial*," defendida na PUC/SP, em 1998. Uma versão adaptada da tese foi publicada pela Estação Liberdade em 1989.



*...o mapa que traço agora
é amor de menino
mama mundi me ensina
pra onde seguir
mãe de gagarin
mãe de mestre vitalino
me nina, mãe mundi*

(Mama Mundi, Chico César, álbum homônimo, 2000)

4.1 – Sonata para a cidade¹⁸⁴

(ou arqueologia dos espaços públicos polifônicos)

Em janeiro de 2007, um fato ocorrido em Franca, interior de São Paulo, chamou atenção de grande parte da imprensa brasileira.

Um jovem fotógrafo, Tiago Brandão, que trabalhava no jornal *Comércio da Franca*, saiu para cobrir uma matéria sobre a falta de água na região. Numa cena comum, uma mulher que pegava água num poço abandonado [e que lhe serviria de fonte para ilustrar o drama da falta de água] quando o filho de sete anos caiu no poço e começou a se afogar. Desesperada, a mãe do garoto, mesmo sem saber nadar, se lançou ao poço para salvá-lo. Aos olhos do repórter fotográfico, que segundo relato da época¹⁸⁵ também não sabia nadar, a cena lhe rendeu uma seqüência de quase 30 fotos, que ocupou as primeiras páginas dos principais jornais brasileiros e virou tema durante uma semana dos principais telejornais e de programas de TV.

O fato repercutiu na mídia. Vários jornais estamparam a seqüência das fotos. A mãe, “acostumada a fazer sacrifícios”, foi transformada em “heroína”, “mãe coragem”, “heroína por um dia”. As manchetes faziam alusão à vida difícil, como em “A vida por um filho”, “heroína por um dia” e ao “instinto de mãe”. Na briga pelas capas, melhor apostar na imagem agonizante. Até aí previsível. Tiago Brandão, contudo, viveu

¹⁸⁴ O título remete à obra “Sonata da última cidade”, romance sobre São Paulo de Renato Modernell, publicado pela editora Best Seller, uma divisão da editora Nova Cultura, em 1988.

¹⁸⁵ ALCANTARA, Alex Sander. “45 segundos de Agonia, 240 horas de repercussão”. In: revista IMPRENSA, Edição 221, março de 2007, p. 68-69.

uma situação ambígua. Apesar da súbita fama - a notícia foi destaque internacional - teve de conviver com a denúncia velada de que “preferiu salvar a notícia em vez do menino”.

As críticas ao fotógrafo foram sutis, uma vez que toda a imprensa se alimentou da repercussão do tema e, principalmente, das imagens agonizantes. Discussão ética à parte, o fato mais sintomático desse episódio diz respeito à omissão da imprensa em relação ao que interessava de fato. Nenhum grande jornal discutiu ou apurou [sequer foi mencionado] de quem era a responsabilidade do poço aberto, resultante de uma obra inacabada e que, segundo constava, era de responsabilidade de uma construtora. Apesar do tom sensacionalista, o jornal *O Dia* foi o único que mencionou no box da matéria o ponto central da discussão: “o buraco não era novidade, estava aberto há meses¹⁸⁶”, mas ficou só nisso. Não foi adiante. Um dia após o ocorrido, taparam o poço aberto, mas nem mesmo isso despertou o interesse dos veículos. Nenhuma matéria partiu da perspectiva do garoto, por exemplo, que não foi ouvido. Nenhum repórter voltou ao local.

O que se quer salientar aqui é que da perspectiva das ruas predomina [nos grandes jornais] a dimensão numérica [*População de favelas cresce duas vezes mais rápido que a de São Paulo em geral*¹⁸⁷], as anomalias, a violência, latrocínios, o inusitado, como já salientado no primeiro capítulo. E quando abordam as periferias é raro encontrar

¹⁸⁶ Publicado na edição de 24 de janeiro de 2007.

¹⁸⁷ Estado de S. Paulo, 01 de maio de 2009, Caderno Metrópole.

matérias que relacionem as quatro vertentes da reportagem elencadas no capítulo anterior [histórias de vida, contexto abrangente, as raízes histórico-culturais e diagnósticos e prognósticos dos especialistas]. Poderíamos ilustrar com outra reportagem “*Extremos de São Paulo mudam pouco em 10 anos*”¹⁸⁸. Em 1998 a Folha visitou quatro das áreas mais periféricas de São Paulo: os distritos de Brasilândia, na região noroeste, de Marsilac, no extremo sul, e de Itaim Paulista e São Miguel Paulista, ambos no extremo Leste e “revisitados agora, dez anos depois, é possível perceber que as redes de água, luz e esgoto foram ampliadas, mas ainda há áreas carentes até mesmo desses serviços básicos”. A abordagem se limitou aos aspectos de infra-estrutura “apesar de evoluírem em qualidade de água, esgoto e energia, bairros periféricos ainda têm áreas carentes de serviços básicos”, muito pobre menos considerando que o teor da matéria aponte a ausência do poder público nessas áreas. No desdobramento da reportagem, [10 anos depois, *Jardim Pantanal não tem mais ‘gato’*] o protagonismo anônimo aparece, mas o diálogo cumpre a pauta: iluminação e água encanada. Poderíamos elencar a combinação na matéria do ‘contexto’ [não tão abrangente] com as ‘histórias de vida’ [mesmo que restritas]. Em 10 anos, nenhum projeto social, cultural e pedagógico ocorreu? Quem são essas pessoas que vivem nessas áreas? Como sobrevivem?

¹⁸⁸ Folha de S. Paulo, 28 de dezembro de 2008, Caderno Cotidiano.

À *Margem do Ipiranga* (v.8), da série *São Paulo de Perfil*, apresenta um rico e complexo material sobre a exploração dos extremos da cidade. Tomemos como exemplo a reportagem “As Brumas de Marsilac¹⁸⁹”, de autoria de Marcelo José Abreu Lopes. Na abertura da matéria, o repórter narra e descreve a dificuldade de se chegar a Marsilac [quilômetro 54 da estrada Capivari. Baixa neblina na Serra do Mar. Dirijo meu carro. Viagem de exploração, rumo ao extremo sul que nunca chega. Essa estrada, aonde vai dar?] A primeira dificuldade [superar o medo do desconhecido] empurra o repórter um pouco mais longe. Enquanto o fotógrafo que o acompanha tira algumas fotos, Marcelo se depara com o primeiro perigo [a surpresa chega numa foto que vem atrás, toma a dianteira e fecha o caminho] Um sujeito truculento, que podava arbustos, portando dois facões, sentencia: - *Passa o filme! Passa o filme pra cá!* Foram confundidos como sendo da justiça. [vocês são da justiça, eu sei] Depois do impacto no encontro incidental, o repórter estabelece a comparação entre Marsilac com a praça da Sé, que fica a pelo menos 60 km de distância:

Difícil acreditar que ambos os lugares pertencem à mesma cidade. A Sé, símbolo de São Paulo com chafarizes, mendigos, vendedores, meninos de rua, carros, semáforos, fumaça, ônibus e metrô. Engenheiro Marsilac, um lugar que nem consta nas plantas da cidade, com suas estradas de terra batida, casas de madeira, cachoeiras, cercas, plantações, cavalos, patos, galinhas, pinheiros e eucaliptos. Dois lugares tão diferentes, mas também tão parecidos,

¹⁸⁹ Ver em anexo textos selecionados.

com os mesmos problemas de transporte, saúde, educação e segurança. E, no caso de Marsilac e região, a luta pela terra. É a face rural de São Paulo, uma cidade desigual que assim sintetiza um país chamado Brasil¹⁹⁰.

O repórter apresenta então o problema maior da região: a luta pela terra. O problema da ocupação irregular e clandestina de terras está presente também em algumas reportagens de *À Margem do Ipiranga*, como em “Por um Palmo de Terra¹⁹¹” em que se aborda o problema de invasão e do comércio ilegais de terras em Vila Pernambuco, no extremo Leste da cidade.

Em Marsilac o repórter mergulha para entender o contexto abrangente, “a briga entre posseiros e grileiros existe e já matou muito gente” na região:

O processo de discriminação de posse das terras da região começou na década de 30. Mas é tão demorado que até hoje não terminou. De lá pra cá, muita coisa mudou. Terras foram abandonadas, novos posseiros apareceram, lotes foram vendidos e vários foram roubados através das manobras mais incríveis, arranjando-se papéis falsos, falsas escrituras e toda a sorte de acordos verbais que depois são esquecidos, além é

¹⁹⁰ LOPES, Marcelo José Abreu. “As brumas de Marsilac”. In: MEDINA, Cremilda. *À Margem do Ipiranga*, coleção São Paulo de Perfil (v. 8), CJE/ECA/USP, 1991, p. 242.

¹⁹¹ LOPES, Ana Cristina. Por um palmo de terra. In: MEDINA, Cremilda. *À Margem do Ipiranga*, coleção São Paulo de Perfil (v. 8), CJE/ECA/USP, 1991, p. 69-76.

claro, de um bom grupo de grupo de jagunços para despejar os relutantes.

Em sua segunda visita à região, o jornalista pega a estrada de ônibus que parte de Parelheiros, distante 14 quilômetros de Marsilac, o ponto mais remoto do extremo Sul a que o ônibus pode chegar. Durante o trajeto, [de uma espera que pode chegar a 2 horas], em diálogo com os passageiros, Marcelo colhe mais detalhes sobre o grande problema da região. Além da carência completa de infra-estrutura: em Marsilac não existe hospital, posto policial, escolas, farmácia, mas sobra espaço para as atividades ilegais. É uma terra sem lei.

- tá vendo esse caminhão aí? [pergunta um dos passageiros]. É tudo carregamento ilegal. Só circulam de sábado, domingo e feriado. Eles desmatam e ninguém fiscaliza. E se você for ver, esses carregamentos nem nota fiscal tem.

Ao chegar a Marsilac a descrição dá uma dimensão do lugar: *à primeira vista, a vila se resume em uma dezena de casas [...] não existem muito mais ruas em Marsilac. As casas são simples e velhas. Deixam a impressão de que são as mesmas há décadas. Aliás, não são só as casas. Você olha para Marsilac e tem a nítida impressão de que parou no tempo.*

Composto o cenário, o repórter sai em busca dos protagonistas anônimos. Descobre Guilherme, baiano de Itapicuru, perto de Salvador.

Sua história: o passado dele é rápido. Abandonou um casamento com filhos e tudo e veio para São Paulo. Morou em São Mateus e na Moóca antes de vir para Marsilac, onde está desde 1982. É um faz tudo em Marsilac, mas os moradores pensavam que baiano fosse grileiro, jagunço. Com ele, Marcelo faz um passeio turístico. É através dele que o repórter conhece "Vó Ana", a protagonista principal da reportagem, ela benze as crianças de Marsilac e das redondezas há muitas décadas.

Marcelo visitou vó Ana num dia de chuva torrencial. Novamente, no fim de linha, em sua terceira visita, reforça a impressão de que Marsilac lhe despertara: a vila está encolhendo cada vez mais, parecia uma vila fantasma. Portas e janelas trancadas, rara alma pela rua. Apenas o canto de uma araponga corta o silêncio. A casa de vó Ana fica no alto de uma subidinha de terra.

Dona Ana Rosa, 78 anos de vida, é a personificação do tempo em Marsilac, onde mora desde 1936, sempre na mesma casa de taipa que não deve ter mais de dez metros quadrados. Vó Ana era parteira: quase todo mundo nasceu nas minhas mãos. É através dela que o repórter fica sabendo que antes havia loja, farmácia, padaria, açougue. Pouco a pouco tudo foi acabando. Agora, até a igreja está ameaçada: o padre não vem mais. Vó Ana não esconde sua preocupação: já estamos há quase um mês sem ninguém. Como a gente vai fazer sem missa?

Em seu retorno de ônibus, cruzando a cidade, Marcelo mistura sensações e impressões da Marsilac que vai deixando para trás e a São Paulo que vai nascendo aos seus olhos a cada quilômetro:

No mesmo espaço, o tempo se confunde. Lado a lado, os galpões de Marsilac e os arranha-céus da Paulista. A estrada das Sete Curvas as avenidas expressas. São Paulo que cresce absurdamente. Marsilac, que encolhe a todo ano, cai no esquecimento. Marsilac, que não tem farmácia, nem padaria, nem médico, nem polícia, nem orelhão. Marsilac, que, quando descerem as próximas brumas da Serra do Mar, pode desaparecer para sempre.

No desfecho da matéria, o repórter fornece as 'pistas' interpretativas de Marsilac. A descrição capta a atmosfera misteriosa da vila, meio sombria, sem luz, a esmo, na face cruel da São Paulo que empurra para longe o que não entra em sua lógica. "As Brumas", que significam neblina, nevoeiro, névoa que reduz a visibilidade pode ser deslocada metaforicamente para a imagem social de Marsilac. Um livro chamado "Brumas da História do Brasil¹⁹²" aborda a 'história' do povo cigano no

¹⁹² PAIVA, Asséde. Brumas da História do Brasil, Ciganos & Escravos, a verdade, 2006. Disponível no site do autor <http://www.ciganosbrasil.com/>

país. Apesar da dificuldade de obtenção de fontes primárias, o livro *Investiga*, com riqueza de detalhes, o envolvimento de ciganos no processo escravista no Brasil. E combate a ideia de que foram comerciantes de escravos, um povo eternamente excluído, vítima de preconceito feroz, marginais da sociedade e com a polícia permanentemente em seu encalço.

Numa segunda leitura, a reportagem dialoga com a novela de cavalaria *As Brumas de Avalon*, da escritora Marion Zimmer Bradley, saga medieval que narra a lenda do Rei Artur, que entre diversas leituras representa o mito fundante da formação da Europa, a luta por territórios [por terras em Marsilac]. O detalhe é que o romance narra a partir da perspectiva feminina. Em Marsilac, Vó Ana é a personagem¹⁹³ mais forte, é a preservação da memória e a manutenção da ordem moral de Marsilac [Sou mãe e avó de muita gente aqui]. É um lugar com características que lembram os cenários medievais:

Já é noite. Volta e meia caem uns chuviscos mais fortes. Finalmente, chega o único elo de ligação dali com o resto do mundo, um ônibus CMTC que, como uma máquina do tempo, vai me levar de volta à contemporaneidade.

¹⁹³ Coincidentemente, a atual presidente da Associação Comunitária de Engenheiro Marsilac é uma voz feminina, Maria Lucia Cirillo. Endereço: Rua Manoel Martins de Araújo, nº 20, CEP. 04891-390, Telefone: (11) 5975-2122.

E a contemporaneidade encontra, nos subterrâneos da cidade, significados profundos. Em “Por baixo da Terra, de olho na paisagem¹⁹⁴”, o jornalista Sinval Medina põe do avesso a ideia segundo a qual o metrô é um péssimo meio de transporte para quem chega a uma cidade desconhecida: você se enfia debaixo da terra, anda quilômetros sem ver absolutamente nada, emerge num ponto completamente diferente daquele em que mergulhou, perde o senso de direção e a noção de distância, não sente o bulício das ruas. Depois de apresentada toda uma enxurrada de argumentos contra os metrôs, tão consistentes que, aparentemente, não há como negá-los, Sinval lança seu voo solo:

Mas a opção pelo transporte não serve apenas para agilizar os deslocamentos. Esse é só o lado prático da questão. Mesmo por baixo de terra, as cidades são capazes de revelar surpreendentes traços de personalidade. Ou melhor, da personalidade de seus habitantes.

Ao comparar no plano material as diferenças entre o metrô de São Paulo com os de diversas partes do mundo, o jornalista mostra como as diferenças entre os vários metrôs [que ele conhece] são enormes.

Mas o que me chama mais atenção, quando observa o metrô, não são esses aspectos materiais ou as diferenças entre os

¹⁹⁴ MEDINA, Sinval. “Por baixo da Terra, de olho na paisagem”. In: MEDINA, Cremilda. Cotidianos do Metrô, coleção São Paulo de Perfil (v. 22), CJE/ECA/USP, 1999, p. 159-163.

vários sistemas ao redor do mundo, compreensíveis já que se fundamentam na cultura de transporte público e até mesmo na História de cada país.

Ao lembrar essas ideias, Sinval reforça a convicção de que o metrô não é apenas um sistema ferroviário que corre por baixo da terra. Afinal, em qualquer cidade onde se implante, ele cria novos hábitos e, ao mesmo tempo, amolda-se à cultural local. E lança a chave fundamental [e mítica] de que essa descida às entranhas do Planeta desperta na alma humana atavismos e reações que, sob a luz do sol, mantemos sob controle. Em outras palavras:

[...] ao mergulhar nos túneis do metrô, voltamos às cavernas, liberta-se o australopiteco que existe dentro de nós e passamos a ver em cada desvão do teto, em cada sombra da parede, em cada nesga de escuridão, um dragão mitológico ou, no mínimo, um tigre dente-de-sabre.

Isso explicaria, segundo ele, a atitude desconfiada, distante, defensiva que a maior parte das pessoas assume no interior do metrô, atitude que se traduz num isolamento que contraria o ditado "nenhum homem é uma ilha". De baixo da terra, os homens e mulheres tendem a cercar-se de defesas por todos os lados: a mais comum é refugiar-se atrás de um livro ou jornal. É bom lembrar, contudo, que essa atitude de isolamento varia de cidade para cidade, de cultura para cultura, de metrô para metrô. MAS, se há um lugar onde a síndrome da caverna se mostra menos intensa, esse lugar é São Paulo.

[...] aqui também sinto um certo ar de desconfiança na multidão que lota as plataformas e vagões. Afinal, a escuridão dos túneis, com seus perigos reais e imaginários, ainda permanece na memória genética de todos nós.

Essa reportagem-ensaio [ou ensaio, se preferir] dialoga com toda uma tradição da cultura ocidental que vê na escuridão as trevas, a ignorância, um legado que ganhou força com o Iluminismo, mas que remete ao Mito da Caverna, narrado por Platão [428-347] em *A República*, uma das mais poderosas metáforas imaginadas pela filosofia, em qualquer tempo, para descrever a situação geral em que se encontra a humanidade, escrita há quase 2500 anos inspirou e ainda inspira inúmeras reflexões pelos tempos a fora. A mais recente delas é o livro de José Saramago, *A Caverna* e, também, *Ensaio sobre a Cegueira*. Sinal dialoga com a Caverna, mas não para negá-la ou referenciá-la, mas para mostrar como esse elemento mítico está muito vivo em cada um de nós, mesmo dotado das condições materiais da história.

Saindo dos subterrâneos, a estação de metrô permite um passeio pelo centro histórico de São Paulo. A partir da crônica “Voltas ao redor do centro¹⁹⁵”, a escritora Julieta de Godoy Ladeira, na descrição da cidade, em suas lembranças da infância, faz um passeio pela memória afetiva do centro de São Paulo. Numa gradação narrativa, a autora sugere, num tom quase saudosista, [*Meu coração aperta, mas não por nostalgias*] que não há mais solução para a metrópole que viu crescer [aperta por ver, por saber: não dá mais para soar nenhum riso dos bons dentes, não há bons dentes, nem bom humor, nem bons gestos delicados agradecendo aplausos], é surpreendida, no entanto, com o renascer constante da metrópole: [Há a cidade, só a cidade. Ela respira mal, ela vive mal, não cabe nas ruas, salta e se esconde, vejo-a em agonia e, de repente, nascendo]¹⁹⁶”.

Pelo pequeno recorte nas três formas de texto acima [reportagem, ensaio e crônica], gêneros que se abrigaram no *São Paulo de Perfil*, e pelas análises de outros pesquisadores, tentou-se mostrar a riqueza polissêmica e polifônica dos espaços de São Paulo que fogem das fórmulas convencionais e gramaticalizadas do fazer jornalismo contemporâneo.

¹⁹⁵ LADEIRA, Julieta de Godoy. “Voltas ao redor do centro”. In: MEDINA, Cremilda. Vamos ao Centro, São Paulo de Perfil, nº15, CJE/ECA/USP, 1994, p. 279-284.

¹⁹⁶ Ibid., p. 283.

5.0 – Apenas algumas palavras...

Como já ressaltado no segundo capítulo, a falta de patrocínio põe em dúvida o futuro da coleção *São Paulo de Perfil*. Muitas incertezas pairam sobre sua continuidade. O fato é que o ato culminante do curso que examinou [e ainda examina] a construção teórico-prática do Jornalismo no Brasil, está registrado na série de forma a fornecer ao pesquisador, jornalista ou qualquer leitor cultural ferramentas para se pesquisar a cidade de São Paulo pelo olhar jornalístico. Podemos entender o surgimento da série *São Paulo de Perfil* como o de uma utopia possível: uma das principais manifestações do desejo de formar jornalistas, em seu sentido mais profundo como um construtor fundamental de sentidos da contemporaneidade, um leitor cultural, um mediador social dos discursos da atualidade. Os alunos que compõem uma equipe de autores e que assinam a polifonia da coleção e os avanços da pesquisa de comunicação social, estão hoje [muitos acumulam experiência de mais de uma década] ocupando outros espaços de atuação profissional em vários meios de comunicação espalhados pelo país. O *São Paulo de Perfil* representou [e representa ainda] uma pequena parcela de contribuição para a atuação jornalística, mas com direito próprio de existência na história do jornalismo brasileiro. A série vem conseguindo provar que as novas narrativas, mediadas pela comunicação social, em particular pelo jornalismo, podem apontar caminhos, influenciar tendências e

estabelecer um diálogo entre a crise de paradigmas e as novas formas de conhecimento na contemporaneidade. E aos novos mediadores sociais cabe-nos a instigante tarefa de mergulhar na difícil arte de tecer o presente.

6.0 – Referências Bibliográficas:

- ABRAHÃO, Sérgio Luís. *Espaço público: do urbano ao político*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2008.
- ARANTES, Antônio A. *Paisagens Paulistas: transformações do espaço público*. São Paulo: Editora da Unicamp/Imprensa Oficial, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- BORJA, Jordi & MUXÍ, Zaida. *El espacio público: ciudad y ciudadanía*. Barcelona, Electa, 2003.
- TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: Três cidades em um século*. 4ª edição, São Paulo, Cosac Naify, 2007.
- BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- CALABI, Donatella. *A Cidade do Primeiro Renascimento*. Trad. Marisa Barda. São Paulo, Perspectiva, 2008.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 2ª ed., São Paulo Editora 34 & Edusp, 2003.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo, Studio Nobel, 1993.
- CASTELLS, Manuel. *La ciudad y las masas*. Madrid, Alianza, 1983.
- COVRE, Maria de Lourdes Manzini. *O que é cidadania*. São Paulo, Brasiliense, 2006.
- DE TOLEDO, Roberto Pompeu. *A Capital da Solidão: uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro, editora Objetiva, 2003.
- KUNSCH, Dimas Antonio. *Maus Pensamentos: os Mistérios do Mundo e a Reportagem Jornalística*. São Paulo, Annablume, 2000.

EDUARDO, Bueno (org). *Os nascimentos de São Paulo*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Mediocridade e Loucura*. São Paulo, Ática, 1995.

FERREIRA, Carlos Rogé. *Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas*. São Paulo, Edusp, 2004.

FREITAG, Bárbara. *Teorias da Cidade*. Campinas (SP), Papyrus, 2006.

FERIN, Isabel. *Comunicação e Culturas do Cotidiano*. Lisboa, Quimera, 2002.

GENTILLI, Victor. *Democracia de massas: jornalismo e cidadania (estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação)*. Porto alegre, EDIPUCRS, 2005.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

INNERARITY, Daniel. *A transformação da política*. Trad. Anuel Ruas. Lisboa, editora Teorema, 2005.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo, Editora Unesp, 1998.

_____. *Memória e História*. In: Enciclopédia Einaudi, traduzida para o português pela Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, vol. I, 1984.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo, Editora Documentos, 1969.

MARQUES DE MELO, José. *Pensamento Jornalístico, a moderna tradição brasileira*. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom (30-2), 2007.

_____. *Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras*. São Paulo, Paulus, 2006.

_____. "Práxis, memória e cognição no jornalismo". *Revista Matrizes*, ECA/USP, São Paulo, Ano 2, nº 2, primeiro semestre de 2009.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2ª ed., Editora UFRJ, 2003.

MEDINA, Cremilda. *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo, Summus, 2008.

_____. *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo, Editora Paulus, 2006.

_____. *Povo e Personagem*. Canoas (RS), Ulbra, 1995.

_____. *A Arte de tecer o presente: narrativas e cotidiano*. São Paulo, Editora Summus, 2003.

_____. *Notícia, um produto à venda: Jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo, Summus, 1988.

_____. "Jornalismo e a Epistemologia da Complexidade". In: *A Crise dos Paradigmas – Novo Pacto da Ciência – 1º Seminário Transdisciplinar*, ECA/USP, 1991.

_____. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo, 4 edição, Ática, 2002.

MEDINA, Cremilda (org). *Ciência e Sociedade, mediações jornalísticas*. São Paulo, CCS/USP, Novo pacto da Ciência, vol. 8, 2005.

MORETZSOHN, Sylvia. *Pensando contra os fatos. Jornalismo e Cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro, Editora Revan, 2007.

Mumford, Lewis. *A cidade na história, suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

PRIGOGINE, Ilya. *O Fim das Certezas*. São Paulo, Editora Unesp, 1996.

PILAGALLO, Oscar (org). *São Paulo, 450 anos: Histórias e Crônicas da Cidade na Folha*. São Paulo, Publifolha, 2003.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2ª ed. São Paulo, Edusp, 2003.

_____. *Jornalismo Econômico*. São Paulo, Edusp, 2000.

SERPA, Angelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo, editora Contexto, 2007

SITTE, Camilo. A construção das cidades segundo seus princípios artísticos. São Paulo: Ática, 1992.

Suely Rolnik. Cartografia Sentimental. São Paulo, Estação Liberdade, 1989.

WILLI, Bole. São Paulo: A fisiogonomia da metrópole. São Paulo, Edusp, 1985.

VIEIRA, Liszt. Os Argonautas da Cidadania. Rio de Janeiro, Record, 2001.

Dissertações e teses:

CASTRO, Fábio de. Diálogos na cidade clandestina: narrativas contemporâneas e a cobertura dos jornais diários sobre a luta pelo direito à moradia. São Paulo: Universidade de São Paulo/Prolam, dissertação de mestrado, 2009.

YÀZIGI, Eduardo. O mundo das calçadas: por uma política de espaços públicos em São Paulo. São Paulo, Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Tese de livre docência apresentada ao Departamento de Geografia, 1997.

RESENDE, Fernando. "O olhar às avessas – a lógica do texto jornalístico". São Paulo: ECA/USP, tese de doutorado, 2002.

LAVALLE, Adrián G. Espaço e vida Públicos: reflexões teóricas e sobre pensamento brasileiro. São Paulo: Universidade de São Paulo/FFLCH, Tese de Doutorado, 2001.

VARGAS, Raul Osorio. A Reportagem Literária no Limiar do Século 21: O ato de reportar, os jovens narradores e o projeto São Paulo de Perfil. São Paulo, Dissertação de mestrado, ECA/USP, 1998.

VARGAS, Raul Osorio. *O Lugar da Fala na Pesquisa da Reportagem: "O Homem das Areias", um flagrante do Diálogo oratura-escritura*. São Paulo, Tese de doutorado, ECA/USP, 2003.

PATRÍCIO, Sales Patrício. Na ilha do boi de pano, uma *reportagem* para além do dogma da objetividade jornalística. São Paulo, tese de doutorado, USP/ECA, 2007.

PEREIRA, Beltrina da Purificação da Corte. *São Paulo: cidade misturada / cidade inconclusa zapeando a metrópole metalizada*. São Paulo, tese de doutorado, ECA/USP, 1997.

Periódicos:

MARTIN-BARBERO, Jesús. Novas sensibilidades políticas da cidade e visualidades narrativas da violência. *Revista Matrizes*, ECA/USP, São Paulo, Ano I, nº 1, jul – dez, 2007.

_____. "Cartografias Culturales: de La sensibilidad y La tecnicidad". Textos inéditos apresentados durante o curso de pós-graduação ministrado por Barbero, ECA/USP, Set., 2008.

MEDINA, "Deficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade". In: *Revista Matrizes*, PPGCOM/ECA/USP, ano 2, nº 1, segundo semestre de 2008,

CANCLINI, Néstor García. *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. In: *Revista Opinião Pública*, Campinas, V.8 n.1, maio 2002.

CANEVACCI, Massimo. *Metrópole comunicacional*. In: *Revista da USP*, São Paulo, v. 63.

FREITAG, Bárbara . *Utopias Urbanas*. Texto apresentado no X Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia, Fortaleza, 2001.

HABERMAS, Jürgen. *Comunicação Política na sociedade mediática: o impacto da teoria normativa na pesquisa empírica*. In: *Revista Líbero*, ano XI, nº 21, junho de 2008.

MIÈGE, Bernard. *O espaço público: perpetuado, ampliado e fragmentado*. *Novos olhares: revista de estudos sobre práticas de recepção a produtos mediáticos*, São Paulo, ano 2, n.3, p.4-11, 1o sem. 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista*. *Revista da USP*, São Paulo, ECA/USP, v. 63, p. 16-35, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. "São Paulo, que tragédia". In: *IstoÉ*, edição 1209, 02/12/92.

SEVCENKO, N. São Paulo, não temos a menor idéia. In: Revista Carta Capital, 29/09/1999.

PICCINI, Mabel. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. In: Revista Opinião Pública, Campinas, V.9 n.2, maio 2003.

ROUANET, Sergio Paulo. "É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? - história material em Walter Benjamin 'Trabalho das passagens'". In: Revista USP No. 15.

Sites/Links:

1 - LABEURB - Laboratório de Estudos Urbanos da Universidade de Campinas (Unicamp):

O núcleo de pesquisa multidisciplinar, centro de extensão e produção cultural, criado em 1992, é um centro de referência nos estudos da cidade, analisada da perspectiva da linguagem, através de estudos e pesquisas discursivas que relacionam o sujeito, a linguagem e a história.

<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/home/index.lab>

2 - Centro de Estudos da Metrópole (CEM)

O Centro de Estudos da Metrópole dedica-se ao estudo das dinâmicas recentes de transformação urbana, com destaque para a Região Metropolitana de São Paulo. O projeto abrange três áreas: Pesquisa; Transferência e Difusão. Com sede no Cebrap, o

CEM é parceiro da Fundação Seade, dos departamentos de Ciência Política (DCP) e Sociologia (DS) da FFLCH-USP, da TV Cultura, da ECA-USP, do SESC/SP e do Inpe. O site apresenta uma rica produção do CEM - publicações, artigos, bases de dados, produção audiovisual e servidores de mapas, disponível para consulta e interação.
<http://www.centrodametropole.org.br/home.html>

3 – Fundação Sistema Estadual de Análises de Dados (SEADE)

A Fundação Seade é, hoje, um dos mais especializados centros nacionais de produção e disseminação de pesquisas, análises e estatísticas socioeconômicas e demográficas. Descendente da Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo, criada em 1892, transformou-se em Fundação, em dezembro de 1978.
<http://www.seade.gov.br/index.php>

Livros da coleção São Paulo de Perfil

- 1 - Virado à paulista** (1987), memória de 17 constituintes por São Paulo;
- 2 - Vozes da Crise** (1987), relatos populares que interpretam a crise brasileira,
- 3 - Nos passos da Rebeldia** (1988), três décadas de movimento estudantil
- 4 - Forró na Garoa** (1988), histórias dos nordestinos em São Paulo;
- 5 - Hermanos Aqui** (1989, a saga dos hispano-americanos na Paulicéia.
- 6 - A Casa Imaginária** (1989), problemas habitacionais e representações simbólicas do lar;
- 7 - Paulicéia Prometida** (1990), história de judeus que chegaram ao planalto;
- 8 - À Margem do Ipiranga** (1990), o cotidiano nos extremos da metrópole;
- 9 - A Escola no Outono** (1991), o sonho de uma primavera na educação;
- 10 - O Primeiro habitante** (1992), mitos e lamentos do índio;

- 11 - **Farra Alforria** (1992), como São Paulo brinca;
- 12 - **Tchau Itália, Ciao Brasil** (1993), história de vida dos italianos;
- 13 - **Guia das Almas** (1993), vivências religiosas na terra de Anchieta;
- 14 - **Nau dos Desejos** (1994), a viagem secular do imigrante português;
- 15 - **Vamos ao Centro** (1994), um passeio ao coração de São Paulo;
- 16 - **Axé** (1996), no retorno da herança negra;
- 17 - **Tietê, mãe das águas** (1995), no leito do rio e seus afluentes;
- 18 - **Viagem ao Sol poente** (2000), a contribuição da migração japonesa;
- 19 - **Bem viver, mal viver** (1996), há qualidade de vida em São Paulo;
- 20 - **Mundão véio sem porteira** (1997), tradição e cultura caipira em São Paulo;
- 21 - **Chá de Bambu** (1998), a infância e o século XXI;
- 22 - **Cotidianos do Metrô** (1999), viagem no ambiente das estações;
- 23 - **Ó Freguesia, quantas histórias** (2000), era a paragem paulistana;
- 24 - **Sagas do Espigão** (2002), noventa anos de medicina e vida;
- 25 - **Caminho do Café: Paranapiacaba, museu esquecido** (2003)
- 26 - **USP Leste, nossos vizinhos** (2006)
- 27 - **Andanças** (Transportes e espaços de São Paulo/no prelo, 2009)

O projeto São Paulo de Perfil em outras instituições:

MEDINA, Cremilda (org). *Narrativas a céu aberto: Modos de ver e viver em Brasília*". Brasília, UnB, 1998.

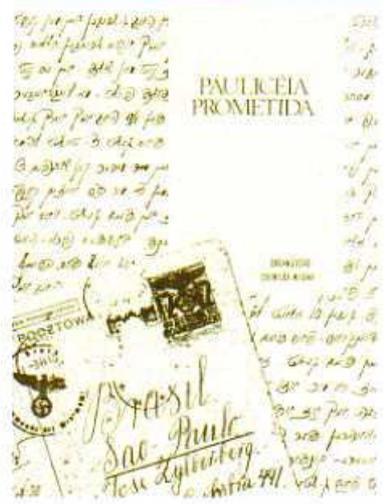
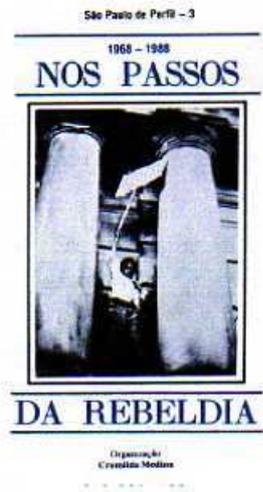
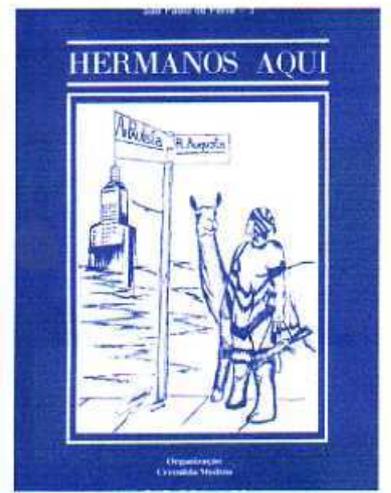
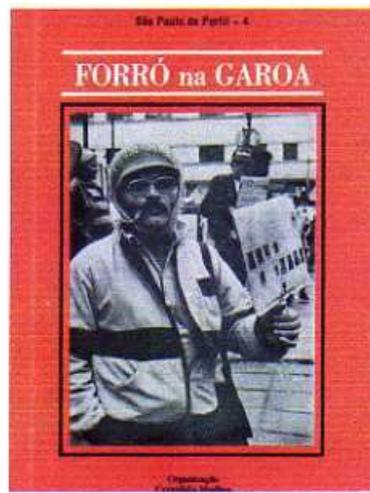
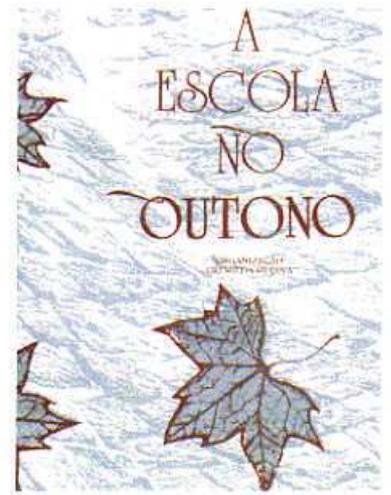
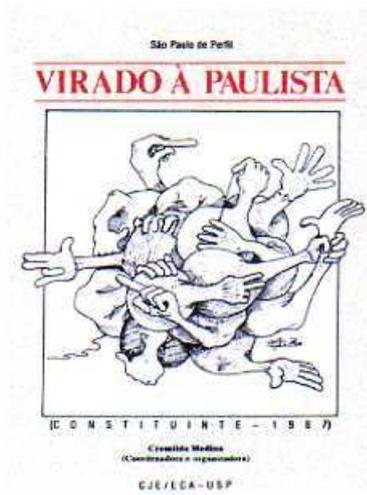
MEDINA, Cremilda (org). *Bahia de Perfil: Narrativas de todos os santos*. Salvador, editora Faculdades Jorge amado 2008.

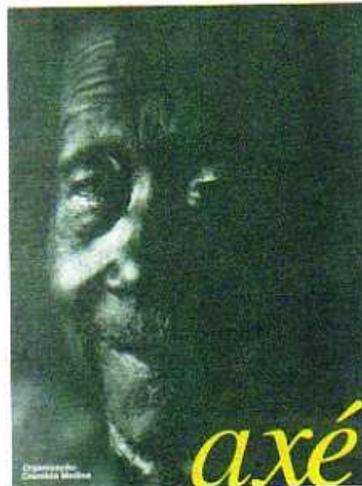
No município de Mococa (SP):

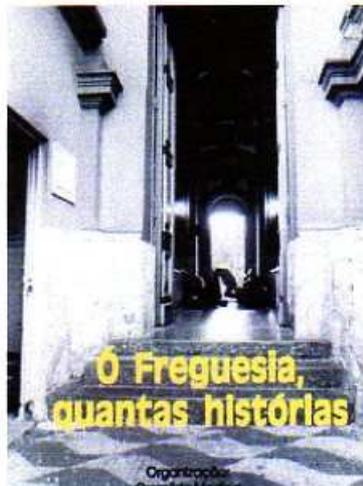
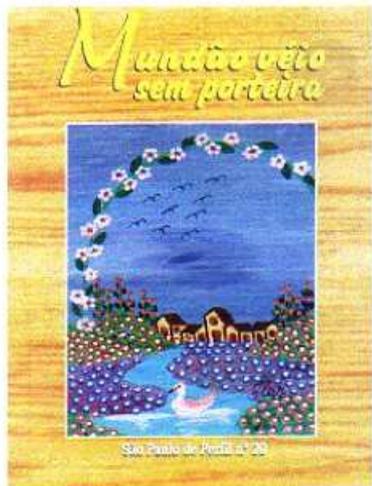
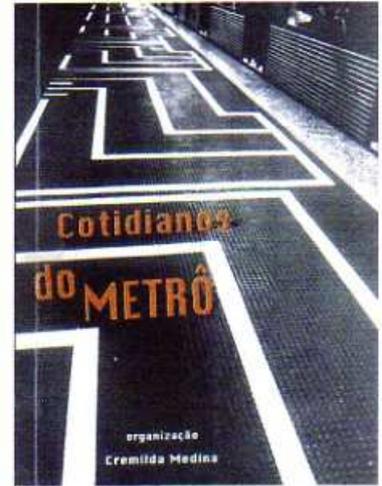
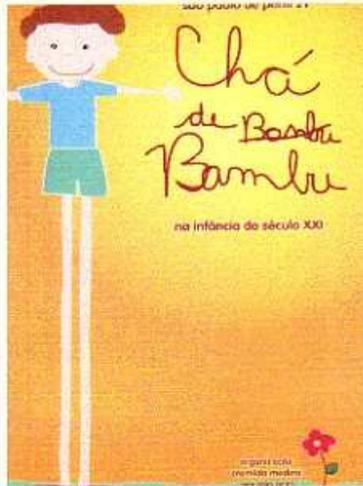
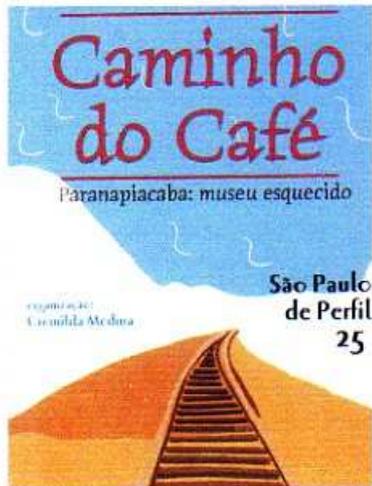
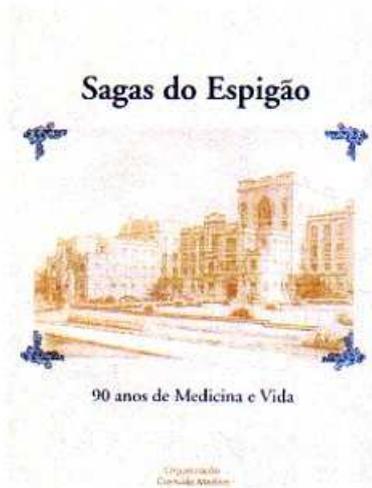
MEDINA, Cremilda (org.) *Mococa, doces histórias*. Estação USP/CCS/USP, 2007.

Anexo A:

Todas as capas







Anexo B:

Reportagens do São Paulo de Perfil

(consultar versão impressa)

Anexo C:

Ensaio Fotográfico
(consultar versão impressa)

Anexo D:

Matérias publicadas sobre o São Paulo de Perfil; Ofício,
convênio da Secretaria de Estado da Educação

(consultar versão impressa)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)